



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Cássio da Silva Moraes Afonso

RELIGIÃO E POLÍTICA:

O uso da religião nos discursos do candidato à presidência Jair Bolsonaro nos comícios de campanha à reeleição de 2022 no Estado de Minas Gerais

BELO HORIZONTE

2025

Cássio da Silva Moraes Afonso

RELIGIÃO E POLÍTICA:

O uso da religião nos discursos do candidato à presidência Jair Bolsonaro nos comícios de campanha à reeleição de 2022 no Estado de Minas Gerais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Linha de pesquisa: Religião, Política e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Teodoro da Silva.

BELO HORIZONTE

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

A257r	Afonso, Cássio da Silva Moraes Religião e política: o uso da religião nos discursos do candidato à presidência Jair Bolsonaro nos comícios de campanha à reeleição de 2022 no Estado de Minas Gerais / Cássio da Silva Moraes Afonso. Belo Horizonte, 2025. 116 f. Orientador: Wellington Teodoro da Silva Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião 1. Bolsonaro, Jair, 1955- . 2. Comícios - Minas Gerais. 3. Campanha eleitoral. 4. Análise do discurso. 5. Messianismo. 6. Religião e política. 7. Tática política - Aspectos religiosos. I. Silva, Wellington Teodoro da. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.
-------	---



SIB PUC MINAS

CDU: 261.7

Cassio da Silva Moraes Afonso

RELIGIÃO E POLÍTICA:

O uso da religião nos discursos do candidato à presidência Jair Bolsonaro nos comícios de campanha à reeleição de 2022 no Estado de Minas Gerais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Prof. Dr. Wellington Teodoro da Silva - PUC Minas (Orientador)

Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho - PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros - PUC Goiás (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Fabiano Victos de Oliveira Campos - PUC Minas (Suplente)

Belo Horizonte, 17 de março de 2025

AGRADECIMENTO

Ao Professor Doutor Wellington Teodoro da Silva, primeiro por me aceitar como orientador sem mesmo nos conhecermos, e pela paciência e dedicação na orientação, que só veio a me enriquecer como acadêmica e como pessoa.

A Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) que apoiou esse trabalho, através de concessão de uma bolsa de estudo, na qual sem esse apoio a presente pesquisa não seria feita.

A secretaria de pós-graduação (em especial a Dênia e Walisson), que me atenderam em qualquer hora que precisava.

Aos meus pais que sempre me deram apoio para seguir qualquer caminho que eu quisesse, incentivando o meu crescimento intelectual.

A minha esposa que sempre apoiou e incentivou a busca pelo conhecimento. Essa honra não apenas minha, mas também de minha esposa, que nessa jornada tem me encorajado, inspirado e tolerado. A Vanessa peço perdão se fui chato, aborrecido e pouco presente nas coisas do dia a dia, mas saiba que te amo e muito obrigado.

Por fim, mas não menos importante, diria que é o mais importante atualmente, ao Levi, que nasceu no decurso dessa pesquisa, e me trouxe ânimo e força de vontade para continuar.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as estratégias discursivas utilizadas por Jair Bolsonaro durante os comícios no primeiro turno no Estado de Minas Gerais de sua campanha eleitoral de 2022, com ênfase nas dimensões religiosas e na construção de uma identidade messiânica. A pesquisa aborda, inicialmente, o contexto histórico e político que culminou na ascensão de Bolsonaro, destacando a sua figura como uma resposta a demandas populares. Em sequência, são analisados os discursos proferidos em diversas cidades de Minas Gerais, evidenciando o uso da retórica religiosa e a mobilização emocional dos eleitores. A dissertação também discute a demonização de opositores e a construção de uma narrativa dualista entre o “bem” e o “mal”, que tem se mostrado eficaz na mobilização de seu eleitorado. A pesquisa conclui que as estratégias de comunicação de Bolsonaro reforçam a sua imagem de líder divinamente escolhido, facilitando a adesão de segmentos cristãos e conservadores da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Jair Bolsonaro, sacralização da política, messianismo, ontologização do mal, religião e política.

ABSTRACT

The present thesis aims to analyze the discursive strategies used by Jair Bolsonaro during rallies in the first round of his 2022 electoral campaign in the state of Minas Gerais, with an emphasis on religious dimensions and the construction of a messianic identity. The research initially explores the historical and political context that led to Bolsonaro's rise, highlighting his figure as a response to popular demands. Subsequently, the speeches delivered in several cities of Minas Gerais are analyzed, revealing the use of religious rhetoric and the emotional mobilization of voters. The thesis also discusses the demonization of opponents and the construction of a dualistic narrative between "good" and "evil," which has proven effective in mobilizing his electorate. The research concludes that Bolsonaro's communication strategies reinforce his image as a divinely chosen leader, facilitating the adherence of Christian and conservative segments of Brazilian society.

Keywords: Jair Bolsonaro, sacralization of politics, messianism, ontologization of evil, religion and politics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 - Jair Bolsonaro: Religião, Política e os discurso no Estado de Minas Gerais	12
1.1 Da origem política de Jair Messias Bolsonaro ao ano de sua candidatura a presidente da república em 2018.....	12
1.2 A Direita E O Conservadorismo De Bolsonaro	23
1.3 Bolsonaro: Discursos realizados no Estado de Minas Gerais no primeiro turno das eleições presidenciais 2022.	32
2 – Bolsonaro e a Sacralização da Política.....	43
2.1 A Construção do Culto à Personalidade de Bolsonaro.....	43
2.2 A sacralização nos discursos de 2022.....	58
3 – A batalha do bem contra o mal.....	73
3.1 O "candidato do Bem" e o "candidato do Mal"	73
3.2 Violência digital	86
3.3 A Ontologização do Mal no Outro.	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	112

INTRODUÇÃO

A interseção entre política e religião tem desempenhado um papel fundamental na trajetória política do período presidencial de Jair Bolsonaro. Ao longo de sua candidatura e mandato presidencial, Bolsonaro articulou um desempenho que incorpora alegados valores cristãos, princípios conservadores e uma retórica governamental marcada pela defesa da família tradicional e da ordem social. Essa abordagem estratégica não apenas conquistou a simpatia de um eleitorado religioso e conservador, mas também gerou debates e controvérsias sobre a influência da religião na esfera política e nas políticas públicas.

Neste contexto, a presente pesquisa visa examinar a relação entre política e religião nos discursos da candidatura de Jair Bolsonaro no primeiro turno no Estado de Minas Gerais nas eleições presidenciais de 2022. Estuda-se como o candidato utilizou elementos religiosos nos comícios, estratégias midiáticas e posicionamentos políticos para construir uma base de apoio sólida e mobilizar eleitores em torno de sua figura. A metodologia adotada nesta pesquisa combina a interpretação dos discursos, estudo de caso e revisão bibliográfica para investigar a sacralização da política no contexto do bolsonarismo. É válido ressaltar que não será feita uma análise de discurso. Porém através dos discursos proferidos por Jair Bolsonaro e das narrativas em torno de seu movimento, buscamos compreender como a retórica política transforma suas mensagens em um fenômeno de fé e idolatria entre seus apoiadores. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, permitindo uma interpretação profunda das interações entre religião e política, e enfatiza o papel das novas mídias no engajamento político contemporâneo, contribuindo para um entendimento abrangente e crítico desse fenômeno.

No primeiro capítulo abordaremos a trajetória do político Jair Messias Bolsonaro, até sua candidatura para presidente do Brasil. A polarização emergente desde 2013, foram fundamentais para a promoção da imagem de Bolsonaro. O uso das referências religiosas e alianças feitas na bancada evangélica, foram de suma importância para criar vínculo com a comunidade cristã. Bolsonaro professa ser cristão, de direita e conservador em sua candidatura. A relação entre política e religião em sua estratégia eleitoral, consolidou um conservadorismo religioso. A retórica religiosa presente em seus discursos, modificou o cenário político nacional. Essa investigação se propõe a contribuir para um entendimento mais aprofundado das complexidades envolvidas na interação entre política e religião nos comícios de Bolsonaro.

Ainda no primeiro capítulo veremos os quatro comícios feito por Bolsonaro no primeiro turno no Estado de Minas Gerais. A ordem das cidades foram: Juiz de Fora – MG no dia 16 de agosto de 2022, Betim – MG no dia 25 de agosto no período da manhã, capital Belo Horizonte – MG no dia 25 de agosto no período da tarde, Divinópolis – MG no dia 23 de setembro. Nos comícios do candidato ocorre uma fusão da sociedade civil em fiéis religiosos, o que direciona ao entendimento da sacralização da política. Bolsonaro cria uma atmosfera divina em torno de seus discursos. A justificativa de suas ideias, falas e ações, apoia-se em um plano divino. O candidato reafirma constantemente em sua retórica, o milagre de Deus livrando-o da morte, com a finalidade de assumir a presidência em 2018. A ideia de um plano celestial, ilustra Jair Bolsonaro como o enviado de Deus, contendo a missão salvação para a nação brasileira. Os discursos no Estado de Minas Gerais na primeira campanha das eleições de 2022, deixam clara o uso da religião na política.

No segundo capítulo, por meio do estudo destes discursos de campanha, compreendemos que houve um processo de sacralização da política por meio do uso de elementos religiosos em sua estratégia de campanha. Ao fazer referências bíblicas, como o versículo do evangelho de João 8:32, e ao realizar oração e “testemunhos” em meio aos comícios, Bolsonaro associa sua figura e sua candidatura a Deus e aos valores religiosos. Essa sacralização da política, atribuindo-se características de infalibilidade e missão divina, cria uma imagem de liderança messiânica que transcende o âmbito político tradicional e se aproxima de uma dimensão religiosa. Essa estratégia contribui para a construção de uma identidade política baseada em elementos sagrados e para a mobilização emocional e afetiva de seus seguidores, reforçando a ideia de que Bolsonaro é um líder investido de uma missão divina.

Para contextualizar, não é apenas nos discursos no Estado de Minas Gerais que Bolsonaro traz elementos religiosos. No ano de 2016 Jair Bolsonaro realiza um evento simbólico, que tem muito impacto para os fiéis cristãos. O candidato viajou para Israel e realizou seu batismo no rio Jordão. Esse rio foi o mesmo em que Jesus Cristo foi batizado como relata os evangelhos. Ao se submeter a esse rito em um local sagrado para o cristianismo, Bolsonaro reforça sua ligação com valores cristãos e sua identificação com figuras bíblicas, como profetas e líderes espirituais. Esse gesto simbólico não apenas fortalece sua imagem como defensor dos princípios religiosos, mas também o posiciona como um líder investido de uma missão divina, capaz de conduzir o país sob a proteção e orientação de Deus.

Desde 2016, pelo menos, candidato apresenta figuras simbólicas do religioso como forma da sua estratégia política, criando vínculos para aceitação de suas falas e ideias. Dessa forma, a sacralização da política no contexto da candidatura de Bolsonaro se manifesta por meio da incorporação de elementos religiosos em sua retórica, eventos simbólicos e estratégias de comunicação. Essa abordagem confere uma dimensão sagrada à liderança. Mobiliza sentimentos de devoção, fé e pertencimento entre apoiadores, consolidando a imagem de um líder político-religioso com uma missão divina.

A sacralização da política, especialmente quando associada a elementos religiosos e messiânicos, pode contribuir para a criação de um inimigo político por meio da polarização e da demonização do outro. Quando um líder político é sacralizado e apresentado como um enviado divino ou como detentor da verdade absoluta, aqueles que se opõem a ele são frequentemente retratados como inimigos não apenas políticos, mas também como adversários de Deus ou do bem. A narrativa de "nós contra eles" fortalece a visão de que o "inimigo" é uma ameaça existencial que precisa ser combatida com todas as forças, o que pode resultar em conflitos intensificados e na deterioração do diálogo e da cooperação política, criando um clima de antidemocracia.

Nessa ordem de ideias, a construção de um inimigo político se baseia na premissa de que aqueles que discordam do líder sacralizado não apenas representam uma ameaça à sua liderança, mas também são vistos como agentes do mal, contrários aos valores divinos e à vontade de Deus. Esta divisão entre seguidores do líder e seus opositores pode resultar na desumanização da oposição, dificultando o diálogo e a busca por acordos políticos. A polarização resultante desses discursos, pode alimentar um ciclo de hostilidade e reforçar a ideia de que a única maneira de preservar a ordem e a moralidade é suprimindo ou eliminando aqueles considerados inimigos políticos, vistos também como inimigos de Deus.

No terceiro capítulo, observaremos a guerra entre o bem e o mal. A sacralização da política pode, de fato, incitar um discurso de confronto e guerra contra o inimigo político, justificado pela suposta defesa dos valores sagrados e da missão divina do líder. Essa argumentação de estarmos em um conflito do bem contra o mal pode favorecer um ambiente de hostilidade e radicalização, transformando a política em um cenário de combate existencial, onde o diálogo democrático dá lugar à polarização extrema. Essa batalha não se restringe apenas ao âmbito político, mas também se reflete na sociedade em geral, o que se pode especular a hipótese de guerra civil. Esta visão é adotada não só pelos líderes, mas também pelos seguidores devotos, potencializando confrontos físicos.

A desumanização e demonização do outro como encarnação do mal é um produto do impacto da sacralização da política. A retórica messiânica de Jair Bolsonaro pode contribuir para a ontologização do mal ao apresentar seus opositores não apenas como inimigos políticos, mas como agentes do mal que se opõem à vontade de Deus. Ao associar a própria liderança a valores divinos e a uma missão sagrada, Bolsonaro pode criar uma narrativa que coloca seus oponentes como antagônicos não apenas a ele, mas à própria ordem cósmica ou moral. Isso transforma a sociedade, que buscando ser pacífica, torna-se mais hostil e conflituosa, diminuindo ainda mais o espaço para o diálogo democrático.

Portanto, essa ontologização do mal nos discursos políticos pode ter efeitos prejudiciais para a democracia e para o convívio social. Ao sustentar narrativas que estruturam conflitos inexistentes, dificulta-se o diálogo, a negociação e a busca por consensos. Ao demonizar ou descaracterizar o opositor político e retratá-lo como uma força maligna, esses discursos políticos alimentam a polarização, a hostilidade e a desumanização, criando um ambiente propício para a radicalização e a intolerância. Destaca-se ainda que a figura do medo é usada nos discursos, como “Brasil vai virar uma Venezuela” “quite gay nas escolas” e demais frases, visando condicionar o cosmo imaginário dos seus ouvintes e fieis. Assim cria-se justificativas para que o inimigo não seja somente o rival político, mas como seus apoiadores.

Contudo, essa análise torna-se evidente que a interseção entre política e religião na figura de Jair Bolsonaro não só moldou sua trajetória política, mas também influenciou profundamente o cenário político e social do Brasil. A sacralização da política, enraizada no discurso messiânico e na ontologização do mal, não apenas polariza o debate público, mas também mina os fundamentos da democracia ao transformar diferenças políticas em confrontos existenciais. Como consequência, o candidato adversário profano e inimigo de Deus, deve ser aniquilado juntamente com seus apoiadores. Essa visão de uma parcela da sociedade que é composta pelos devotos das ideias do candidato sacralizado cria um ambiente propício para a radicalização e a intolerância, prejudicando o diálogo, a cooperação política e o convívio social harmonioso, que poderíamos resumir em antidemocracia.

1 - Jair Bolsonaro: Religião, Política e os discurso no Estado de Minas Gerais

1.1 Da origem política de Jair Messias Bolsonaro ao ano de sua candidatura a presidente da república em 2018.

Jair Messias Bolsonaro iniciou sua carreira política em 1989, quando foi eleito vereador na cidade do Rio de Janeiro - RJ. Permaneceu no cargo até o ano de 1991, quando renunciou para tomar posse como deputado federal. Manteve o mandato de deputado federal nos seguintes períodos: 1991 a 1995, 1995 a 1999, 1999 a 2003, 2003 a 2007, 2007 a 2011, 2011 a 2015 e 2015 a 2018. Renunciou ao último mandato para concorrer à eleição para presidente da República, sendo eleito e assumindo o cargo pelo período de 2018 a 2022. (JAIR BOLSONARO, 2025)

Para compreender melhor como Jair Bolsonaro se tornou visível e viável para concorrer à Presidência da República, analisaremos alguns fatores entre 2013 e 2018. No ano de 2013, o país enfrentava uma série de escândalos de corrupção. A corrupção ocorrida entre 2003 e 2006 foi exposta e investigada no caso conhecido como Mensalão, cujo julgamento ocorreu entre 2011 e 2012. No entanto, foi em 2013¹ que esses escândalos começaram a vir a público de modo mais incisivo. Isso provocou na sociedade o descrédito nas instituições políticas, especialmente no Partido dos Trabalhadores (PT), que tinha um representante ocupando a cadeira presidencial. Nesse período de julgamentos e escândalos de corrupção, surgiu outro escândalo envolvendo a empresa Petrobrás, conhecido nas investigações como "Petrolão".

As eleições presidenciais de 2014 foram marcadas por uma divisão na sociedade. De um lado, havia uma parcela que não queria outro representante do PT, enquanto do outro havia quem defendesse sua permanência. A partir de 2013, uma série de eventos contribuiu para a polarização da sociedade, bem como para o aumento da popularidade do candidato Bolsonaro, que se destacou no debate como o candidato antissistema nas eleições de 2017.

Grandes protestos com significados expressivos ocorreram a partir de junho de 2013. Os escândalos de corrupção acumulados durante o governo da presidente Dilma Rousseff, do PT, geraram indignação em uma grande parcela da sociedade. Sob a frase

¹ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-06/junho-de-2013-entenda-o-cenario-de-insatisfacao-que-levou-a-protestos>

"O Gigante Acordou", amplamente divulgada pela mídia, manifestações com milhares de pessoas demonstraram uma indignação incomum contra o governo. Esses eventos ocorreram em diversos locais e alguns deles foram marcados por episódios de violência. As forças de segurança utilizaram bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo, balas de borracha e spray de pimenta para dispersar as multidões, que por sua vez responderam com ataques usando paus, pedras, incêndios em pneus, saques a lojas e confrontos físicos diretos. Essas manifestações resultaram em uma morte no Estado de São Paulo, na cidade de Ribeirão Preto, conforme noticiado pelo G1. (ALMEIDA, 2019; PROTESTOS PELO PAÍS TÊM 1,25 MILHÃO DE PESSOAS, UM MORTO E CONFRONTOS, 2013)

Esses eventos foram organizados por meio das redes digitais. Ronaldo Almeida retrata essa situação, afirmando: "aqueles que se mobilizaram para ir às ruas utilizaram com regularidade as redes digitais como plataforma de expressão, informação e discussão política, por meio de opiniões e compartilhamentos" (ALMEIDA, 2019, p. 189). Aqui vemos o adensamento da politização no meio midiático, alcançando e, ao mesmo tempo, gerando o aumento da polarização da sociedade. A influência das redes digitais, embora mais sutil nessa época, foi capaz de influenciar inúmeras pessoas de todas as idades, mobilizando-as a ir para as ruas.

O ano de 2014 também foi marcado por manifestações e repercussões negativas para a política. A Copa do Mundo de futebol foi sediada pelo Brasil, exigindo reformas ou construções de estádios. O gasto para esse evento foi estimado em 31,2 bilhões de reais, conforme noticiado pelo portal de notícias do G1. A quantia despendida para sediar o evento não foi aceita por uma parcela da sociedade, que considerou o gasto desnecessário. As manifestações tornaram-se mais intensas em todo o país, com uma das reivindicações sendo a oposição à realização da Copa do Mundo no Brasil.

Para intensificar a indignação dos manifestantes, o ex-jogador Ronaldo Fenômeno, então membro do Conselho de Administração do Comitê Organizador Local (COL) da Copa do Mundo, proferiu uma declaração que provocou grande revolta entre muitas pessoas, ao afirmar que "não se faz Copa do Mundo com hospital." Essa declaração, veiculada na mídia, teve um impacto extremamente negativo. Consequentemente, as manifestações contra o governo e a realização da Copa do Mundo não apenas aumentaram em número, mas também aumentaram a escalada dos confrontos entre manifestantes e forças policiais. Os atos de violência durante as manifestações incluíram a depredação de estabelecimentos comerciais, incêndios em pneus e veículos, bem como confrontos diretos entre os manifestantes e as forças policiais, que recorreram

a balas de borracha, gás lacrimogêneo, cassetetes e até mesmo à cavalaria para conter os distúrbios e manter a ordem pública.

A operação Lava Jato, conduzida pela Polícia Federal, assumiu um papel central nas indignações da sociedade e recebeu ampla cobertura da imprensa tradicional e das mídias sociais. Iniciada em 2014, a investigação começou a produzir o que ficou conhecido como delações premiadas. Simplificadamente, esse mecanismo funcionava da seguinte forma: indivíduos investigados faziam acordos com a promotoria, revelando outros envolvidos nos esquemas de corrupção em troca de uma redução em suas penas. As delações tornadas públicas indicavam a participação de pessoas ligadas ao PT ou ao próprio partido em esquemas de corrupção, nos quais propinas eram pagas e recebidas, com o envolvimento de empreiteiras na lavagem de dinheiro. Essas revelações intensificaram as manifestações contra o governo de Dilma Rousseff.

Diante desse cenário desafiador enfrentado pelo governo, havia também a preocupação com outro fator crucial: as eleições presidenciais de 2014. Nesse contexto, era essencial desenvolver estratégias políticas para evitar o repúdio nas urnas. As eleições contaram com a participação de 11 candidatos, mas os principais concorrentes em destaque foram Dilma Rousseff, que buscava a reeleição presidencial, e seu oponente Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que almejava a presidência pela primeira vez.

No primeiro turno das eleições presidenciais, a Presidente Dilma obteve 41,2% dos votos, enquanto o Senador Aécio alcançou 33,5% e Marina Silva recebeu 21,3%. Como nenhum dos candidatos obteve mais de 50% dos votos, foi necessário realizar um segundo turno entre os dois candidatos mais votados. Dilma Rousseff foi reeleita com 51,64% dos votos. No início de seu novo mandato, o país enfrentava um contexto em que os problemas de corrupção continuavam a minar a credibilidade de seu governo e de seu partido. O PT ainda estava sob investigação da operação Lava Jato, devido às delações premiadas, enquanto as manifestações e a crescente influência das redes digitais contribuíam para o descrédito das instituições políticas.

O ano de 2015 iniciou-se com intensa oposição ao governo do PT. A operação Lava Jato avançava, revelando mais indivíduos envolvidos em desvios de dinheiro. A presidente enfrentava a necessidade de acalmar os acionistas internacionais da Petrobras, já que o mercado financeiro internacional recuou e as ações da empresa caíram na bolsa de valores. Para complicar ainda mais a situação do Partido dos Trabalhadores, veio à tona na mídia uma delação que implicava o ex-presidente Lula, que exerceu mandato e

foi reeleito entre os anos de 2003 e 2010, como mentor e líder de todos os esquemas de corrupção. Diante da crise política e econômica, a rejeição ao governo, especialmente ao referido partido, aumentava progressivamente na sociedade.

Em 2016, ocorreu o processo de impeachment da Presidente, sob a acusação de ter cometido as chamadas pedaladas fiscais. Na votação na Câmara dos Deputados, o resultado foi de 367 votos a favor, 137 votos contra e 7 abstenções. No dia seguinte, o processo foi encaminhado para o Senado Federal, que, após votação, decidiu pelo julgamento da presidente. Dilma Rousseff compareceu e se defendeu, alegando que não havia motivo para o processo. O julgamento durou 6 dias, e o veredito foi desfavorável à presidente, resultando em sua cassação, embora tenha mantido seus direitos políticos.

No início de agosto, a comissão discutiu o relatório final do senador Antônio Anastasia, que defendeu a procedência da acusação e a realização do julgamento da presidente afastada. Os senadores que defendiam o impeachment elogiaram o texto, enquanto os aliados de Dilma afirmaram que o documento concretizava um “golpe”. Em 4 de agosto, o relatório foi aprovado na comissão e seguiu para o Plenário.

Na sessão iniciada na manhã de 9 de agosto e encerrada na madrugada do dia 10, o Plenário decidiu, por 59 votos a 21, que a presidente afastada iria a julgamento. Dilma foi acusada de crime de responsabilidade contra a lei orçamentária e contra a guarda e o legal emprego de recursos públicos, na forma de três decretos de crédito suplementar e operações com bancos públicos.

No terceiro dia do julgamento, a presidente Dilma compareceu ao Congresso para se defender e negou ter cometido os crimes de responsabilidade de que foi acusada. Dilma classificou de golpe a aprovação do impeachment e acusou o então vice-presidente, Michel Temer, e o ex-presidente da Câmara, Eduardo Cunha, de conspiração.

Após 6 dias de julgamento, o Senado concluiu, em 31 de agosto, o impeachment de Dilma Rousseff, cassando o mandato da presidente, mas mantendo os seus direitos políticos. Foram 61 votos favoráveis e 20 contrários no julgamento que ficará marcado na história do Congresso Nacional e do Brasil. (FEDERAL, 2016).

O país enfrentava instabilidade política e econômica durante o período de 2015 a 2016. As redes sociais, como WhatsApp, Facebook e Twitter, experimentaram um considerável crescimento nesse período, tornando-se meios de expressão, informação e debate político. A politização e polarização se intensificaram, com os temas de corrupção sendo frequentemente discutidos devido às constantes divulgações de delações pela operação Lava Jato. Essas revelações provocavam indignação e resultavam em protestos nas ruas, minando a credibilidade política. Consequentemente, os conflitos tanto nas redes sociais quanto nas ruas se intensificaram, e foi nesse cenário que o nome do Deputado Federal Jair Messias Bolsonaro começou a ganhar destaque. (ALMEIDA, 2019)

A operação Lava Jato avançava, intensificando a crise institucional no país. Nas redes digitais, a sociedade debatia incessantemente cada nova notícia relacionada ao governo e à corrupção investigada. Manifestantes, organizados por meio dessas plataformas, convocavam protestos nas ruas, clamando por intervenção militar. Esse apelo evidencia a gravidade da crise política enfrentada na época. Entre 2013 e 2017, as manifestações cresceram em tamanho e fervor, refletindo a indignação e a revolta da população, muitas vezes resultando em confrontos com as forças policiais, que se tornaram cada vez mais intensos ao longo desse período. (PINTO, 2019; ALMEIDA, 2019; NOBRE, 2022)

Diante das demandas expressas pelos manifestantes, o candidato Jair Bolsonaro posicionou-se estrategicamente, destacando atributos que poderiam atrair seus futuros apoiadores. Ele ressaltou sua experiência militar como Capitão do Exército brasileiro, além de seu histórico como político e seus discursos antissistêmicos, caracterizados pela postura antipolítica e anticomunista. Bolsonaro também se declarou a favor da Operação Lava Jato, do combate à violência urbana e contra a chamada ideologia de gênero nas escolas, alinhando-se a uma postura conservadora e cristã, em defesa dos valores familiares. Sua retórica, marcada pela intolerância, rispidez e agressividade ao criticar aspectos considerados absurdos, como a introdução da ideologia de gênero nas escolas, contribuiu para sua viabilidade como candidato à presidência. (PINTO, 2019; ALMEIDA, 2019; NOBRE, 2022)

O fato de ser um candidato cativante para uma determinada parcela da sociedade não garantiu a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro em uma eleição presidencial. Inicialmente, Bolsonaro não era considerado pela imprensa como um candidato com grande expressão de votos. Por isso, ele precisou promover-se por meio das redes digitais, que, posteriormente a esse período, passaram a ser chamadas de redes sociais. A estratégia de divulgação de Bolsonaro como candidato à Presidência da República teve como principais aplicativos o WhatsApp e o Facebook. Segundo Eduardo Costa Pinto (2022), o que Bolsonaro realizava não passava de uma grande estratégia de guerra.

“A campanha de Bolsonaro ainda contou com a utilização de táticas de guerra por meio da desorientação da opinião pública (*fake News* no *WhatsApp* e no *Facebook*), instrumentos conhecidos como “guerra híbrida”, que, segundo Leirner², somente conseguiriam ser empregados com estratégia e inteligência militares” (Pinto: 2019. p. 143).

² Disponível em: <https://apublica.org/2019/04/caminho-de-bolsonaro-ao-poder-seguiu-logica-da-guerra-diz-antropologo-que-estuda-militares/>

O pensamento de Eduardo Pinto auxilia na compreensão da mudança no discurso de Bolsonaro, desde quando era deputado até sua candidatura à presidência. Essas mudanças são evidentes ao compararmos seus discursos na tribuna da Câmara dos Deputados antes de 2014 com os discursos durante sua divulgação como candidato à presidência. Anteriormente, seu foco era principalmente em pautas militares, raramente abordando outros temas e, quando o fazia, logo retornava aos assuntos militares. A partir de 2014, ainda como deputado, passou a modificar seus discursos, incluindo conteúdos mais evangélicos e polemizando mais em seus pronunciamentos. Com o início de sua promoção como candidato à presidência, esse novo discurso tornou-se ainda mais proeminente. (CIOCCARI, 2019; PINTO, 2019)

Diante do crescente antipetismo e das revelações da Lava Jato sobre os crimes de corrupção ligados ao Partido dos Trabalhadores, Bolsonaro capitalizou essa situação para promover discursos que polarizavam a sociedade. A ideia de "todos contra todos" ou "nós contra eles" emergiu nas discussões políticas, onde cada lado se via como o certo. A Lava Jato se tornou um fator crucial na intensificação da polarização política na sociedade. Opiniões divergentes surgiram sobre a atuação da operação: enquanto alguns acreditavam que ela estava corretamente punindo crimes, outros viam a operação como uma forma de criminalização da política por motivos políticos. (PINTO, 2019)

O autor Eduardo Pinto (2019) analisa que a Lava Jato instaurou um clima de conflito entre diferentes segmentos da sociedade, evidenciando divergências consideráveis sobre o tema. O autor destaca tanto aspectos positivos quanto negativos da operação. Por um lado, a investigação foi capaz de desvendar esquemas de corrupção de grande envergadura no Brasil, resultando na prisão de diversos políticos e empresários envolvidos em atividades ilícitas, como lavagem de dinheiro. Por outro lado, críticas severas foram direcionadas à operação, especialmente quando houve alegações de que a mesma teria ultrapassado os limites legais em algumas ocasiões. A violação dos direitos legais e fundamentais de certos investigados contribuiu para a instabilidade política e econômica do país. Além disso, surgiram questionamentos sobre os objetivos políticos por trás da operação, levantando a possibilidade de que grupos políticos específicos tivessem sido alvo de perseguição seletiva. Em suma, o pensamento de Pinto reflete a polarização em torno da Lava Jato: embora tenha representado uma luta significativa contra a corrupção no país, a operação gerou controvérsias e debates acalorados quanto à sua eficácia e legalidade em determinados aspectos das investigações.

A polarização da sociedade, mediada pela mídia como intermediária de informações, propiciou um espaço para debates e discussões. A amplificação midiática dos eventos políticos levou as redes sociais a se transformarem em arenas de "debate" político. Contudo, essas discussões online deram origem a grupos que não promoviam um diálogo democrático. Dentro desses grupos, as ideias eram tidas como verdades absolutas, impedindo qualquer contraditório e ampliando o pensamento único sobre os acontecimentos políticos. Dessa forma, é válido afirmar que o efeito midiático contribuiu para a intensificação da polarização na sociedade. Esse fenômeno é complexo e multifacetado, sendo influenciado por diversos fatores históricos, econômicos e políticos. Paralelamente ao efeito midiático, as notícias falsas desempenharam um papel na disseminação da discórdia na sociedade. (PINTO, 2019; CIOCCARI, 2019; ALMEIDA, 2019)

Nesse período de polarização na sociedade, observamos um crescimento do pensamento antipolítico em determinados grupos. Em 2017, o deputado federal Jair Bolsonaro reduziu suas aparições na tribuna da Câmara dos Deputados e passou a utilizar as redes sociais como plataforma para promover sua candidatura à presidência. Nota-se uma transição em seu discurso, que antes tinha um viés militar e passou a abordar temas mais relacionados à religião evangélica. Estrategicamente, o candidato se promoveu nas redes sociais com um discurso antissistêmico, antipolítico e anticomunista, capitalizando o sentimento de antipetismo presente na sociedade. Esses grupos, que já nutriam esse tipo de pensamento, foram fortalecidos pela emergência de um candidato que os representava. (PINTO, 2019; CIOCCARI, 2019)

Então toda a revolta e indignação nas manifestações iniciadas em 2013 com o propósito de melhorias no país tem como principal culpado o PT. Tudo de ruim no país, saúde, educação, economia, segurança tornaram-se culpa exclusiva do partido que governou de 2003 a 2016. Evidencia-se que alguns movimentos através de manifestações ou midiáticos que apresentam o PT como todo o mal do país é o mesmo que pedem intervenção militar. Em outras palavras, essa parcela de manifestantes está dizendo que de 1985 último ano de ditadura no Brasil a 2016 ano que a Dilma sofreu o impeachment, toda a má gestão do país foi culpa do PT. O que exclui todos os outros governos juntamente com suas más decisões e negligências para com a sociedade. O fenômeno midiático foi crucial para a campanha do Candidato Bolsonaro. A divulgação nas redes sociais de valores religiosos contribui para engajamento da sua campanha.

Portanto, toda a revolta e indignação expressas nas manifestações iniciadas em 2013, com o propósito de buscar melhorias no país, foram direcionadas principalmente ao Partido dos Trabalhadores (PT). O partido foi responsabilizado por todos os problemas do país, incluindo questões relacionadas à saúde, educação, economia e segurança, durante os anos em que esteve no poder, de 2003 a 2016. Alguns movimentos, tanto por meio de manifestações quanto pela mídia, destacaram o PT como a fonte de todos os males do país, chegando a propor a intervenção militar como solução. Esses manifestantes sugerem que, desde o fim da ditadura em 1985 até o impeachment de Dilma em 2016, toda a má gestão do país foi atribuída exclusivamente ao PT, excluindo as responsabilidades de outros governos e suas decisões prejudiciais para a sociedade. (CIOCCARI, 2019)

O fenômeno midiático desempenhou um papel crucial na campanha do candidato Bolsonaro. A divulgação de valores religiosos nas redes sociais contribuiu significativamente para o engajamento de sua campanha, atraindo um público específico e fortalecendo sua base de apoiadores. Jair Messias Bolsonaro em seus discursos faz uso do medo. O candidato cria ideias como: O Brasil pode virar uma Venezuela, uma Cuba ou outros regimes comunistas. Ressalta-se que todas as menções para provocação do medo estão associadas ao seu opositor político, que supostamente irá implantar o comunismo. Constrói-se um candidato benfeitor que livrará a sociedade do mal comunista. Nessa construção, Jair Bolsonaro faz uso da religião. Em seus discursos, Bolsonaro sempre cita o versículo bíblico do evangelho de João 8:32 “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, tornando-o um bordão em sua campanha. (CIOCCARI, 2019)

O uso da religião para promover a campanha política é uma estratégia adotada pelo candidato. Bolsonaro constrói um vínculo com o segmento evangélico, fazendo referência a episódios de sua vida que são mobilizados em sua campanha. Um desses episódios é seu batismo no rio Jordão, um acontecimento simbólico e significativo. O candidato viajou até Israel para realizar esse batismo, que foi ministrado pelo Pastor Everaldo da Assembleia de Deus, um líder religioso conhecido. O rio Jordão possui um profundo significado religioso para os cristãos, uma vez que foi o local onde Jesus Cristo foi batizado por João Batista, em um momento que é descrito nas Escrituras como uma

experiência mística, com a descida do Espírito Santo sobre Jesus³. Esse evento é lembrado e celebrado pela comunidade cristã, e a associação de Bolsonaro com esse local sagrado é utilizada como parte de sua estratégia de comunicação com os eleitores evangélicos. (ANDERSON, 2019; ALMEIDA, 2019)

Bolsonaro escolheu se casar com uma fiel evangélica, o que fortaleceu ainda mais seu vínculo com o segmento evangélico. A celebração do casamento foi presidida pelo Pastor Silas Malafaia, uma figura proeminente na Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo. O candidato abraçou pautas que são caras aos costumes evangélicos, o que lhe rendeu apoio tanto da bancada evangélica no Congresso Nacional quanto de cristãos em geral. Assim, passou a enfatizar em seus discursos os valores cristãos, conquistando a simpatia e a confiança desse eleitorado. (ANDERSON, 2019; ALMEIDA, 2019)

Consequentemente, ocorreu uma transferência de ideias entre a política e a religião, e vice-versa. Os evangélicos passaram a se engajar mais ativamente na política, enquanto Bolsonaro incorporou elementos religiosos em sua plataforma política. Esse movimento representa uma mudança significativa na interseção entre política e religião no país, com os evangélicos transitando do altar/púlpito para o palanque político, e vice-versa. Esse fenômeno marca o início da politização da religião, em um contexto de polarização social que já vinha se intensificando desde os movimentos de manifestação iniciados em 2013.

Jair Bolsonaro se autoproclama conservador e defensor dos valores cristãos, mas suas ideias em relação ao combate ao crime muitas vezes são consideradas extremistas. Expressões como "vagabundo bom é vagabundo morto" evidenciam sua postura rígida em relação à punição de criminosos. Além disso, o candidato critica veementemente algumas emissoras de televisão aberta, como a Globo, por considerar que estas relativizam condutas de pessoas que vivem à margem da lei.

É essencial reconhecer os desafios substanciais que o Estado enfrenta em relação à segurança pública, destacando-se a superlotação carcerária e o elevado volume de processos criminais como dois dos principais obstáculos nesse sentido. Para ilustrar melhor essa questão, em muitos casos, indivíduos que cometem crimes, especialmente se forem réus primários e possuem emprego fixo, acabam aguardando em liberdade o

³ **Mateus 3; 16-17** “Logo que foi batizado, Jesus saiu da água. O céu se abriu, e Jesus viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e pousar sobre ele. E do céu veio uma voz, que disse: Este é o meu Filho querido, que me dá muita alegria!”

desenrolar do processo. Mesmo quando condenados, muitas vezes são beneficiados com penas mais brandas, como o regime semiaberto, devido à falta de espaço nos presídios. Além disso, a legislação que impede que menores de idade sejam julgados como adultos contribui para a sensação de impunidade na sociedade, alimentando o apoio a ideias extremas como a de que "vagabundo bom é vagabundo morto". Esses problemas estruturais no sistema de justiça criminal reforçam a percepção generalizada de impunidade e alimentam o apelo por soluções simplistas e radicais.

Bolsonaro defende o direito de cada indivíduo na sociedade de possuir uma arma, argumentando que, diante de um Estado incapaz de promover segurança adequada, as pessoas têm o direito de se proteger. Essa postura armamentista também é vista como uma expressão de liberdade, ganhando adesão de uma parcela da sociedade exausta de sofrer injustiças sem poder reagir, enquanto o Estado falha em aplicar a justiça de forma eficaz. Nesse contexto, a indignação de muitos é compreensível frente a um Estado ineficiente que não oferece segurança adequada e tampouco permite que os cidadãos se defendam.

No entanto, o discurso de Bolsonaro traz consigo malefícios para a sociedade. Em vez de promover a busca por justiça e a melhoria da segurança pública, essa retórica tem alimentado sentimentos de ódio que antes se manifestavam como indignação e revolta, estimulados pelas manifestações e pela politização midiática. O crescente clima de divisão entre "nós" e "eles", somado a esse discurso inflamado de ódio, está pavimentando o caminho para o que futuramente pode ser caracterizado por Bolsonaro como uma luta do bem contra o mal. Durante a campanha eleitoral de 2018, Bolsonaro foi vítima de uma tentativa de homicídio durante um comício. Embora esse incidente o tenha impedido de comparecer aos debates presidenciais, nas redes sociais ele se tornou um impulsionador significativo de sua candidatura. (ANDERSON, 2019; SOLANO, 2018)

No dia 06 de setembro de 2018, o candidato Bolsonaro foi alvo de uma tentativa de homicídio enquanto participava de um comício na cidade de Juiz de Fora - MG. Durante o evento, enquanto era carregado por algumas pessoas na multidão, foi atacado com uma facada na barriga por um indivíduo presente na aglomeração. Como resultado, Bolsonaro foi levado às pressas para o hospital, onde precisou passar por uma cirurgia de emergência. Embora não tenha sido fatal, o incidente o impossibilitou de participar dos debates televisionados nas redes de televisão abertas. A mídia destacou amplamente o ocorrido, como era de se esperar. Para seus rivais políticos, o incidente representou uma adversidade significativa, já que o foco midiático se concentrou em Bolsonaro, gerando

especulações de que o atentado poderia impulsioná-lo para o segundo turno das eleições. O incidente sensibilizou muitas pessoas, especialmente após a divulgação de vídeos nas redes sociais que enfatizavam a determinação e a superação do candidato. Esses vídeos, além de conterem conteúdo político, também tinham conotações religiosas, o que provocou ainda mais comoção entre os eleitores. (SOLANO, 2018; ANDERSON, 2019; ALMEIDA, 2019)

A recuperação de Bolsonaro é frequentemente retratada como um milagre divino, fortalecendo ainda mais sua imagem perante seus seguidores. Apesar de sua ausência nos debates, sua campanha eleitoral se baseia fortemente em vídeos político-religiosos divulgados nas redes sociais, os quais desempenham um papel crucial em sua corrida presidencial. No entanto, a politização excessiva pode incitar a violência coletiva, alimentando a percepção de divisão entre "nós" e "eles". Essa polarização torna-se cada vez mais evidente, resultando em confrontos acalorados tanto nas redes sociais quanto em situações físicas. Consequentemente, a sociedade torna-se mais dividida e as redes sociais se transformam em espaços de disseminação tanto de informações quanto de desinformação, caracterizados por debates acalorados, hostilidades, intolerâncias e discursos de ódio. (SOLANO, 2018; ANDERSON, 2019; CIOCCARI, 2019; ALMEIDA, 2019; TATAGIBA, 2021)

O candidato incorporou em seus discursos bordões marcantes, observo que os mais chamativos foram: "Deus, Pátria e Família" e "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", que se tornaram símbolos de sua campanha. Os evangélicos, que migraram do altar para o palanque, ecoavam essas frases incessantemente. Nas redes sociais e nas manifestações de rua, as bandeiras do Brasil e as palavras de ordem de Bolsonaro eram onipresentes. Com toda essa exposição e ênfase nas redes sociais, o candidato avançou para o segundo turno das eleições e emergiu vitorioso. No entanto, sua vitória não encerrou as tensões na sociedade. Os movimentos de polarização iniciados em 2013 continuaram a crescer, alimentados pelos conflitos sociais, religiosos e propagados através das redes sociais. O novo governo, portanto, enfrentaria o desafio de administrar um cenário conflituoso, do qual ele próprio contribuiu para aflorar. (ELEITORAL, 2018; SOLANO, 2018; TATAGIBA, 2021; PINTO, 2019; ANDERSON, 2019; ALMEIDA, 2019)

1.2 A Direita e o Conservadorismo De Bolsonaro

Para compreendermos melhor a direita e o conservadorismo na perspectiva de Jair Bolsonaro, é importante analisarmos as definições desses conceitos segundo Jaime Pinto e Karl Mannheim, em suas obras "A Direita e as direitas" (1996) e "O Pensamento Conservador" (1986), respectivamente. Esses clássicos oferecem uma análise aprofundada das ideias de direita e conservadorismo, destacando especialmente a relação desses movimentos com a religião. Ao escolhermos esses autores, dentre tantos outros que abordam esses temas, é possível compreender como figuras políticas que utilizam a religião nem sempre são devotas da divindade, mas sim fazem uso dela de forma política. Essa perspectiva nos permite uma análise mais abrangente do papel da religião na política, especialmente no contexto do conservadorismo e da direita.

Segundo Jaime Pinto (1996), a definição de direita é multifacetada e pode variar conforme o contexto histórico, cultural e político de cada sociedade. Geralmente, a direita é vinculada a uma perspectiva política que enfatiza a valorização da tradição, da autoridade, da ordem social e da liberdade individual. Além disso, ela pode ser caracterizada pela defesa da iniciativa privada, do livre mercado e pela redução do papel do Estado na economia. Dessa forma, é possível afirmar que a direita está intrinsecamente ligada ao liberalismo, que preconiza a liberdade individual e valoriza a iniciativa privada e o livre mercado.

Jaime Pinto (1996) ressalta que, embora o liberalismo seja uma das principais correntes políticas de direita, nem todos os indivíduos ou partidos de direita são necessariamente liberais em todas as suas pautas. Ele destaca que a concepção de liberalismo pode variar de acordo com o país e o período histórico em questão. Assim, nem todos os movimentos de direita estão obrigados a adotar o liberalismo como linha ideológica predominante. Em algumas nações, a direita pode se caracterizar pela ênfase na tradição, na autoridade, na ordem social e na estabilidade, sem necessariamente adotar uma postura liberal em relação à economia.

O Autor exemplifica com o caso da Rússia, onde o partido Rússia Unida é frequentemente descrito como um partido de direita, embora não adote uma postura liberal em termos econômicos. Além disso, em alguns países da América Latina, a direita pode estar associada a uma postura conservadora em questões sociais, sem necessariamente adotar uma abordagem liberal em relação à economia. Portanto, fatores históricos, culturais, sociais e econômicos têm um impacto significativo na estrutura e nas características dos movimentos de direita. Assim, embora a designação de direita possa

ser usada para descrever uma ampla gama de correntes políticas que compartilham algumas características comuns, é importante reconhecer que as direitas não são homogêneas e podem variar substancialmente em suas ideologias e agendas políticas.

Jaime Pinto (1996) também apresenta exemplos de correntes de direita que adotam políticas mais protecionistas, como na França e na Alemanha, onde existem partidos políticos de direita que, embora conservadores em certos aspectos, adotam posições progressistas em questões sociais e buscam a igualdade entre os cidadãos. Esses partidos podem ser rotulados como de direita progressista. Isso evidencia que algumas correntes de direita podem ser mais conservadoras ou progressistas em termos sociais, sem necessariamente adotar o liberalismo econômico como sua ideologia predominante. Assim, a definição e as características da direita variam de acordo com os contextos culturais, sociais e econômicos de cada sociedade, reforçando a ideia de que a identidade política de direita é moldada por esses aspectos.

O autor argumenta que as características fundamentais da direita têm suas bases nos pensamentos de Agostinho de Hipona e Nicolau Maquiavel. A visão de direita, ao contrário da perspectiva de Jean-Jacques Rousseau, que exalta a bondade inata do homem, tende a conceber o ser humano como marcado pelo pecado original ou intrinsecamente inclinado ao mal. Santo Agostinho, um dos principais teólogos cristãos da Antiguidade Tardia, sustentava que o homem é um ser marcado pelo pecado original, herdado de Adão e Eva, e que só pode ser redimido pela graça divina. Essa visão pessimista do homem, influenciada pela teologia cristã, contrasta com a perspectiva de Rousseau sobre a natureza humana.

O autor ressalta a perspectiva de Maquiavel, renomado pensador político italiano do Renascimento, reconhecido por sua visão realista e pragmática da política. Segundo Maquiavel, os homens são intrinsecamente egoístas e ambiciosos, o que implica que a política deve ser conduzida considerando essa natureza humana. Para ele, a política deve se fundamentar em questões de poder e interesse, em detrimento de princípios morais ou religiosos. A integração das ideias de Agostinho e Maquiavel sobre a natureza humana contribui para uma concepção pessimista, uma das características distintivas do pensamento político de direita.

O autor argumenta que a direita conservadora acredita na falibilidade do homem e em sua propensão ao erro, o que leva à crença de que a sociedade deve ser estruturada para limitar o poder e a influência dos indivíduos e grupos que possam representar uma ameaça à ordem e estabilidade social. A partir desse pessimismo fundamental, a direita

tende a valorizar a tradição, a autoridade e a hierarquia social como meios de preservar a ordem e a coesão social. Nesse contexto, Pinto sugere que a concepção pessimista da natureza humana é uma característica distintiva do pensamento político de direita. Essa análise sugere que o liberalismo pode não ser uma característica essencial do movimento de direita, enquanto a tradição, a autoridade e a hierarquia social emergem como elementos centrais desse pensamento político.

A defesa da tradição implica uma resistência a mudanças radicais e a uma intervenção estatal excessiva na economia e na sociedade. No entanto, o autor enfatiza que essas características podem variar consideravelmente de acordo com o contexto histórico e cultural em que a direita se manifesta. Essas variações são resultados da complexidade e da natureza multifacetada do fenômeno político de direita, que se desenvolveu de maneiras distintas em diferentes países e períodos. Portanto, é fundamental compreender as nuances de cada expressão da direita para evitar comparações simplistas ou injustas.

Exatamente, o autor reconhece a diversidade e a evolução das diferentes correntes de pensamento que compõem a direita ao longo da história. Essa diversidade se reflete em uma ampla gama de ideologias e posicionamentos políticos, que podem variar desde uma direita revolucionária até uma direita conservadora, desde uma direita elitista até uma direita populista, e desde uma direita tradicionalista até uma direita liberal, entre outras possibilidades.

Assim, o autor apresenta a direita como um espectro político caracterizado pela valorização da tradição, da ordem, da autoridade e da diferença, ao mesmo tempo, em que se opõe a mudanças radicais, igualitarismo forçado e intervenções excessivas do Estado. Essa compreensão permite uma visão mais abrangente e complexa da direita, considerando as nuances e especificidades de cada corrente de pensamento dentro desse espectro político.

Jaime Pinto (1996) aborda a influência da Direita na religião. Em destaque a direita conservadora tem valorizado a religião como parte integrante da sua visão de mundo e ideológica. A religião traz consigo a tradição religiosa, a moralidade e a espiritualidade. Essas atribuições da religião são usadas pela direita, a tradição religiosa pode associar-se a tradição a autoridade da Direita, a moralidade pode associar-se à ordem social, pois é um agente regulador de comportamento. Então sem ser necessariamente devoto da divindade em questão, a Direita pode usar a religião para seus fins políticos. Dessa forma fechamos o pensamento de Jaime Pinto acerca da Direita e das direitas.

Karl Mannheim, em sua obra "O Pensamento Conservador" (1986), apresenta o que é o conservadorismo. Segundo o autor, o conservadorismo surge como um contramovimento consciente ao movimento progressista e às ideias liberais que desafiam as tradições e valores estabelecidos. Os exemplos de movimentos progressistas que o autor traz são o Iluminismo, que defendia a razão, a ciência, a liberdade individual e a igualdade perante a lei, desafiando as estruturas tradicionais de poder e autoridade, como a monarquia absoluta e a influência da Igreja. Outro movimento mencionado é a Revolução Francesa, que, na relação com o filósofo Kant e sua conexão com os ideais revolucionários da época, foi um marco na luta contra o absolutismo monárquico, a desigualdade social e os privilégios da nobreza e do clero.

O conservadorismo é um movimento que busca combater as mudanças radicais na sociedade, preservando a tradição e os valores já estabelecidos, pois se tornaram a resposta a esses movimentos revolucionários. Além disso, o autor propõe que os conservadores veem as mudanças como uma ameaça à ordem social estabelecida. O medo de que as mudanças rápidas e radicais possam levar à instabilidade e à desintegração social é o que leva ao pensamento de preservar as instituições e as práticas testadas ao longo do tempo e que já estão funcionando na sociedade.

Através do autor, observamos as características do conservadorismo, que incluem a tradição, o ceticismo em relação a mudanças radicais, e o respeito à autoridade e hierarquia. Também é abordado que o conservadorismo reconhece a necessidade de adaptação e evolução gradual diante das mudanças sociais e políticas. Embora pareça contrário ao que foi dito anteriormente, o autor explica que isso ocorre porque as sociedades estão em constante transformação, e é importante que as instituições e os valores tradicionais sejam capazes de se adaptar para permanecerem relevantes e eficazes. A compreensão do que foi exposto é que o conservadorismo não é um pensamento engessado; ele aceita mudanças desde que sejam pequenas e não radicais a ponto de comprometer as instituições ou a ordem social.

Karl Mannheim (1986) deixa claro que nem todos os conservadores pensam da mesma forma. As variantes acerca desse pensamento podem mudar de acordo com o contexto histórico e social em que estão inseridas. Para deixar mais clara essa variante de pensamento, o autor traz diferentes tipos de conservadorismo, tais como: conservadores tradicionais, liberais, sociais, entre outros. Ele deixa compreendido que cada uma dessas correntes pode enfatizar diferentes aspectos do conservadorismo e chegar a conclusões distintas sobre as questões sociais ou políticas. O conservadorismo é uma ideologia

complexa e dinâmica que se manifesta de maneiras diversas devido a esses fatores, e por esse motivo os conservadores não pensam igual.

O autor afirma que o conservadorismo surge no ambiente do progressismo. Esses movimentos apresentam duas forças opostas. Mannheim descreve o conservadorismo como um movimento que se volta para o presente imediato. Esse termo refere-se às circunstâncias específicas e às situações presentes atualmente em que a sociedade está vivendo. Isso significa que os conservadores concentram sua atenção nas questões imediatas que estão à sua frente, sem estender seus horizontes além dessas circunstâncias particulares. Assim, esse movimento está mais interessado na ação imediata e nos detalhes concretos das mudanças, sem se preocupar muito com a estrutura geral do mundo.

O autor aborda a relação entre conservadorismo e política. O ponto principal do conservadorismo político é a preservação do presente e a resistência ao progresso. A natureza concreta dessa relação é a reação por meio do sistema político. O autor esclarece que a força política adquirida e o uso do sistema político na sociedade constituem o mecanismo de combate ao progressismo, que é descrito como um movimento organizado e sistemático que promove mudanças na sociedade. Mannheim não afirma diretamente que o conservadorismo é usado ou se relaciona com a Direita. No entanto, as características apresentadas e o contramovimento ao progressismo que permitem a compreensão de que a política de Direita pode adotar o conservadorismo ou suas ideias.

Karl Mannheim (1986) aborda a relação entre conservadorismo e religião. O conservadorismo político tende a utilizar a religião como uma forma de promover suas agendas políticas. Muitos conservadores enxergam a religião como uma maneira de valorizar a tradição e a ordem estabelecidas, buscando sempre preservar esses valores. Além disso, a religião pode ser empregada para promover valores morais e éticos considerados importantes para os conservadores, tais como a família, a comunidade e a responsabilidade pessoal. Devido à resistência compartilhada a mudanças radicais entre religiosos e conservadores, o conservadorismo político tem atraído adeptos religiosos.

É perceptível que, de acordo com os autores abordados, a religião é frequentemente utilizada pelos movimentos de direita e conservadorismo como uma ferramenta para obter força política. Esses movimentos não demonstram preocupação com a devoção à divindade, mas sim com a atração de seguidores para aderirem aos seus ideais políticos. Essa fusão entre direita e conservadorismo resulta em uma direita conservadora ou um conservador político, que defende a manutenção das instituições

políticas, a estabilidade da ordem social, a importância da autoridade, a segurança, a liberdade individual, a livre iniciativa, a liberdade econômica e a limitação do papel do Estado na sociedade.

Compreendo que no cenário brasileiro ocorrem essa fusão. Assim como Pinto afirma que mudanças na sociedade, cultura e economia podem mudar as diretrizes do movimento político de direita, vejo que as mudanças de 2013 a 2018, transformaram a direita brasileira. O surgimento de Bolsonaro como candidato de direita e conservador é a evidência dessa fusão de direita e conservadorismo. A direita conservadora se opõe a políticas progressistas e defende valores tradicionais, como a família, a religião e a pátria. Não há espaço para mudança no que já é visto com uma coisa sólida, exemplo seria a ideia de família. Essa instituição familiar dentro do bolsonarismo é composta por pai (homem) mãe (mulher) e filho (os), não se considera casais homoafetivos como família. Considerar um casal homoafetivo como família é uma mudança absurda dentro do pensamento bolsonarista.

A direita conservadora tende a defender instituições estabelecidas, como a família, a religião e a autoridade, bem como a liberdade econômica e a limitação do papel do Estado na sociedade, etc. Dentre essas características é importante frisar a religião. O uso da religião não tem a ver com devoção, não faz o candidato um devoto da divindade em questão. Todavia o candidato se passa por devoto no mínimo um simpatizante. A utilização do vocabulário religioso em discursos tem o intuito de criar pontes de afetividade. Esses vínculos afetivos proporcionam que o candidato crie vínculos emocionais com seu público religioso, desta forma suas ideias são aceitas sem que haja muita resistência. (BOGÉA, 2021)

Bolsonaro em seus discursos usa seu maior jargão, Deus, Pátria e Família – lema tirado do Ação Integralista Brasileira (AIB) – o que de certa forma casa com a premissa da direita conservadora. Manter a tradição religiosa, discursar contra pautas homoafetivas, ilustrar a autoridade divina para permanecer a ordem já estabelecida, e o pensamento neoliberalista são ideologias econômicas que valorizam a liberdade individual, a livre iniciativa e a redução do papel do Estado na economia, assim se destaca o candidato conservador de direita. Importante dizer que embora alguns conservadores possam apoiar esses princípios, nem todos os conservadores são neoliberais e nem todos os neoliberais são conservadores.

No contexto brasileiro dentro da ótica de Bolsonaro, ser de direita é defender a liberdade individual, a propriedade privada, a livre iniciativa e a redução do papel do

Estado na economia e na vida dos cidadãos. Além disso, o candidato tem sido associado a pautas como a defesa da família tradicional, a oposição ao aborto, à legalização das drogas e crítica ao que é visto como excesso de intervenção do Estado na economia e na vida dos cidadãos. Esse conjunto de pautas tornou-se o modelo do que é ser de direita no Brasil. Um grupo da sociedade aderiu a essa visão de direita. O fenômeno bolsonarista, tem o Candidato Jair Bolsonaro como ícone (ídolo) a ser seguido. Assim, defendem as pautas do candidato e se rotulam de direita e conservadores igual seu ídolo. (ALMEIDA, 2019)

O candidato tornou-se um representante da direita conservadora na política brasileira, não é só pelo fato de ele se autointitular, mas também pelas suas ideias. A candidatura de Bolsonaro articulou diferentes linhas do conservadorismo, como a demanda da segurança pública, a moralidade dos costumes, a desqualificação do Estado e a intolerância interpessoal. Mas todas essas pautas conservadoras tiveram ajustes para o acréscimo do discurso político-religioso. O que foi necessário para que as pautas fossem absorvidas de maneira mais receptiva pelos seus eleitores diretos e indiretos.

A direita conservadora tende a usar a religião. Os laços afetivos dentro da comunidade religiosa propiciam aceitação de ideias entre seus pares. Usar a religião para movimentar as ideias políticas é uma forma estratégica. Não é exclusivo da direita ou da esquerda utilizar a religião, no entanto, a direita se mostrou mais propensa a usar a religião e o conservadorismo. Compreendo que o conservadorismo é um dos pontos de ligação da religião à política. As características de um conservador e da religião são semelhantes. A premissa religiosa em conservar a moralidade e a ordem já estabelecia, e ter o receio do modernismo nas mudanças radicais, cria a ponte ao conservadorismo, que por sua vez vem criar a ponte até a política. Portanto, vemos no cenário brasileiro a forma de uso da religião pela política, essas pontes criadas foram o que trouxeram a transformação da direita. (PINTO, 1996; MANNHEIM, 1986; BOGÉA, 2021)

Um marco importante desse movimento foi o momento em que Jair Bolsonaro se batizou no rio Jordão, seguindo a doutrina protestante. Durante sua candidatura à presidência, Bolsonaro enfatizou repetidamente o Brasil como um país fundamentado em princípios cristãos e na instituição familiar. Essa abordagem, alinhada ao pensamento judaico-cristão, consolidou uma vertente de direita fortemente influenciada pela religião. Essa direita religiosa, populista entre os fiéis cristãos, se posiciona firmemente contra pautas como o casamento homoafetivo, o aborto e a legalização das drogas. (AVRITZER; KERCHÉ; MARONA, 2021, P. 409-426)

O discurso de Bolsonaro conseguiu conquistar uma parcela significativa da sociedade e dos cristãos, culminando no surgimento do fenômeno bolsonarista. Esse fenômeno não se resume a meras palavras do candidato, mas assume a aura de um manifesto divino, intocável e inquestionável. Bolsonaro não concede espaço para questionamentos, e seus seguidores seguem o mesmo padrão. A invocação do nome de Deus torna qualquer objeção dentro desse grupo praticamente impossível. Consequentemente, as vozes que divergem do pensamento propagado pelo candidato são tratadas como adversárias, até mesmo como inimigas de Deus. Esse comportamento enérgico e agressivo por parte desses grupos reflete o autoritarismo de Bolsonaro, que não tolera o livre exercício democrático do debate. (AVRITZER; KERCHE; MARONA, 2021, P. 409-426)

A nova direita adquiriu uma rotulação na sociedade que associa o ser de direita à figura de Bolsonaro, à religiosidade e à defesa das pautas cristãs. Embora nem todos que se identificam como de direita sejam bolsonaristas, a polarização na sociedade levou a essa associação entre direita e bolsonarismo. Alguns candidatos não questionaram essa rotulação, pois perceberam que Bolsonaro angariou muitos eleitores fiéis que votariam em seus indicados para cargos como governador, senador e deputado federal. Assim, contestar o novo pensamento da direita poderia comprometer suas chances de serem eleitos. Mesmo que esses candidatos não fossem devotos cristãos, muitos deles se apresentaram como tal, para garantir o apoio do eleitorado identificado com essa vertente religiosa.

Os discursos nos comícios durante a campanha à reeleição de Jair Bolsonaro em 2022 assumiram uma forte característica religiosa, refletindo sua estratégia política. O presidente Bolsonaro, por vezes referido como "O Messias", utiliza a religião como base para justificar suas ideias políticas. Em seus discursos, são recorrentes frases como "Deus, Pátria e Família" e "Deus acima de tudo, Brasil acima de todos", que são repetidas diversas vezes para enfatizar suas convicções. Seus eleitores, vistos como súditos ou ouvintes, recebem essas ideias com entusiasmo e adesão. Assim como o Papa é uma figura de representação divina na terra, Jair Bolsonaro é visto como um líder com uma representação divina ou missão divina, dentro de uma visão messiânica.

A direita, ou melhor, a nova direita brasileira tem em Jair Bolsonaro sua representação máxima neste momento político. O candidato consegue utilizar de forma extrema e sem moderação as características da direita, o que poderia levá-lo ao extremismo de direita. A utilização da religião é notável. Segundo o autor Bogéa (2021),

em sua obra "A Psicologia do Bolsonarismo", retrata que Bolsonaro conseguiu um feito magnífico ao utilizar a religião. O candidato adquiriu uma espécie de aura divina ao atribuir a si mesmo a característica de infalibilidade. Não importa quantos erros forem apresentados, sempre há uma justificativa para eles, e o erro é frequentemente atribuído a outra pessoa, ao governo anterior ou ao PT, mas nunca exclusivamente a Bolsonaro. O atributo de infalibilidade prevalece diante de seus devotos.

Para manter seus seguidores fiéis, é necessário manter o discurso que os uniu inicialmente. O uso da religião em comícios e manifestações públicas pelo candidato continua presente. Ao longo de seu mandato, desde 2018 até 2022, Bolsonaro permaneceu com suas pautas e frases padrões. Portanto, não é surpresa que em sua campanha para a reeleição em 2022 ele tenha mantido as mesmas ideias. Algumas dessas ideias, que antes eram mais sutis, tornaram-se mais intensas, como o discurso da batalha entre o bem e o mal, e a oposição a pautas que vão contra os ensinamentos cristãos, como o aborto, a homossexualidade e a ideologia de gênero. Essas premissas são justificadas como um resgate da tradição, levantando a hipótese de que aqueles que vão contra esse pensamento são inimigos, não apenas inimigos comuns, mas inimigos de Deus, e, portanto, devem ser combatidos. Dessa forma, podemos observar não apenas uma estrutura, mas também as diretrizes de uma nova direita, que se concentram em mecanismos que afetam o imaginário coletivo das pessoas. (Silveira *et al.* 2015; AVRITZER; KERCHER; MARONA, 2021; Martins, 2021, GHERMAN, 2022).

Portanto as características da Direita e do conservadorismo, especialmente a tradição, a ordem social e a hierarquia, podem ser identificadas em Jair Bolsonaro. Nele, podemos observar a fusão da direita com o conservadorismo. A direita conservadora ou um conservador político podem ser detectados nos discursos do Candidato Bolsonaro, que não se limitam apenas a temas políticos, mas também incorporam diversos elementos religiosos, evidentes tanto em seus jargões quanto em práticas como orações e 'testemunhos', como veremos no próximo tópico: os discursos de Bolsonaro no primeiro turno das eleições de 2022 no estado de Minas Gerais. Isso reafirma a premissa de que a religião é usada apenas para fins políticos e não de devoção.

1.3 Bolsonaro: Discursos realizados no Estado de Minas Gerais no primeiro turno das eleições presidenciais de 2022

Candidato à reeleição presidencial de 2022, Jair Messias Bolsonaro, começa sua campanha eleitoral na cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais. Em 2017 o candidato também iniciou sua corrida eleitoral nessa cidade. É válido lembrar que essa cidade foi onde ocorreu o crime de tentativa de homicídio contra o candidato. O meliante estava em meio à multidão e no momento em que Bolsonaro passava entre as pessoas, o indivíduo sacou uma faca e desferiu um golpe no abdômen do candidato. Por esse motivo, no respectivo ano, o candidato não participou de nenhum debate e não fez outros comícios, devido a ter que passar por cirurgias, bem como pelo período de recuperação. Talvez por isso tenha sido eleito presidente.

Todos os discursos realizados no Estado de Minas Gerais no primeiro turno das eleições de 2022, estão disponibilizados na plataforma do *YouTube*. No dia 16 de agosto de 2022 Bolsonaro faz o primeiro discurso no Estado de Minas Gerais, na cidade de Juiz de Fora. A transmissão foi realizada e disponibilizada na plataforma, pelo canal Poder360. Essa transmissão teve inúmeras interrupções por perda de sinal e por esse motivo não se tem todas as falas do discurso Bolsonaro. O pouco que foi gravado nesse comício, já ilustra bem a forma em que o candidato iria conduzir a sua campanha eleitoral. Importante destacar que não iremos realizar uma análise dos discursos, mas apenas uma síntese, a fim de evidenciar o uso da religião e demais características da estratégia do candidato que trabalha o cosmo imaginário dos seus eleitores.

O propósito deste segmento é apresentar os discursos de Bolsonaro e reiterar as temáticas discutidas nos tópicos anteriores, incluindo o uso da religião, a dualidade entre o bem e o mal, a concepção messiânica, entre outros aspectos pertinentes. Exclusivamente no comício realizado na cidade de Juiz de Fora - MG, foi proferido o discurso de Michele Bolsonaro. Sua oratória desempenha um papel crucial, pois confere validade às abordagens religiosas de seu esposo. Portanto, neste primeiro comício, também iremos considerar as palavras da Primeira-Dama da República, pois, a sua participação estreita os caminhos entre religião e política.

No comício em Juiz de Fora - MG, Jair Bolsonaro começa sua corrida eleitoral. Então é de se esperar que o candidato a reeleição apresente suas propostas e como estava na presidência fale o que fez no seu governo. Todavia não é o que ocorre. O candidato cumprimenta os eleitores ali presentes, diz que é mineiro; portanto, são iguais. Ele fala em seguida “Aqui eu renasci” e depois fala que ama a todos. Essa frase solta tem muito

feito. Pois é um paralelo com o período eleitoral de 2018. Como supracitado o ano de 2018 foi a tentativa de homicídio em que sofreu.

Em sequência diz que “hoje” é um dia especial, pois é início de onde tentaram parar ele em 2018. Agradece aos médicos e à mão de Deus que o salvou, e diz que o destino fez com que chegasse à presidência. Nesse contexto, é evidente que, segundo a concepção cristã, este relato representa um testemunho significativo. A narrativa enfatiza a intervenção divina na vida do indivíduo, destacando a crença de que Deus interveio de forma direta para preservar sua vida e guiá-lo em direção ao cumprimento de um propósito específico, neste caso, assumir a presidência da república. Esse testemunho reflete a fé do indivíduo na providência divina e na ideia de que os eventos da vida são guiados por um plano divino maior.

Continuando as falas do discurso, menciona que o Brasil é uma grande nação, e que antes era roubado pela esquerda e o país não quer corrupção e pede para comparar seu governo com governos passados. Aduz ainda que tem passado pelo Brasil e viu que o verde e amarelo, símbolo da bandeira do Brasil, tem se espalhado. Nesse momento a transmissão é interrompida. Nestas declarações, dois aspectos distintos emergem. Primeiramente, destaca-se a tendência de Bolsonaro em atribuir a outros governos a responsabilidade por determinadas questões, o que sugere uma tentativa de transferir a responsabilidade para terceiros e não assumi-la pessoalmente, reforçando assim a percepção de um atributo de infalibilidade. Em segundo lugar, observa-se uma abordagem de promover uma missão patriota, através da reverência à bandeira nacional e do fomento ao amor à pátria como símbolos de união, buscando fortalecer os valores cívicos e patrióticos na sociedade, a fim de se tornarem protetores da pátria.

Quando a transmissão é retomada, Bolsonaro expressa seu compromisso de dar a vida pela pátria enquanto militar, e, como cidadão, afirma seu compromisso com a defesa da liberdade. Contudo, a transmissão é interrompida novamente. Após a retomada, Michele Bolsonaro já está com o microfone, e sua intervenção, originalmente no meio da transmissão, é acessível integralmente por meio de um recorte disponível no canal da UOL. Desta forma, torna-se possível ter acesso ao discurso completo.

Michele Bolsonaro: 00:09:21 a 00:11:00

-Para nossas vidas, sem a força de vocês nós não estaríamos de pé, com certeza. Essa campanha mais uma vez é um milagre de Deus. Começou em 2019, quando Deus fez um milagre na vida do meu marido.

-Porque aqueles que pregam o amor e a pacificação atentaram contra a vida dele, mas Deus é maior e a justiça do Senhor será feita.

-Obrigada a todos, que Deus dê sabedoria e discernimento ao nosso povo brasileiro, para que não entregue o nosso país, a nossa nação tão amada por Deus na mão dos nossos inimigos.
-Muito obrigada meus queridos,
-Nesse momento vamos rezar o Pai Nosso, que é a oração universal.
-Vocês concordam?
-Concordam com a oração do Pai Nosso que é universal?
Então vamos fechar os olhos: (Pai nosso que estais no céu...) (UOL;2022, PODER360;2022)

A fala da Primeira Dama destaca a relevância da família e da religião na campanha eleitoral do candidato. Nesse momento, podemos observar a transformação do palanque político em um altar/púlpito. As pautas políticas e os projetos para o Estado não são mais o foco do discurso. É digno de registro como as falas evocam uma atmosfera de ministração evangélica. A campanha eleitoral de Bolsonaro é reconhecida como um milagre de Deus. Em outras palavras, a intervenção divina é evidente, como se a vontade de Deus conduzisse o candidato, junto de sua esposa, a alcançar essa posição na presidência e na campanha eleitoral.

A Primeira Dama reafirma o que Bolsonaro já tinha mencionado no começo do discurso. Porém, sua postura é a de reafirmar que Jair é um escolhido de Deus. O escolhido é a representação da vontade divina; aquele que vai contra seu pensamento está indo contra Deus. O apelo que Michele Bolsonaro faz ao falar que Deus ama essa nação e, portanto, não podemos entregá-la nas mãos do nosso inimigo. Quem é o nosso inimigo? O Diabo ou a concorrência eleitoral? A maneira sutil de transformar o cosmo imaginário das pessoas e fazê-las acreditar que é real a guerra do bem contra o mal, ou seja, não se trata apenas do inimigo político, mas sim de uma dimensão religiosa, existencial e ontológica.

Pode-se observar uma estrutura no discurso que tende a ontologizar o mal no outro. Enquanto a rivalidade política pode conferir vigor à democracia, tratá-la como inimiga é algo completamente diferente. O inimigo não é passível de diálogo; ele deve ser afastado e, se for inimigo de Deus, até mesmo exterminado, extirpado da face da terra. É notável como a diferenciação no tratamento do meu rival político afeta a democracia e a pacificação na sociedade. Afinal, a democracia jamais deveria criar inimigos políticos ou incitar guerra entre os civis. Essa postura, evidenciada na campanha de Bolsonaro, é o que põe em risco a democracia, dentre outras coisas conforme ressaltado pelo autor Marcos Nobre em suas obras "Ponto-final: A guerra de Bolsonaro contra a democracia" (2020).

Nobre identifica Bolsonaro como um opositor à democracia devido à sua adesão inabalável a convicções autoritárias. Ele é retratado como um líder abertamente autoritário, antissistema, cujo projeto político está intrinsecamente ligado ao autoritarismo. Nobre argumenta que Bolsonaro não está disposto a respeitar as normas democráticas e a governar dentro desse contexto, associando o conceito de "democracia" ao "sistema". O presidente almeja instaurar um modelo de democracia tutelada, no qual um grupo autoritário controlaria eleições, o Judiciário, censuraria a imprensa e teria o poder de dissolver o Congresso e o STF. O objetivo de Bolsonaro é estabelecer um regime que assegure o controle absoluto do poder, reprimindo a oposição e impondo um modelo de democracia autoritária." (NOBRE, 2020)

Michele Bolsonaro após realizar a oração, agradece a todos, o microfone volta para Bolsonaro que se despede e encerra com um dos seus jargões: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. O primeiro comício de Bolsonaro podemos dizer que foi marcado por falar mais sobre Deus do que de propostas para o Estado. É claramente visível que há um movimento de palanque para altar/púlpito. Assim, torna-se justificado testemunhar as obras de Deus, uma vez que se trata de um ambiente sacralizado. Questionar o testemunho é questionar a Deus, pois quem dirá que não teve intervenção divina para salvar a vida de Bolsonaro? Portanto, observa-se o uso da religião como um escudo pelo candidato, que serve para evitar questionamentos.

No dia 24 de agosto de 2022, Jair Bolsonaro realizou um comício na cidade de Betim – MG. Houve dois momentos de fala, tanto no início quanto no final da transmissão ao vivo, disponível na Plataforma do *Youtube*, no canal “O Tempo”. O candidato iniciou sua primeira fala. Cumprimentou a todos e aguardou que as pessoas se assentassem. Em seguida, prosseguiu com o discurso, agradecendo a Deus por renascer e pela missão em que lhe foi confiada. Esse agradecimento reforça a imagem de que o candidato é um enviado ou escolhido, como evidenciado quando ele afirmou: “Ser presidente não é fácil, a não ser quando você está do lado do mal, daí você tem facilidade aqui na terra.” Podemos dizer que o candidato opera com a ideia do bem contra o mal e já se posiciona como uma pessoa que está do lado do Bem.

Bolsonaro prossegue com seu discurso, abordando a pandemia que prejudicou a economia e criticando a mensagem "Fique em Casa" disseminada durante a crise sanitária, argumentando que isso resultou na fragilidade econômica. Ele ressalta que, embora o vírus seja mortal, a fome representa uma ameaça ainda maior. Como exemplo, cita a situação da Argentina, atribuindo sua crise econômica ao governo de esquerda. Da

mesma forma, menciona o Chile, que também enfrenta problemas econômicos sob um governo de esquerda. Bolsonaro argumenta que a igualdade promovida pelo "outro lado" resulta em pobreza e miséria. Ele alerta que há uma tentativa de roubar a liberdade do povo, citando que a oposição possui vínculos com um ditador que tem histórico de prender seus oponentes políticos.

A oposição é responsabilizada por uma suposta tentativa de dismantlar a instituição familiar. Um exemplo citado é a legalização das drogas na Colômbia, atribuída a um governo de esquerda. O discurso aborda o sofrimento enfrentado por mães e famílias que lidam com a dependência de drogas por parte de seus filhos ou entes queridos, destacando a necessidade de combater o problema das drogas. O candidato enfatiza a importância de defender a vida, incluindo a oposição ao aborto. Ele argumenta que a oposição não respeita a instituição familiar ao promover o aborto, pois carece de conhecimento da palavra de Deus, enquanto os cristãos têm uma posição clara e definida sobre o assunto.

É perceptível como Bolsonaro recorre ao uso do medo como estratégia política. Ele utiliza exemplos de outros países com governos de esquerda para sugerir que seus opositores seguiriam o mesmo caminho. A legalização das drogas, por exemplo, é um tema tabu na sociedade brasileira e não seria uma mudança de governo que resolveria todos os problemas relacionados a essa questão. Da mesma forma, o tema do aborto é objeto de divergência de opiniões. Independentemente do partido no poder, é um assunto que requer uma discussão aprofundada, e é pouco provável que seja resolvido apenas por meio de decisões políticas, dada a complexidade e as responsabilidades envolvidas, que cabem ao Estado. Ambas as afirmações estão fundamentadas em perspectivas jurídicas, mas nem todas as pessoas têm a capacidade de analisá-las dessa maneira. Essas não são questões que podem ser facilmente resolvidas por meio de decretos presidenciais.

É evidente que a maioria das pessoas não irá refletir profundamente sobre esses temas apresentados pelo candidato. Portanto, o objetivo desse discurso não é alertar ou informar, mas sim instilar o medo. Ao demonizar seu adversário e retratá-lo como alguém que trará caos e destruição, o candidato busca promover a si mesmo como a solução perfeita. Esse discurso se torna ainda mais eficaz quando o candidato se apresenta como alguém de bom caráter, um enviado de Deus. Assim, o medo é utilizado como uma ferramenta para manter a coesão dos seguidores das ideias de Bolsonaro, criando uma atmosfera de desconfiança em relação àqueles que pensam de forma diferente.

No prosseguimento de seu discurso, Bolsonaro aborda a Proposta de Lei 22 (PL22), ressaltando que, essa medida poderia resultar na prisão de padres e pastores que se recusassem a realizar casamentos homoafetivos. Além disso, ele discorre sobre a situação em Roraima, um estado que há uma década acolhe refugiados venezuelanos, muitos dos quais apresentam sinais de desnutrição e pesam 15kg abaixo do peso considerado saudável. Com uma abordagem irônica, o candidato menciona que o país de origem desses refugiados já foi considerado o mais próspero do mundo. Ele também relata que, na cidade de Pacaraima-RO, chegam diariamente aproximadamente 500 venezuelanos, muitos dos quais não estão acompanhados de seus animais de estimação, sugerindo que estes foram consumidos. Bolsonaro apela aos presentes para imaginarem a possibilidade de terem que recorrer à alimentação de seus próprios cães e gatos, e adverte que, caso não o façam, seus vizinhos poderiam recorrer a essa prática.

Bolsonaro enfatiza que onde a esquerda assume o controle, surge fome, miséria e uma desintegração da estrutura familiar, resultando em um verdadeiro caos. Ele também menciona a PL 122, que aborda a introdução da ideologia de gênero nas escolas. Além disso, destaca a importância do auxílio emergencial, que foi crucial para auxiliar aqueles que enfrentavam dificuldades financeiras decorrentes das restrições impostas pelo "fique em casa". Bolsonaro expressa seus agradecimentos e encerra seu discurso. Ao analisarmos essa síntese da primeira parte do discurso, podemos observar como Bolsonaro utiliza o medo como uma ferramenta de controle. Ele começa mencionando a intervenção divina e em seguida direciona sua retórica para temas que têm o intuito de incutir o medo na audiência.

Bolsonaro retoma o microfone. Diferentemente da primeira parte do discurso, o candidato convida uma testemunha venezuelana para falar sobre a situação na Venezuela, que, segundo ele, foi afundada pelo socialismo. Após o depoimento do rapaz, Bolsonaro retoma a palavra e enfatiza novamente a situação na Venezuela. Ele informa que seu opositor é aliado de Nicolás Maduro, presidente venezuelano, e associa seu opositor a outros governos de esquerda ou extrema esquerda. O candidato argumenta que, se o socialismo fosse eficaz, os cidadãos de países como Cuba e Coreia do Norte estariam livres. Além disso, ele menciona pautas em que o PT votou contra, como o aumento do auxílio emergencial e a redução dos impostos federais.

O candidato conclui sua oratória com um convite para as celebrações do 7 de setembro iminente. Destaca o simbolismo de ter recebido o coração de Dom Pedro e ressalta a relevância de honrar os 200 anos de independência e liberdade, enfatizando que

esta última é inestimável. Bolsonaro convoca os municípios a participarem das festividades e detalha outras atividades planejadas, como a passeata de motocicletas e a parada naval, com paraquedistas executando saltos na emblemática praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Além disso, ele instiga o público a vestir as cores verde e amarelo como um símbolo da constante vigência dessas cores na identidade nacional. Nesta parte do discurso, o teor adquire uma tonalidade patriótica e incita à participação cívica.

A estratégia de Bolsonaro permanece inalterada, mantendo-se na demonização de seu opositor ao associá-lo a regimes totalitários. Ele evidencia que a oposição visa desestabilizar a sociedade, promovendo o caos, a desestruturação familiar e a miséria, alimentando o medo como premissa. Nesse sentido, o adversário político é transformado em inimigo político, impedindo qualquer possibilidade de diálogo com a oposição. Portanto, nos discursos de Bolsonaro, observamos a manipulação das massas por meio do medo, como uma estratégia de controle. Isso cria uma atmosfera na qual seus seguidores são imersos em um universo imaginário, moldado pela liderança política-religiosa.

No mesmo dia, mais tarde, Bolsonaro realiza outro comício, desta vez na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. Seu discurso é transmitido ao vivo através do canal “O Tempo” pela plataforma do *YouTube*. Assim como no comício anterior em Betim-MG, o candidato saúda a todos e expressa sua satisfação por estar no Estado onde “renasceu”, uma referência ao episódio do atentado. Em seguida, ele aborda o patriotismo, elogiando o desejo das pessoas por dias melhores para a Pátria. “Todos vestidos de verde e amarelo pelo Brasil. Não podemos retroceder à corrupção e devemos nos opor às ideologias de gênero, à legalização das drogas e ao aborto”, afirma.

O candidato afirma que a defesa da família deve ser prioridade, assim como a liberdade religiosa para cultuar a Deus e a preservação de nossa liberdade. Bolsonaro destaca os apoiadores do governo, mencionando Cleitinho como Deputado Estadual. Em seguida, aborda as realizações do governo, incluindo a redução da taxa de desemprego, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), a diminuição do preço dos combustíveis e o aumento do valor assistencial do Bolsa Família. Todos esses feitos visam trazer esperança aos trabalhadores. Além disso, ressalta que o Brasil desempenha um papel crucial no cenário mundial, uma vez que o mundo depende do país devido ao agronegócio.

Bolsonaro interrompe sua discussão sobre o agronegócio para dirigir-se aos Policiais Militares, enfatizando que seu governo valoriza e confia na Polícia Militar. Ele expressa sua esperança em Deus de que, com o novo parlamento, consiga a exclusão de

ilicitude para que os policiais possam desempenhar melhor seu trabalho. Essa declaração, embora breve, reflete uma das frases frequentemente repetidas por Bolsonaro: "bandido bom é bandido morto". Essa afirmação sugere uma abordagem rígida em relação à criminalidade, promovendo a ideia de que os policiais têm carta branca para usar a força quando necessário. De fato, os Policiais Militares têm o dever de usar a força quando necessário, mas ao recorrer ao uso letal, surgem diversas questões jurídicas sobre se foi uma legítima defesa ou um abuso de poder. Esse dilema levanta um problema filosófico complexo, uma vez que tirar a vida de alguém vai além do exercício regular do direito. No entanto, não exploraremos essas questões neste momento; apenas destacamos que as palavras de Bolsonaro são particularmente atrativas para os policiais, pois sugerem uma permissividade em relação ao uso da força, sem muitas preocupações jurídicas.

O discurso continua com a afirmação de que o governo atual encerrou as ações do MST, relacionadas às invasões de terras, concedendo títulos de propriedade em todo o país e promovendo a pacificação no campo entre os invasores de terra e os agricultores. Além disso, destacou a liberação de armas de fogo para o que chamou de "cidadão de bem". O presidente menciona que as ditaduras são lideradas por governos que promovem o desarmamento, diferenciando-se assim de seu governo. Ele argumenta que não se deve temer em armar o cidadão de bem, pois essa medida vai além da segurança individual, constituindo-se como uma garantia de que ninguém irá escravizar o povo.

É importante observar que a proposta de Bolsonaro de liberar armas para o que ele chama de "cidadão de bem" é controversa. Embora possa parecer inicialmente voltada apenas para a proteção pessoal e familiar, ela sugere uma dimensão mais ampla. Ao mencionar a possibilidade de armar os civis para evitar a subjugação por parte de um governo totalitário, ele está essencialmente evocando a ideia de uma potencial guerra civil. Nessa visão, o indivíduo armado se posicionaria para enfrentar o governo que ele considera opressor. Essa retórica contribui para a construção de um imaginário dentro desse grupo específico.

A criação dessa ideia no imaginário coletivo estrutura-se a partir do temor em relação ao comunismo e aos regimes totalitários, associando os oponentes políticos a esses regimes. Ao acrescentar esse medo à imagem do patriota que defende a família, a sociedade e os valores cristãos combatendo o mal, temos militantes dispostos a defender essa ideia a qualquer custo. Assim, nos deparamos com o fenômeno bolsonarista: um grupo de pessoas com entendimento fechado, sem espaço para o contraditório, pois

qualquer oposição ao ídolo político considerado enviado por Deus é vista como uma ameaça.

Essa fala de Bolsonaro é muito séria para a democracia brasileira. O discurso ocorreu em 24 de agosto de 2022. Após as eleições, em que Bolsonaro não foi eleito, algumas pessoas começaram a alimentar a esperança de uma intervenção militar. No entanto, quando a oposição assumiu o poder, a intervenção militar não se concretizou. Em 8 de janeiro de 2023, cerca de 2.000 pessoas autointituladas "patriotas" invadiram a Praça dos Três Poderes e vandalizaram a Câmara dos Deputados, o Senado, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal. Diante dessa situação, o Exército interveio e os invasores foram presos, sendo acusados de tentativa de golpe de Estado. Não se pode afirmar com certeza que as palavras de Bolsonaro tinham a intenção de incitar um golpe de Estado no caso de derrota nas eleições. No entanto, é válido associar o discurso com o evento subsequente.

Voltamos ao discurso. Bolsonaro expressa orgulho em saber que na cadeira presidencial não há um comunista assentado. Com ele naquela posição, há liberdade, respeito ao povo e defesa da família; alguém que trabalha pelo bem da nação. Ele agradece a Deus pela segunda chance de vida que recebeu em Minas Gerais e pela missão de conduzir o destino do país. Em seguida, denuncia a corrupção do governo anterior, destacando que seu aliado apoia o ditador da Nicarágua. Informa sobre a perseguição à igreja, citando padres presos por esse ditador. Enfatiza que, apesar das tentativas, o país jamais se tornará vermelho e permanecerá verde e amarelo.

Bolsonaro afirma que todos estão ali porque acreditam em Deus. Como foi dito no passado, em uma passagem bíblica, João 8:32: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. A verdade, acima de tudo, nos liberta, pois desde que assumi, muitos começaram a compreender a política. Outra passagem bíblica que utilizei foi Oseias 4:6, que diz que o povo perece por falta de conhecimento, mostrando que não faltará conhecimento para que decidam o que é melhor para a pátria. Peço a Deus sabedoria e coragem para tomar decisões.

Novamente, o candidato reitera o convite para a celebração do 7 de setembro, enfatizando a simbologia histórica em torno do evento. Destaca a representatividade de Minas Gerais como um epicentro simbólico da independência nacional, associando-a ao coração do Brasil. Expressa sua gratidão a Deus pela incumbência conferida e pela grandiosidade da pátria. Anuncia sua intenção de fortalecer o governo em Minas Gerais, ressaltando sua importância histórica e estratégica. Conclui o discurso com sua frase

emblemática: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Assim, encerra sua intervenção.

Neste discurso de Bolsonaro, identificamos a evocação do medo, a demonização do adversário e a reiteração de sua suposta eleição divina, destacando-se como figura messiânica em missão. A ênfase na importância do 7 de setembro, simbolizada pelas cores verde e amarelo, reforça o apelo ao patriotismo. No entanto, o aspecto mais marcante desse discurso reside na sugestão velada de uma possível guerra civil. Se considerarmos o episódio subsequente de 8 de janeiro, no qual houve invasão aos prédios públicos, a conexão entre a retórica de Bolsonaro e a ocorrência desses eventos sugere a possibilidade de um golpe premeditado.

No dia 23 de setembro de 2022, Bolsonaro realiza um comício na cidade de Divinópolis, MG. Em seu discurso, o candidato reitera sua gratidão por ter “renascido” em Minas Gerais e enfatiza sua convicção de ter sido escolhido por Deus para ser presidente da República. Antes de abordar questões políticas, destaca um aspecto pessoal: sua rotina de começar o dia com uma oração do Pai Nosso, na qual pede a Deus que o povo não conheça os males do comunismo. Ele destaca a importância das eleições que se aproximam em 02 de outubro e questiona os presentes sobre suas aspirações para o futuro de seus filhos.

O candidato inicia questionando os eleitores se desejam um presidente que desrespeite a família, que apoie a legalização das drogas para seus filhos, que defenda a ideologia de gênero, que não respeite a propriedade privada e que seja considerado um ladrão. Dessa forma, ele se apresenta como o oposto dessas características. Afirma ser um candidato que valoriza os militares e os policiais, que protege os valores familiares. Em contraposição, critica seu opositor, que, segundo ele, almeja controlar a mídia, censurar as redes sociais e silenciar o povo brasileiro. Em seguida, aborda os limites do presidente da República e reforça que sempre atuou dentro da legalidade.

O candidato prossegue mencionando as realizações de seu governo, destacando o auxílio concedido durante a pandemia para manter a economia, além do Bolsa Família, cujo valor gasto em 2020 equivaleu a 15 anos do benefício anterior. Ressalta o compromisso com a responsabilidade fiscal e menciona a redução do preço da gasolina, entre outras medidas econômicas. Culpa seu opositor, o PT, por ter votado contra o valor de R\$ 600,00 para a população, sugerindo um valor menor. Em seguida, enfatiza sua defesa pela família, o respeito à vida desde a concepção e sua posição contrária ao aborto. Alerta para a importância da escolha do presidente, que pode indicar dois ministros para

o Supremo Tribunal Federal, garantindo que, se eleito, seus indicados não serão a favor do aborto. Aborda o sofrimento das mães com filhos usuários de drogas e critica o presidente da Colômbia por defender a legalização das drogas na ONU. Neste momento, a transmissão é interrompida e o vídeo chega ao fim.

Esse discurso, embora mais curto devido à interrupção do sinal, mantém sua estratégia característica. O uso da retórica religiosa é iniciado de forma inusitada, com o candidato relatando sua rotina matinal de dobrar os joelhos e orar a Deus, pedindo que o povo não caia nas garras do comunismo. Isso evidencia o medo genuíno do comunismo, percebido como uma ameaça iminente à sociedade, à espreita de uma oportunidade para se instalar. Portanto, é justificada a defesa da família, o combate à ideologia de gênero, à legalização das drogas e ao aborto. Dessa forma, mantém-se vivo o cosmo imaginário das pessoas que compõem o grupo devoto a Bolsonaro.

Os discursos evidenciam a estratégia e o *modus operandi* do candidato em campanha. A combinação de elementos emocionais, religiosos e econômicos é claramente perceptível, visando tanto a manutenção quanto a conquista de novos apoiadores. É notável o apelo emocional presente nos discursos, frequentemente destacando a trajetória pessoal do candidato, como o atentado sofrido em 2018, e expressando gratidão a Deus pelo milagre vivenciado. Essa abordagem visa estabelecer empatia e conexão com os eleitores. Além disso, é importante ressaltar o uso da religião, com menções à fé em Deus e agradecimentos pela segunda vida concedida, interpretada como uma missão divina para tornar-se Presidente.

Essa estratégia de utilizar a religião contribui para a construção de um imaginário messiânico em torno do candidato, retratando-o como um enviado de Deus. Assim como os profetas na Bíblia alertavam o povo sobre o mal iminente, o candidato adota uma abordagem similar ao falar de seu rival político. A proposta de instilar o medo está intimamente ligada à demonização do opositor, apresentando-o como uma ameaça que trará caos, fome e miséria, semelhante aos regimes totalitários. A ideia de destruição da família por meio de ideologias de gênero, legalização das drogas e do aborto é retratada como uma espécie de apocalipse. Diante desse cenário de iminente caos promovido pelo opositor, Bolsonaro surge como o escolhido ou o projeto de Deus para salvar a sociedade.

2 – Bolsonaro e a Sacralização da Política

2.1 A Construção do Culto à Personalidade de Bolsonaro

Os sentimentos de antipolítica, acentuados a partir de 2013, não poderiam ser ignorados. A indignação de uma parcela da sociedade diante dos escândalos de corrupção constantemente divulgados pela mídia, bem como a retórica de corrupção do Estado por parte do Partido dos Trabalhadores, foram aproveitados na estratégia de campanha eleitoral de Jair Bolsonaro. Os elementos religiosos também desempenharam um papel crucial nessa estratégia. Entre 2016 e 2018, o candidato cultivou, entre seus eleitores, elementos de caráter religioso. Essa abordagem político-religiosa não apenas respondeu ao desencanto generalizado com a política, mas também atraiu alguns segmentos religiosos que passaram a ver em Jair Bolsonaro uma referência de um político com perfil religioso.

Bolsonaro, por meio da religião, estabelece um vínculo com seu eleitorado. Em 2016, o candidato iniciou uma série de ritos relacionados à religião cristã. Jair Bolsonaro viajou para Israel, que é considerado o berço do pensamento cristão, e lá realizou o ritual de batismo nas águas, que é reconhecido como um símbolo profundo de confissão de fé e crença em Jesus Cristo para os devotos do cristianismo. O batismo foi ministrado pelo Pastor Everaldo, da Igreja Assembleia de Deus, que havia sido candidato à presidência da República em 2014 pelo Partido Social Cristão. Assim, nesse momento, Bolsonaro busca criar um vínculo com o eleitorado evangélico e fortalecer sua conexão com o Partido Social Cristão.

O vínculo estabelecido tem sua contraprestação. Bolsonaro precisava ajustar seu discurso, passando de pautas militarizadas para questões e costumes religiosos. De acordo com Almeida, “As pautas dos costumes, enfim, foram assumidas por Jair Bolsonaro, agradando às forças cristãs do Congresso Nacional. Bolsonaro vinha construindo um vínculo com o segmento evangélico que remonta a alguns episódios de sua vida mobilizados na campanha” (Almeida, 2019, p. 200). Os episódios da vida de Bolsonaro mencionados pelo autor incluem ritos significativos do cristianismo.

Outro pastor político com grande influência entre parte dos evangélicos presidiu o casamento de Bolsonaro. Silas Malafaia, da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, ministrou a cerimônia de casamento de Jair Bolsonaro e Michelle Bolsonaro. Malafaia é integrante da bancada evangélica. Segundo Anderson, “Silas Malafaia, o terceiro pastor mais rico do Brasil (com fortuna estimada em 150 milhões de dólares),

celebrou o casamento dos dois.” (ANDERSON, 2019, p. 242) No seu terceiro casamento, Bolsonaro promove a ideia da família tradicional, composta por pai (homem), mãe (mulher) e filhos. Essa retórica da família tradicional está associada ao combate ao casamento homoafetivo.

A premissa da proteção da família tradicional foi um tema central nas campanhas eleitorais de 2017 e 2022. Em seus discursos, Bolsonaro frequentemente defende essa causa. Em um discurso proferido na cidade de Betim - MG, ele afirmou que os homoafetivos seriam inimigos, alegando que eles supostamente tentariam obrigar padres e pastores a realizar casamentos em suas igrejas. O candidato afirmou ainda que a Proposta de Lei 22 (PL 22) poderia levar à prisão de clérigos que se recusassem a celebrar casamentos homoafetivos, considerando isso uma tentativa de destruir a família tradicional.

A retórica apresentada por Bolsonaro encontra aceitação significativa no meio evangélico. A compreensão cristã, não adere as práticas homoafetivas, aborto e etc., o que facilita a atração de ouvintes religiosos para as falas de Jair Bolsonaro. Outro aspecto relevante é a utilização do medo como estratégia. A afirmação de que padres e pastores poderiam ser presos caso se recusassem a celebrar casamentos homoafetivos exemplifica essa tática. O candidato associa seu rival político como um ditado que usa de intolerância e autoritarismo, para implantar suas ideias e acabar com a família e a igreja. Muitos eleitores aderem às ideias de Bolsonaro, em parte, devido à falta de conhecimento jurídico. Na teoria geral do direito, a Pirâmide de Kelsen é utilizada para explicar a estrutura e a hierarquia das leis.

A Constituição Federal de 1988 ocupa o topo da Pirâmide de Kelsen. As leis, decretos, resoluções e outros atos normativos devem ser criados em conformidade com a Constituição. O ordenamento jurídico não pode contrariar a Constituição; em caso de violação, o ato normativo é considerado inconstitucional e pode ser revogado ou anulado. Hipoteticamente, ao analisar a forma como a Proposta de Lei 22 (PL 22) foi apresentada por Bolsonaro, se essa proposta fosse aprovada e entrasse em vigor, ela seria infraconstitucional, ou seja, inferior à Constituição. A inferioridade jurídica implica que a lei deve estar subordinada à lei maior. No sistema jurídico brasileiro, a única forma de alterar a Constituição é por meio de emendas constitucionais, que também devem respeitar as cláusulas pétreas. É importante ressaltar que não se pode alterar as cláusulas pétreas para reduzir direitos fundamentais, mas apenas para ampliá-los (CAMILLO, 2019; LOURENÇO, 2017)

A Constituição brasileira contém artigos e incisos que não podem ser modificados sob nenhuma hipótese, conhecidos como cláusulas pétreas. Esses direitos são irrevogáveis. Um exemplo é o artigo 5º da Constituição e seus incisos, que abordam os direitos e garantias fundamentais dos cidadãos. Esse artigo não pode ser alterado para reduzir direitos, e nenhuma lei infraconstitucional pode contrariá-lo. Considerando o caso hipotético mencionado por Bolsonaro, observemos a redação do artigo 5º, inciso VI: "É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias." Diante desse inciso, a suposta obrigação de realizar casamentos em igrejas cristãs violaria o direito constitucional à liberdade de crença. A prisão de clérigos por se recusarem a cumprir tal obrigação seria ilegal, e o Estado teria que indenizar os envolvidos caso realizasse tal prisão. Esse exemplo ilustra como um conhecimento jurídico básico pode servir para questionar e avaliar criticamente as afirmações feitas por Bolsonaro.

A retórica de Bolsonaro pode ser considerada com fins meramente eleitorais. Embora parte de seus ouvintes não possua conhecimento jurídico, o candidato, devido à sua carreira política, tem acesso a esse saber. Ele utiliza o sensacionalismo para gerar impacto na sociedade, especialmente no meio evangélico. Ao construir um clima de medo, Bolsonaro associa seu rival político como o responsável por trazer esse "mal", criando um inimigo comum. Assim, Bolsonaro se configura como o salvador que livrará o povo desse sofrimento, posicionando-se como a opção benéfica, um enviado de Deus para proteger a sociedade e evitar que ela pereça nas mãos do inimigo.

A postura de Bolsonaro em relação às novas pautas assumidas é positiva para a bancada evangélica. Ao longo de sua carreira política, Bolsonaro se dedicou predominantemente a pautas militares. Segundo Ciocari (2019), em seu artigo sobre a evolução do discurso de Bolsonaro ao longo de 27 anos de carreira, a obra *A campanha eleitoral permanente de Jair Bolsonaro: O deputado, o candidato e o presidente* analisam as mudanças nas suas pautas e discursos. A análise revela que, antes de 2014, Bolsonaro focava em pautas militares, rurais e na defesa do armamento civil. A partir de 2014, o discurso de Bolsonaro passa a incluir ataques aos homossexuais e ao governo de Dilma Rousseff, e, por conseguinte, ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com ênfase na questão da educação infantil. Vejamos:

As pautas seguem as mesmas. Com a chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder, Bolsonaro direciona seu discurso mais ao ataque aos presidentes Lula e Dilma Rousseff e às pautas conservadores que ganharam fôlego desde 2014.

“O PT quer transformar criancinhas de 5, 6, 7 anos de idade em homossexuais e escancarar as portas para a pedofilia!”. Nesse discurso de 15 de junho de 2015, o PT e os homossexuais são atacados. (CIOCCARI, 2019 p.145)

A autora expõe que Jair Bolsonaro está aproveitando os escândalos de corrupção que desqualificam a governabilidade para desviar a atenção para outros assuntos, frequentemente através de ataques ao governo vigente na época. A estratégia de atacar opositor com críticas é comum na política, embora as palavras usadas por Bolsonaro nem sempre sejam apropriadas. Um exemplo apresentado pela autora, é quando ele faz referências controversas, como mencionar o neto da Presidente da República em seu discurso na tribuna da câmara dos deputados. Em um caso específico, Bolsonaro criticou o que alegadamente seria uma orientação do MEC intitulada “Sexualidade na infância e na adolescência”. Embora tal orientação não esteja disponível diretamente no *site* do MEC, uma pesquisa no Google leva ao link: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf> que ao ser acessado apresenta o arquivo, que não tem autor, data e local de publicação. Vamos examinar os três primeiros parágrafos dessas orientações:

Os contatos de uma mãe com seu filho despertam nele as primeiras vivências de prazer. Essas primeiras experiências sensuais de vida e de prazer não são essencialmente biológicas, mas constituirão o acervo psíquico do indivíduo, serão o embrião da vida mental no bebê. A sexualidade infantil se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue se manifestando de forma diferente em cada momento da infância. A sua vivência saudável é fundamental na medida em que é um dos aspectos essenciais de desenvolvimento global dos seres humanos.

A sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura. Os adultos reagem, de uma forma ou de outra, aos primeiros movimentos exploratórios que a criança faz em seu corpo e aos jogos sexuais com outras crianças. As crianças recebem então, desde muito cedo, uma qualificação ou “juízo” do mundo adulto em que está imersa, permeado de valores e crenças que são atribuídos à sua busca de prazer, o que comporá a sua vida psíquica.

Nessa exploração do próprio corpo, na observação do corpo de outros, e a partir das relações familiares é que a criança se descobre num corpo sexuado de menino ou menina. Preocupa-se então mais intensamente com as diferenças entre os sexos, não só as anatômicas, mas também com todas as expressões que caracterizam o homem e a mulher. A construção do que é pertencer a um ou outro sexo se dá pelo tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressões diretamente ligadas à sexualidade e pelos padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino. Esses padrões são oriundos das representações sociais e culturais construídas a partir das diferenças biológicas dos sexos e transmitidas pela educação, o que atualmente recebe a denominação de relações de gênero. Essas representações absorvidas são referências fundamentais para a constituição da identidade da criança. (SEXUALIDADE NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA, S/D; P.81)

O documento completo não foi encontrado, e o arquivo possui 39 páginas, com a página citada correspondente à página 81. Bolsonaro explora uma possível ambiguidade

do documento. O seu questionamento é o fato de uma criança possuir libido para se conhecer sexualmente. O que talvez abriria espaço para a atuação de um pedófilo. Embora as palavras escolhidas por Bolsonaro tenham sido inadequadas, bem como, desnecessário mencionar o neto da presidente da República ao afirmar: “Dilma Rousseff, você tem neto! Coloque essa porcaria para ele e não para os filhos do povo”. (CIOCCARI, 2019; p.145). Os três primeiros parágrafos da orientação, juntamente com o questionamento de Bolsonaro, parecem apresentar uma intenção ambígua, levando o leitor a questionar se uma criança possui libido para se conhecer sexualmente. Bolsonaro estando certo ou não sobre essa interpretação do texto, independentemente de suas intenções, essa crítica trouxe visibilidade a esse tema, especialmente entre outros partidos, incluindo a bancada evangélica.

Através da obra de Cioccarri (2019), é possível observar uma transformação no discurso de Bolsonaro. As alianças políticas estabelecidas, especialmente com a bancada evangélica, parecem ter influenciado essas alterações em seus discursos. A mudança mais significativa refere-se às pautas evangélicas. Durante a preparação para as eleições de 2018, o candidato passou a enfatizar em seus discursos sua defesa dos “valores cristãos”. Dessa forma, Bolsonaro não apenas cumpre a aliança estabelecida, mas também fortalece seu vínculo com amplos seguimentos das igrejas cristãs, contando com o apoio de líderes religiosos que o respaldam.

É importante destacar a mudança no discurso de Bolsonaro à medida que a religião se torna uma pauta política relevante. Essa compreensão permite concluir que houve uma sacralização da política por parte dos apoiadores do candidato. O período de 2014 a 2016 é notável pelas alianças estabelecidas e pelas mudanças discursivas. Entre 2016 e 2018, destacam-se os ritos realizados, além da ênfase na defesa dos “valores cristãos”. Nesse cenário, inicia-se a transição do palanque para o altar e do altar para o palanque. A retórica das pautas “cristãs” defendidas pela bancada evangélica e pelos líderes evangélicos tem ressoado com os religiosos que encontraram no candidato pontos de identificação que vão além da política.

O deslocamento do palanque para o púlpito realizado por Bolsonaro não é uma novidade na política. O caminho inverso foi trilhado nas eleições de 1986. Almeida (2019), na obra Bolsonaro Presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira, evidencia esse movimento inverso ao afirmar: “Os evangélicos fizeram o movimento do púlpito ao palanque nas eleições para a Assembleia Constituinte, em 1986. Bolsonaro, no entanto, assim como o ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha (MDB-

RJ), fez o movimento no sentido inverso” (ALMEIDA, 2019; p. 200). Assim, o deslocamento da política para a religião foi intencional, iniciando-se com a mudança do discurso, o apoio à bancada evangélica e a defesa de suas pautas.

Esse movimento da política para a religião ocorre em um momento de polarização social. A polarização, que se intensificou a partir de 2013 devido aos escândalos de corrupção e à descrença na política, permite que Bolsonaro utilize e amplifique esse sentimento na sociedade. Dessa forma, o candidato consegue criar um vínculo com uma parcela específica da população, especialmente com os religiosos, devido à incorporação de uma retórica antissistema, autoritária e religiosa. A receptividade das ideias de Bolsonaro por parte de uma parcela dos cristãos contribuiu para que a polarização se manifestasse ou disputasse espaço dentro das igrejas. Com base nessa visão, observo a idolatria e a transição do altar para o palanque. (ALMEIDA, 2019)

Os religiosos cristãos também fazem parte da sociedade, e uma sociedade polarizada inclui esses grupos. Com o apoio da bancada evangélica e de alguns líderes religiosos influentes, Bolsonaro estabelece um vínculo com os eleitores religiosos, facilitando a aceitação de suas ideias. Uma parcela dos evangélicos aceita e defende as propostas de Bolsonaro, e as discussões políticas começam a ganhar espaço nas igrejas, a ponto de interferir no cronograma dos cultos e das atividades eclesiais. Bolsonaro se apresenta como defensor dos valores cristãos, e, portanto, seus discursos deveriam estar alinhados com esses valores morais. Nesse contexto, é interessante analisar a obra de Liniker Xavier (2019): *Eleições 2018 e Os Valores Cristãos na Escola Dominical: Convergências e Contradições Pentecostais*.

O autor propõe uma análise das "Lições Bíblicas" da Assembleia de Deus, distribuídas nas Escolas Dominicais durante o segundo trimestre de 2018. Essas lições abordaram temas relevantes para a comunidade pentecostal em um momento de intensa polarização política. O autor sugere que, durante o período eleitoral, os temas tratados nas lições refletiram preocupações e valores em debate na sociedade, alinhando-se com a retórica de Bolsonaro. Os ensinamentos enfatizavam a necessidade de uma postura ética e moral dos fiéis, ao mesmo tempo que abordavam temas controversos como o trabalho escravo e a dignidade humana.

O autor aponta algumas convergências em valores, mas também destaca as contradições entre a escolha do candidato Bolsonaro e os princípios defendidos pela Declaração de Fé das Assembleias de Deus. Uma das controvérsias abordadas é que a Declaração de Fé enfatiza a transformação e a redenção do ser humano, promovendo a

ideia de que todos têm a capacidade de se arrepender e mudar. No entanto, Bolsonaro frequentemente adota um discurso que deslegitima a possibilidade de reabilitação, como exemplificado pela afirmação de que "bandido bom é bandido morto", o que contraria a mensagem de amor e perdão central ao pentecostalismo. Nesse contexto, podemos observar outras grandes contradições no discurso de Bolsonaro em relação aos valores cristãos, conforme destacado pelo autor.

A retórica contra a legalização do aborto fundamenta-se no princípio da vida, ou seja, no valor moral inerente à possibilidade de viver, que ninguém deveria ter o direito de retirar do indivíduo. No entanto, o candidato também adota em seu discurso a frase: "bandido bom é bandido morto". Isso levanta a questão: onde está o valor moral da vida? Como defensor dos valores cristãos, Bolsonaro deveria evitar contradizer um valor maior quanto a vida. Diante da obra do autor, surge a ambiguidade sobre como essas lições são ensinadas nas igrejas. De um lado, as lições poderiam evidenciar e desassociar Bolsonaro como o defensor dos valores cristãos. De outro, poderiam atuar como um catalisador da campanha de Bolsonaro, defendendo suas ideias sem questionar ou justificar suas contradições. Assim, é válido questionar qual foi a intenção da editora da lição: alertar os fiéis ou justificar e validar as ideias do candidato "escolhido".

Retomando o pensamento do autor, embora as lições dominicais tenham sido apresentadas, ele observa outros fatores que merecem análise. O autor argumenta que, apesar das divergências significativas entre os princípios defendidos pela Declaração de Fé das Assembleias de Deus e os discursos de Jair Bolsonaro, muitos fiéis pentecostais escolheram apoiá-lo. Essa escolha pode ser compreendida através de uma análise holística, na qual a religião e a cultura estão interconectadas, influenciando as decisões políticas dos indivíduos. A adesão ao candidato também pode ser atribuída à busca por um líder que represente valores conservadores em um cenário político conturbado, à insatisfação com o governo anterior e à percepção de que Bolsonaro poderia atender às expectativas de mudança desejadas pela comunidade pentecostal.

Para concluir o pensamento sobre essa questão. O autor argumenta que a dinâmica entre religião e política revela a natureza modular do pentecostalismo, que permite uma diversidade de interpretações e práticas. Destaca a necessidade de compreender as interações entre fé, cultura e política de maneira mais profunda, sugerindo que as escolhas eleitorais não são apenas questões de doutrina, mas também de contexto social e cultural. À luz desse pensamento, é evidente que os eleitores de Bolsonaro consideraram esses três aspectos ao decidirem apoiá-lo. A doutrinação ocorreu através das lições, das discussões

dentro das igrejas e até mesmo nos altares. O contexto social foi marcado pela polarização e pela descrença na política. Já o contexto cultural se manifestou quando Bolsonaro realizou o ritual do batismo no rio Jordão.

Dentro desse cenário da campanha religiosa eleitoral de Bolsonaro, a polarização na sociedade começa a se manifestar como uma polarização religiosa. Os eleitores religiosos do candidato passam a sustentar e justificar suas ideias, e essa polarização religiosa inicia o processo de sacralização do candidato. Nesse contexto, emerge a idolatria, onde Bolsonaro é considerado o "enviado de Deus". O autor Yago Martins, em sua obra *A Religião do Bolsonarismo* (2021), aborda, no primeiro capítulo, as primeiras raízes da idolatria associada ao "eleito de Deus". Martins afirma que “Bolsonaro apresentou o culminar da mais poderosa e ampla teologia política da história do Brasil recente” (MARTINS, 2021; p. 19). O slogan de campanha do candidato, juntamente com suas frases, ressoou quase como um mantra entre seus eleitores.

Martins sugere em sua obra que o início da idolatria a Bolsonaro ocorre após o atentado que sofreu. Após a facada no abdômen, durante sua recuperação, perfis de eleitores começaram a tratar Bolsonaro como um mártir. “Fortaleceram-se cada vez mais narrativas religiosas que elevavam Bolsonaro a um tipo de Cristo” (MARTINS, 2021; p. 19). As redes sociais passaram a circular frases como “ele sangrou por nós” e “ele sangrou por ti”, e manifestações nas ruas exibiam essas declarações. Além disso, uma imagem comum mostrava Bolsonaro afundando no mar, com Jesus estendendo a mão para resgatá-lo. A ideia não era apenas que Bolsonaro havia sido escolhido por Jesus Cristo para salvar o país, mas que, juntamente com Jesus, ele iria salvar o país.

O mantra eleitoral de Bolsonaro contribuiu não apenas para sua eleição, mas também para o seu mandato. O autor destaca que algumas figuras de influência social e política continuaram a propagar o discurso religioso associado ao governo Bolsonaro. O autor traz um exemplo, a declaração de um homossexual, de direita, conservador, que foi candidato a Deputado Estadual de São Paulo pelo mesmo partido de Bolsonaro. Smith Hays no Twitter escreveu: “O Bolsonaro presidente é a vontade de Deus para o nosso país...” (MARTINS, 2021; p. 20). A sacralização de Bolsonaro serve como uma ferramenta para validar seu governo. Questionamentos ao governo eram frequentemente respondidos com agressividade. Em um episódio, quando o governo foi criticado por gastar 15 milhões de reais em latas de leite condensado, Jair Bolsonaro respondeu de forma hostil, mandando o jornalista “enfiar no rabo” as latas de leite condensado. Essa

fala agressiva contrasta com a imagem de Bolsonaro como defensor dos valores cristãos e como um enviado de Deus.

O autor sugere que a retórica de Bolsonaro frequentemente inclui promessas de restauração dos valores cristãos e da "grandeza" do Brasil. Essas promessas são particularmente atraentes para muitos evangélicos que percebem que a sociedade está se afastando dos princípios que consideram fundamentais. A ideia de que Bolsonaro pode reverter esse afastamento e restaurar esses valores configura uma narrativa de salvação. Muitas igrejas evangélicas utilizam narrativas apocalípticas que descrevem uma luta entre o bem e o mal. Nesse contexto, Bolsonaro é frequentemente apresentado como um defensor do bem, combatendo forças malignas que ameaçam a moralidade e a fé cristã, representadas por seus adversários políticos. Essa perspectiva cria um senso de urgência e uma necessidade de apoio a Bolsonaro como uma forma de "salvação" para o Brasil.

A demonização de oponentes políticos e ideológicos é uma parte crucial dessa narrativa. Ao retratar adversários como ameaças à fé e à moralidade, a narrativa de salvação se fortalece, pois os apoiadores de Bolsonaro se sentem justificados em sua escolha, acreditando que estão lutando por uma causa maior. Esses elementos combinados contribuem para a criação de uma narrativa poderosa que posiciona Bolsonaro não apenas como um político, mas como um líder messiânico capaz de trazer salvação e restauração ao Brasil. Essa construção simbólica é essencial para entender a idolatria que se desenvolveu em torno de sua figura.

O autor expõe a promoção de Bolsonaro como um líder quase divino, o que resultou em um culto à sua personalidade. Nesse contexto, qualquer crítica ao presidente é frequentemente percebida como um ataque ao próprio Deus. A construção da imagem de Bolsonaro como um líder forte e carismático, que se apresenta como defensor dos valores cristãos e da moralidade, alimentou esse culto à personalidade. A ideia de que qualquer crítica a Bolsonaro é vista como uma afronta a Deus ou aos valores cristãos fortalece a lealdade de seus seguidores. Esse cosmos imaginário cria um ambiente onde a oposição é deslegitimada e os críticos são considerados inimigos não apenas do presidente, mas também da fé e da moralidade que ele representa. Assim, o líder é exaltado a um nível sagrado, levando os apoiadores a vê-lo como um salvador.

Os líderes religiosos – por grande parte os cristãos – que apoiam Bolsonaro desempenham um papel crucial nesse processo, promovendo sua imagem e encorajando os fiéis a vê-lo como um escolhido por Deus. Essa validação religiosa reforça a ideia de que criticar Bolsonaro é, na verdade, criticar a vontade divina. O apoio incondicional e

religioso ao presidente se mantém evidente. Segundo o autor, “pastores reformados passaram a diminuir o número de postagens bíblicas em suas páginas no Facebook e Instagram para comentar notícias que sempre privilegiaram as posturas e ações do presidente” (MARTINS, 2021; p. 26). O apoio a Bolsonaro tornou-se parte da identidade de muitos de seus seguidores, especialmente entre os evangélicos. A defesa fervorosa do presidente é frequentemente ligada à defesa de suas crenças e valores, criando uma comunidade coesa que se une em torno dessa figura política e religiosa.

O autor também faz uma crítica aos evangélicos, destacando que a própria Bíblia adverte sobre falsos profetas, messias e outros enganadores. O fato de alguém usar um discurso religioso não implica necessariamente que essa pessoa seja um verdadeiro devoto da divindade. Seu discurso pode ter apenas função retórico-eleitoral. As advertências bíblicas encorajam os fiéis a analisar, questionar e refutar falsos ensinamentos. O autor critica a falta de discernimento entre alguns evangélicos, que, ao apoiar Bolsonaro sem questionar, ignoram essas advertências e não aplicam o critério bíblico para avaliar a autenticidade dos ensinamentos e das motivações daqueles que se apresentam como líderes religiosos. Vejamos a crítica do autor:

É notável que, enquanto na tradição profética do Antigo Testamento os profetas geralmente tinham mensagens de juízo sobre os líderes políticos, os autoproclamados profetas modernos se limitem a elogiar e apoiar o presidente com suas mensagens. Estamos voltando, certamente, ao cenário condenado pelo próprio Deus por meio do profeta bíblico Jeremias: “Tenho ouvido o que dizem aqueles profetas, proclamando mentiras em meu nome, dizendo: ‘Sonhei, sonhei’. Até quando acontecerá isso no coração dos profetas que proclamam mentiras, que proclamam só o engano do próprio coração? (Jeremias 23.25-26). Os cristãos precisam lembrar que somos ensinados a sempre julgar e avaliar qualquer mensagem profética para considerarmos se aquilo é verdadeiro ou não, protegendo-nos de quem ensina falsidades em nome de Deus (1Coríntios 14.29). Acreditar em qualquer um que fale em nome de Deus é esquecer que Cristo alertou sobre muitos virem profetizando mentiras em seu nome (Mateus 24.4-24). (MARTINS, 2021; p. 26-27)

Bolsonaro é sacralizado através de frases, gestos e discursos de apoiadores que afirmam constantemente que Deus está com o candidato. Líderes religiosos como Silas Malafaia e Edir Macedo, entre outros, realizaram orações e ungiram Bolsonaro, consolidando sua imagem como o "eleito de Deus". Essa figura é reafirmada cada vez mais como a escolha divina para guiar o Brasil e protegê-lo das forças do mal, representadas como o diabo. As ações e discursos de Bolsonaro passam a ser justificadas por seu atributo divino de infalibilidade, ou seja, qualquer erro, mal ou falha é desconsiderado. Dessa maneira, compreende-se que o início do bolsonarismo está profundamente ligado à idolatria do candidato.

É possível argumentar que Bolsonaro tenha planejado se estabelecer como uma figura divina/ídolo ou até mesmo fomentar o movimento denominado bolsonarismo. No entanto, não podemos afirmar isso com certeza, pois não foi encontrado até o momento alguma declaração do candidato com essas afirmações e os fatos apontam para outra linha de compreensão. A principal motivação de Bolsonaro parecia ser a obtenção de votos. Como qualquer político, ele fez alianças para fortalecer sua posição. O resultado dessas alianças com líderes religiosos foi promissor; como diz o ditado brasileiro: “Não se mexe em time que está ganhando”. Bolsonaro não iria interromper os líderes religiosos que desejavam orar por ele ou ungi-lo. Pelo contrário, ele aproveitou a oportunidade e continuou promovendo as referências religiosas. A sacralização de Bolsonaro e o surgimento do bolsonarismo são mais um reflexo das ações dos líderes religiosos que idealizaram a criação da figura de um líder político escolhido por Deus. Essa compreensão fica mais clara quando Martins (2021) afirma:

A melhor forma de descrever o comportamento teológico-político do bolsonarismo é como *profanação messiânica*. Mesmo que muitos tenham tentado usar a igreja para conseguir votos, a profanação dos símbolos religiosos do cristianismo para fins políticos e a exaltação de Bolsonaro como uma figura ungida e profética inundou a campanha de Bolsonaro de modo diferente – muito mais constante, muito mais espiritualista, muito mais profético. (MARTINS, 2021; p. 31)

Concordo com Martins ao utilizar o termo "profanação messiânica" para descrever o fenômeno em questão. Há uma tentativa de construir uma figura messiânica bíblica em torno de Bolsonaro, embora essa figura não se encaixe nos padrões dos profetas apresentados nas escrituras bíblicas. A divergência entre Bolsonaro e os profetas bíblicos é evidente em suas falas, posturas e práticas religiosas. Líderes religiosos adaptaram os textos bíblicos para encaixar a figura de Bolsonaro em uma moldura messiânica. Por exemplo, Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, compara Bolsonaro ao Rei Davi, que governou Israel e foi considerado um homem escolhido e ungido por Deus. O autor observa uma persistente tentativa de reafirmar Bolsonaro como um homem de Deus, construindo uma narrativa e uma imagem que visam fixar-se na mente das pessoas, alterando assim seu cosmos imaginário.

O fato de que Bolsonaro não tenha explicitamente planejado se tornar um ídolo sagrado ou criar o bolsonarismo não o isenta de responsabilidade. O autor deixa claro que “esse tipo de postura não aconteceu à revelia da vontade do presidente” (MARTINS, 2021; p. 30). Em diversas ocasiões, Bolsonaro promoveu a imagem de um cristão devoto por meio de discursos repletos de referências religiosas, citações bíblicas e rituais. Sua

complacência com figuras que propagavam sua imagem como o "Homem escolhido e ungido por Deus" também desempenhou um papel significativo na consolidação dessa idolatria.

Esses fatores contribuíram para fortalecer a figura de Bolsonaro como um ídolo religioso. A construção de um ídolo comum entre os seguidores resultou na formação de um grupo coeso, empenhado em propagar e defender as ideias associadas a essa figura. Portanto, o surgimento do bolsonarismo pode ser compreendido como um fenômeno emergente da sacralização e idolatria em torno de Bolsonaro, que, consciente ou inconscientemente, reforçou e utilizou essa construção simbólica para consolidar seu poder e influência.

O bolsonarismo surge na sociedade como um movimento pronto para justificar as ações de Jair Bolsonaro. Esse fenômeno é resultado da sacralização da política, ou mais especificamente, da sacralização da figura de Bolsonaro. Os apoiadores percebem o presidente como alguém em uma missão divina para "salvar" o Brasil de ameaças percebidas, como o comunismo e a ideologia de gênero. Na obra “O Populismo Reacionário: Ascensão e Legado do Bolsonarismo” (2022), Christian Lynch explora a ideia de sacralização da política e analisa como certos aspectos políticos, líderes e ideologias são atribuídos características sagradas ou divinas.

O autor propõe que a sacralização da política está ligada à construção de uma narrativa que divide o mundo entre "bons" e "maus", com o líder populista frequentemente retratado como um salvador ou figura messiânica. Essa sacralização pode ser utilizada para legitimar o autoritarismo, reforçar a polarização social e justificar medidas antidemocráticas. A transformação no cosmos imaginário do eleitorado fiel cria supostas “verdades” e narrativas inquestionáveis. Isso pode incluir a ideia de que um determinado líder político é infalível, a crença de que uma ideologia específica é a única verdadeira, ou a noção de que certas práticas políticas são moralmente justificadas devido a uma suposta autoridade divina.

Portanto, a associação entre política e elementos sagrados pode influenciar a maneira como as pessoas percebem e se relacionam com o poder político, muitas vezes levando a uma adesão inquestionável e fanática a determinadas figuras ou ideologias. Assim, Bolsonaro mantém uma postura carismática entre seus eleitores como defensores do “bem”, enquanto trata seus rivais políticos como inimigos. Essa situação reflete como os bolsonaristas agem na sociedade, utilizando uma narrativa que divide a população entre "nós" (os verdadeiros patriotas) e "eles" (os inimigos da nação). Essa dicotomia é

frequentemente acompanhada de uma retórica que eleva a luta política a um nível quase religioso, justificando-a com a defesa de valores conservadores. Essa situação poderia até ser abordada como uma batalha sagrada.

Lynch expõe que, na sacralização da política associada ao bolsonarismo, a ideia central é que Bolsonaro está agindo em defesa de uma "verdade" superior ou de um "povo" que precisa ser protegido. A noção de uma "verdade" superior implica que Bolsonaro e seus apoiadores acreditam possuir uma visão única e correta sobre a realidade social e política. Essa verdade é frequentemente apresentada como uma defesa dos valores tradicionais, da moral cristã e da soberania nacional. Nesse sentido, qualquer oposição a Bolsonaro é vista não apenas como uma discordância política, mas como uma ameaça a essa verdade, que é considerada essencial para a preservação da identidade nacional e dos costumes.

A ideia de que Bolsonaro age em defesa de um "povo" que precisa ser protegido é uma construção retórica que visa mobilizar sua base de apoio. Esse "povo" é frequentemente definido de maneira restritiva, englobando aqueles que compartilham valores conservadores — ou seja, "nós", os patriotas — e que se sentem ameaçados por mudanças sociais, como a luta por direitos de minorias ou a crítica ao patriarcado. A retórica de proteção cria um senso de urgência e justifica ações que, de outra forma, poderiam ser vistas como autoritárias ou divisíveis. Assim, pode-se concluir que o cosmos imaginário criado por essa retórica inibe a capacidade das pessoas de questionar tais ações autoritárias.

Isso ocorre porque o bolsonarismo está fortemente alinhado com grupos evangélicos, que nesse momento marcava-se por ver a política como uma extensão de sua fé. Essa interseção entre religião e política contribui para a sacralização, na qual as decisões políticas são interpretadas através de uma lente religiosa, reforçando a ideia de que o governo de Bolsonaro faz parte de um plano divino. Essa crença faz com que tanto os religiosos mais devotos quanto os menos devotos considerem Bolsonaro como um enviado de Deus. A fé no candidato leva à utilização de símbolos religiosos e à ritualização de eventos políticos, como cultos de adoração a Bolsonaro. Essas práticas criam um ambiente onde a política é vivida como uma experiência espiritual, reforçando a devoção dos seguidores.

O ponto central que estrutura a obra do autor é a ideia de um "povo que precisa ser protegido" é que estrutura as narrativas que alimentam o cosmos imaginário. Lynch observa que as narrativas de Bolsonaro frequentemente giram em torno de conflitos,

sendo o mais comum o "nós contra eles". Bolsonaro é posicionado como um guerreiro que luta contra inimigos internos e externos. Essa narrativa contribui para a polarização da sociedade. Bolsonaro não se preocupa em apaziguar uma sociedade polarizada desde 2013. Tanto durante a campanha eleitoral quanto no governo, suas ações criam um ambiente onde a lealdade ao líder é vista como uma forma de resistência contra forças consideradas subversivas ou destrutivas.

Segundo o autor, observa-se uma construção imaginária que cria a necessidade de proteger a "verdade" e o "povo", transformando a política em uma luta sagrada onde os fins justificam os meios. A finalidade de Bolsonaro é conquistar votos, enquanto a finalidade do bolsonarismo é defender a "verdade" associada a Bolsonaro. Para alcançar esses objetivos, intensificam-se as referências religiosas e o autoritarismo nos discursos. Bolsonaro recorre a qualquer recurso necessário para promover a defesa dessa "verdade", seja por meio de autoritarismo ou violência. Isso inclui ataques à imprensa, deslegitimação de instituições democráticas e a promoção de uma "guerra cultural" contra ideologias vistas como ameaças. Esses aspectos refletem nas falas de Bolsonaro e nas ações do bolsonarismo.

É válido ressaltar que essa construção no imaginário também apela para as emoções dos apoiadores, criando um forte vínculo afetivo entre eles e a figura de Bolsonaro. No contexto bolsonarista, a sacralização da política não é apenas uma questão de ideologia, mas também de identidade e pertencimento, onde os seguidores se veem como parte de uma missão maior. Todos estão engajados em derrotar o mal e trazer a paz para o Brasil, e a eliminação do mal da sociedade torna-se uma prioridade. A manutenção dessa construção imaginária exige um grande esforço. Diante desse esforço Lynch descreve as técnicas usadas para sustentar essa narrativa. Vejamos:

- 1) Simular um poder maior do que aquele que você realmente tem;
- 2) Falar apenas a linguagem do seu próprio público;
- 3) Não jogar no terreno em que seu adversário tenha vantagem, obrigando-o, ao contrário, a jogar no seu, onde ele não tem familiaridade, a fim de causar confusão, temor e retirada;
- 4) Ridicularizar o adversário, porque é quase impossível contra-atacar o ridículo;
- 5) Desenvolver táticas compreensíveis para seus companheiros;
- 6) Manter pressão constante, com táticas e ações diferentes, e utilizando tudo que acontecer para alcançar o seu propósito;
- 7) Espalhar boatos catastrofistas para manter o adversário acossado pelo medo;
- 8) Pressioná-lo sem trégua, de modo firme e consistente;
- 9) Jamais reconhecer seu erro ou fraqueza quando sofrer um revés, respondendo sempre com violência verbal e desmentindo o fracasso;

10) Polarizar o tempo inteiro, sem se preocupar com discussões racionais em termos de argumentos. (LYNCH: 2022, p. 156-157)

Segundo Lynch, essas estratégias foram adaptadas pela direita radical para o ambiente digital. As táticas “mantêm o público reacionário encapsulado em uma realidade paralela, marcada pela paranoia, pelo ódio e pelo medo, alimentada diariamente pela difusão de boatos, notícias falsas e teorias da conspiração” (LYNCH, 2022; p. 158). A constante exposição a mensagens que alertam sobre ameaças iminentes — provenientes de grupos considerados inimigos, como progressistas ou minorias — cria um estado contínuo de alerta e defensividade entre os apoiadores. Esse estado de alerta, por sua vez, gera um clima de ódio direcionado aos "inimigos", justificando ações agressivas e polarizadoras.

Essa dinâmica tem implicações profundas para a democracia, pois mina a confiança nas instituições e promove uma cultura de desinformação. A polarização extrema e a radicalização dos discursos dificultam o diálogo e a construção de consensos, que são essenciais para o funcionamento saudável de uma sociedade democrática. Conforme discutido pelo autor, o controle eficaz sobre a narrativa pública cria uma base de apoio que opera em uma realidade paralela, alimentada por emoções negativas e desinformação. Essa estratégia não apenas fortalece a posição do líder populista, mas também representa um desafio significativo para a democracia e a coesão social.

Ao analisar a combinação das técnicas manipulativas mencionadas com a sacralização da política por meio da religião, observamos que um grupo na sociedade vê seu líder não apenas como um ídolo, mas como uma figura dotada de atributos divinos, como a infalibilidade. No contexto do bolsonarismo, não há apenas rivais políticos, mas inimigos políticos ou até mesmo inimigos de Deus. Em suma, a conclusão da obra oferece uma reflexão profunda sobre as implicações do bolsonarismo. O autor destaca os alertas sobre as táticas manipuladoras e a sacralização da política, que criam um líder cuja autoridade e ideias são vistas como inquestionáveis. Essa dinâmica levanta preocupações sobre a proteção da democracia, que é colocada em segundo plano quando o autoritarismo e a violência são utilizados para dominar debates políticos e sobrepor argumentos adversários.

Para concluir este tópico, à luz dos argumentos apresentados, é possível afirmar que Bolsonaro de forma explícita, não propôs a criação do bolsonarismo nem a sacralização de sua imagem como um ídolo entre seus seguidores. No entanto, ele não pode se isentar de responsabilidade, pois atuou como catalisador na construção de sua

figura messiânica — com o apoio dos líderes religiosos — e no fenômeno bolsonarista como um todo. As táticas utilizadas para manter seu eleitorado contribuíram para a perpetuação da polarização na sociedade. Bolsonaro, em nenhum momento, buscou apaziguar essa polarização; ao contrário, utilizou-a a seu favor, cultivando o ódio e semeando o medo e a paranoia em torno da luta contra aquilo que entendia como o mal. À medida que Bolsonaro gerenciava a polarização, sua sacralização avançava, consolidando-se como o "Homem de Deus", escolhido e ungido.

A permanência do discurso religioso, resultado da sacralização da política, criou a figura de um homem que está a serviço de Deus, com seus eleitores também desempenhando um papel na missão divina de remover os inimigos da sociedade. A retórica de "nós contra eles" é uma parte central do cosmos imaginário dos bolsonaristas, que o percebem como uma batalha sagrada. Bolsonaro, como o candidato escolhido entre todos para realizar o plano divino de governar o país, não enfrenta um rival político, mas sim um inimigo político. Dessa forma, a distinção entre rival e inimigo político se torna clara: enquanto o rival é alguém com quem se compete em um cenário democrático, o inimigo político é percebido como uma ameaça existencial. Soma-se isso com o atributo divino da infalibilidade, Jair Bolsonaro não pode ser contradito, pois opor-se ao candidato é considerado opor-se a Deus. No bolsonarismo, Bolsonaro é visto como o salvador do Brasil e, portanto, qualquer oposição ao seu governo é vista como uma afronta ao plano divino.

2.2 A sacralização nos discursos de 2022.

Jair Messias Bolsonaro, candidato à presidência nas eleições de 2022, realizou quatro comícios no primeiro turno de sua campanha eleitoral no Estado de Minas Gerais. Entre seus eleitores, Bolsonaro foi percebido como um homem em serviço divino, visto como alguém que, juntamente com Deus, está trabalhando para libertar e salvar o Brasil das garras do mal. A retórica sobre o suposto terror maligno que ameaça o país inclui temas como "comunismo", "kit gay" e "casamento gay", entre outros, os quais são descritos como perigos iminentes para a nação. Nesse contexto, Bolsonaro se apresenta como o enviado de Deus, incumbido de guiar o povo através dessas tribulações e trazer a salvação.

Vamos agora compreender o discurso de Bolsonaro sob a ótica do primeiro tópico desse capítulo. No dia 16 de agosto de 2022, Bolsonaro fez o seu primeiro discurso no Estado de Minas Gerais, na cidade de Juiz de Fora. O material gravado desse comício já

ilustra de forma significativa os mecanismos de sacralização que viriam a permear sua campanha eleitoral. É importante destacar que o uso da religião, juntamente com outras características da estratégia do candidato, desfoca o que deveria ser uma eleição democrática, para um ambiente de guerra santa.

No primeiro discurso de campanha do candidato, será que os eleitores esperavam um discurso político convencional? Como discutido no tópico anterior, durante a campanha de 2018, Bolsonaro fez poucos discursos devido ao atentado à faca que sofreu. No entanto, nas redes sociais, o candidato se destacou de maneira extraordinária. A construção de sua figura política como alguém escolhido e ungido por Deus foi uma estratégia central. Líderes religiosos realizaram orações por Bolsonaro, afirmando que ele não apenas foi escolhido por Deus para governar o Brasil, mas que Deus estava ao seu lado nessa missão divina. A figura messiânica de Bolsonaro foi forjada em 2018 e continuou a ser uma constante durante seu governo e na campanha para a reeleição. Portanto, diante dessa construção messiânica, os eleitores não esperavam um discurso político tradicional, mas sim a reafirmação da sua identidade messiânica, que tem sido uma constante desde 2018.

No comício realizado na cidade de Juiz de Fora, MG, o candidato cumprimenta os eleitores presentes e afirma que, sendo mineiro, sente uma conexão especial com eles – embora tenha de fato nascido no Estado de São Paulo. Em seguida, declara: “Aqui eu renasci” e expressa seu amor por todos. O termo “renasci” refere-se ao atentado a faca que sofreu, um evento que, conforme o pensamento de Yago Martins (2021), foi amplamente explorado por Bolsonaro em 2018 através das mídias digitais. Naquele período, circularam frases e imagens que retratavam Bolsonaro de maneira messiânica, como se fosse um tipo de Cristo, com representações de Jesus Cristo o salvando e estendendo a mão para ele. O candidato, ao fazer essas referências, evoca na memória de seus ouvintes a tentativa de homicídio que sofreu, a qual ele interpreta como um evento no qual foi protegido por Deus. Ele prossegue dizendo que o dia é especial porque foi em Juiz de Fora, em 2018, que tentaram pará-lo. Agradece aos médicos e à mão de Deus que o salvou, e afirma que o destino o levou à presidência.

A estratégia do candidato é reconstruir o sentimento que os eleitores tiveram ao elegê-lo em 2018. Relembrar o atentado serve para reforçar a retórica da missão divina. A narrativa de que Deus salvou o candidato e possibilitou sua presidência sustenta a ideia de que sua missão é salvar o Brasil do mal. O objetivo é enfatizar constantemente que o líder está em uma missão divina e que Deus o acompanha, implicando que todos os que

o apoiam também participam dessa mesma missão de salvação da nação. O comício visa, portanto, reforçar e consolidar a figura de Bolsonaro como uma figura divina, criando uma aura de sacralidade entre seus eleitores.

Bolsonaro cria um ambiente de empatia em relação à sua pessoa, aproveitando a comoção provocada pela tragédia quase fatal que enfrentou. Ele utiliza sua história de vida como um testemunho de fé e superação. Ciente de que uma parte significativa de seu eleitorado é cristã, sendo uma grande parte desses cristãos do seguimento evangélico, o candidato molda sua narrativa para ressoar como uma provação, um testemunho de livramento ou um milagre. Esses termos, comumente empregados no meio cristão, são utilizados para destacar a intervenção divina em momentos críticos, mostrando que Deus está ao lado do indivíduo, restaurando-o e protegendo-o. Assim, Bolsonaro reforça a ideia de que sua trajetória é um sinal de que Deus o escolheu e que ele está em uma missão divina, consolidando a percepção de que sua candidatura é parte de um plano maior.

Sob uma perspectiva filosófica, a existência de um conceito frequentemente requer a presença de seu oposto. Por exemplo, a eternidade só pode ser compreendida em contraste com o finito; a felicidade só é reconhecida por meio da tristeza; (bem e mal). Nesse contexto, a estratégia de Bolsonaro revela um aspecto astuto. A constante retórica religiosa e a afirmação de que ele é um "Homem de Deus" em uma missão divina criam um ambiente sacralizado em torno de sua figura. Para que essa sacralização tenha significado e impacto, é necessário estabelecer um oposto profano. No discurso de Bolsonaro, esse oposto é representado pelo "candidato do Diabo," justificando assim a demonização de seus oponentes. Essa dicotomia, entre o sagrado e o profano, é utilizada para reforçar a narrativa de que Bolsonaro é o escolhido divino, enquanto seus adversários são retratados como forças malignas que ameaçam o bem e a moralidade.

A candidatura de Bolsonaro marca uma transformação na imagem política tradicional, instaurando uma dinâmica de "guerra santa" onde o "eleito de Deus" se confronta com o "eleito do Diabo". Nesse cenário, a apresentação de propostas de políticas públicas é substituída por uma narrativa apocalíptica, na qual a vitória do mal nas urnas representa uma ameaça iminente de destruição para a nação. Este enfoque, evidenciado em 2018, redefine a disputa eleitoral como uma batalha decisiva entre forças divinas e demoníacas. Yago Martins, no segundo capítulo de sua obra *A Religião do Bolsonarismo* (2021), explora a utilização do apocalipse como ferramenta de campanha política. Martins argumenta que o impeachment de Dilma Rousseff e a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva contribuíram para uma crise política e uma desilusão generalizada

com o “lulopetismo”. Nesse contexto, Jair Bolsonaro foi promovido como uma “dobradiça histórica”, alguém capaz de salvar o país de uma suposta destruição final.

Segundo o autor, Bolsonaro se posicionou como o único qualificado para salvar o Brasil, e parte dessa estratégia envolveu a criação de um ambiente apocalíptico por meio da disseminação de informações falsas. A propagação de conteúdos alarmistas, especialmente voltados para a comunidade cristã, ajudou a intensificar o medo e a desconfiança. Bolsonaro percebeu que bastava bombardear os cristãos com notícias sobre imposições de novas expectativas de gênero, esforços pela normalização da mudança de sexo, determinações sobre o uso de gênero neutro, e alegadas ameaças à segurança dos cristãos em universidades para provocar uma reação. A retórica em torno do “kit gay”, utilizada pelo candidato, fomentou o medo entre os pais cristãos sobre o que seus filhos poderiam enfrentar nas escolas. No entanto, o autor esclarece que, na realidade, os materiais e livros mencionados eram destinados exclusivamente a professores e foram posteriormente vetados pelo governo de Dilma Rousseff.

Essa narrativa apocalíptica é fundamentada na ideia de que o Brasil se encontrava em um estado de emergência, necessitando de um líder forte para restaurar a ordem e os valores tradicionais. O autor observa que essa retórica apocalíptica não apenas mobiliza os eleitores, mas também cria um senso de urgência e uma missão quase divina. Nessa perspectiva, a eleição de Bolsonaro é apresentada como uma batalha entre o bem e o mal, ou entre a salvação e a condenação. A utilização de elementos apocalípticos na campanha política serve como uma estratégia para galvanizar o apoio popular, transformando a política em uma luta existencial.

O conceito de “apocalipse como campanha política” proposta por Martins (2021) reflete a forma como a narrativa política foi moldada para gerar uma mobilização intensa e emocional em torno da figura de Bolsonaro, tanto em 2018 quanto durante seu mandato. Em 2022, o candidato resgata essa ideia apocalíptica, trazendo mensagens que pintam um quadro aterrorizante para o futuro do Brasil. Entre essas mensagens, destacam-se as previsões de que o país se transformará na Venezuela, que a população passará a comer o próprio cachorro, e que a ideologia de gênero levará ao fechamento das igrejas e à prisão de padres e pastores. Esse cenário de medo e horror é apresentado como uma possível consequência caso o “candidato do mal” vença a eleição e assuma a presidência do Brasil. Com base na ideia de campanha apocalíptica apresentada pelo autor, compreende-se melhor a constante reafirmação do plano divino de salvação, no qual Bolsonaro é retratado como o escolhido de Deus.

Retomando o primeiro discurso de Bolsonaro, o candidato expressa seu compromisso de dar a vida pela pátria enquanto militar e afirma, como cidadão, seu compromisso com a defesa da liberdade. Bolsonaro se posiciona como um mártir em defesa da nação e pela salvação do Brasil. No entanto, a transmissão é interrompida novamente. Após a retomada, Michelle Bolsonaro assume o microfone. Sua intervenção, originalmente feita durante a transmissão interrompida, pode ser acessada integralmente através de um recorte disponível no canal da UOL. Assim, é possível ter acesso ao discurso completo.

Na fala de Michelle Bolsonaro, evidencia-se claramente a transformação do palanque em um altar. A primeira-dama sacraliza a campanha eleitoral de seu marido ao afirmar que “é um milagre de Deus” ter chegado até aquele momento. Segundo Michelle, o atentado contra seu marido não prevaleceu porque Deus fez o milagre e a justiça divina ainda recairá sobre aqueles que praticaram o mal contra ele. Essa afirmação não apenas legitima a candidatura de seu marido, mas também a coloca em um contexto espiritual, onde a política é vista como parte de um plano divino. Durante seus discursos, Michelle Bolsonaro utiliza uma linguagem que remete a práticas religiosas, como a oração. Ao convidar os presentes a rezar o Pai Nosso, ela transforma o ato político em um ritual espiritual, demonstrando a ideia de que a política e a religião estão interligadas.

A convocação para orações não apenas eleva o ato político a um nível espiritual, mas também transforma os eventos de campanha em experiências comunitárias de fé. Essa ritualização serve para reforçar a ideia de que a política é uma extensão da vida espiritual, onde as decisões políticas são percebidas como questões de moralidade e divindade. Cria-se, assim, um ambiente onde os apoiadores se sentem mais conectados e comprometidos com a causa, vendo suas ações como parte de um propósito maior. Dessa forma, o cosmo imaginário do bolsonarismo evolui para um pensamento que transcende o simples apoio ao candidato considerado escolhido por Deus. Em vez disso, os apoiadores veem sua adesão como parte de um plano divino de salvação, com a obrigação de combater e eliminar o inimigo.

Michelle Bolsonaro atua como uma validadora das mensagens de seu marido, reforçando a ideia de que ele é um escolhido de Deus. Ao fazer isso, ela não apenas apoia a narrativa messiânica de Bolsonaro, mas também contribui para a construção de uma imagem de unidade e propósito divino na campanha. Essa abordagem transforma a política em uma missão divina, na qual os eleitores são convidados a ver Bolsonaro não apenas como um candidato, mas como um profeta ou salvador que está lutando contra

forças do mal. Tal construção narrativa é particularmente poderosa, pois apela a sentimentos de esperança e fé, criando um vínculo emocional profundo com os apoiadores.

A validação que Michelle oferece a Bolsonaro também exerce um efeito de deslegitimação sobre os opositores. Ao posicionar seu marido como um defensor do bem, ela sugere que aqueles que se opõem a ele estão, de alguma forma, alinhados com o mal. Essa estratégia não apenas fortalece a base de apoio de Bolsonaro, mas também cria um clima de hostilidade em relação aos adversários, dificultando o diálogo e a construção de consensos. A ideia de que a luta política é uma batalha entre o bem e o mal pode levar a uma polarização ainda maior, transformando a política em uma questão de fé e lealdade. Isso inviabiliza a democracia e a politização, resultando na desconstrução de uma eleição que deveria focar em políticas públicas, e promovendo, em vez disso, uma guerra sacralizada.

No segundo discurso, realizado em Betim – MG, Jair Bolsonaro inicia sua fala com um agradecimento a Deus por ter "renascido" e pela missão divina que lhe foi confiada. Ele novamente faz referência ao plano celestial que, segundo ele, lhe outorgou o dever de governar a nação. A figura de mártir torna-se ainda mais evidente na sua fala subsequente, quando afirma: "Ser presidente não é fácil, a não ser quando você está do lado do mal; daí você tem facilidade aqui na Terra." Essa frase, embora não o mencione diretamente, sugere que ele está alinhado com o bem. Essa retórica funciona como uma blindagem contra críticas ao seu governo, implicando que qualquer oposição a ele está associada ao mal. O maior desafio enfrentado por Bolsonaro durante seu governo foi lidar com as inúmeras críticas que surgiram em resposta às suas ações e decisões.

A frase pode ser reformulada da seguinte maneira: Ser um enviado de Deus com a missão de governar e salvar o Brasil não é fácil, pois os demônios constantemente tentam derrubá-lo. Se eu fosse um enviado do diabo, governar seria mais simples. Essa reformulação evidencia a sacralização da política e a idolatria ao candidato. Ele se posiciona como alguém que está lutando contra forças malignas, o que reforça a ideia de um salvador que deve ser apoiado e defendido. Essa narrativa reforça a construção de uma figura divinizada e cria a expectativa entre os eleitores de que sua liderança trará redenção e prosperidade, conduzindo-os à "terra prometida". O termo "terra prometida" refere-se à terra que Deus conduziu os judeus através de Moisés, descrita no livro de Êxodo.

Em continuidade ao discurso, Bolsonaro argumenta que a igualdade promovida pelo "outro lado" resulta em pobreza e miséria. Ele adverte que há uma tentativa de roubar a liberdade do povo, afirmando que a oposição está ligada a um ditador com histórico de prender seus oponentes políticos. Essa retórica evidencia uma perspectiva apocalíptica, com o candidato assumindo o papel de profeta ao alertar sobre as consequências desastrosas que se abaterão sobre a nação caso não seja escolhido. O mal sobrevirá, segundo sua visão. Bolsonaro constrói constantemente a narrativa de que não enfrenta um rival político, alguém como seu igual, mas sim um inimigo. Esse inimigo é identificado como o diabo e seus demônios. Para ele, as forças malignas devem ser derrotadas, e a batalha entre o bem e o mal é apresentada como uma realidade iminente.

É proposto a ideia que é presido unir forças com o escolhido de Deus. Portanto, a pessoa que para analisar se essa ideia é realmente um plano divino, já está sendo influenciada pelo diabo. Os que criticam e se opõem a ele são, portanto, considerados agentes do mal. Nesse contexto, retorna-se ao conceito de infalibilidade divina, no qual todos os atos de Bolsonaro são justificáveis, pois fazem parte de um plano maior. A construção da santidade de Bolsonaro compromete a validade da eleição democrática. A estrutura religiosa associada a Bolsonaro se mantém por diversas características, sendo uma das principais o autoritarismo.

Segundo o autor Yago Martins, o autoritarismo de Jair Bolsonaro estrutura a religião bolsonarista ao transformar a fé em uma ferramenta de controle social, legitimação política e mobilização de bases. Essa relação entre religião e política não só molda a identidade do bolsonarismo, mas também gera tensões e divisões na sociedade, desafiando os princípios de pluralidade e liberdade religiosa. O autoritarismo alimenta a polarização social, com Bolsonaro frequentemente dividindo a população entre "nós" e "eles". Essa lógica de inimizade se estende ao campo religioso, onde críticos de sua administração são rotulados como traidores da fé.

A primeira parte do discurso de Bolsonaro é caracterizada pela construção do medo. O candidato descreve uma série de cenários negativos que ocorrerão caso não seja reeleito, incluindo a legalização das drogas e do aborto, a transformação do Brasil em uma nova Venezuela, a fome e a miséria extrema a ponto de se ter que comer cães e gatos, a destruição da família e a introdução da ideologia de gênero nas escolas. Essa retórica tem como objetivo provocar pânico. Dentro dessas narrativas, ocorre também a demonização do rival político, que é apresentado como um agente do diabo, responsável por implementar todas essas supostas ameaças. A obra "O Populismo Reacionário:

Ascensão e Legado do Bolsonarismo" (2022), de Christian Lynch, também aborda a construção do medo, que frequentemente se baseia na identificação de "inimigos" que ameaçam a segurança e os valores do "povo".

Segundo o autor, o fenômeno bolsonarista vê os grupos de esquerda, as minorias sociais e até mesmo instituições democráticas como ameaças. Esses grupos se opõem a Bolsonaro, exercendo seu direito democrático de discordar e fundamentar suas críticas. No entanto, a hostilidade bolsonarista impede a manifestação democrática, tornando o debate político ineficaz. Não se trata apenas de uma atitude de não querer ouvir o outro; a polarização na sociedade aumenta porque há uma demonização do opositor, o que cria um clima de medo que justifica ações autoritárias para eliminar essas supostas ameaças. Como resultado, a polarização cresce e impede o debate político, colocando em risco a democracia.

Na linha do autor, a retórica do medo é alimentada por narrativas de crise que enfatizam insegurança e instabilidade. A utilização de linguagem alarmista em relação à criminalidade, à imigração e a questões sociais serve para mobilizar a base de apoio, fazendo com que os eleitores sintam a necessidade de um líder forte para enfrentar essas ameaças. A construção do medo é também facilitada pela manipulação da informação. O acesso a "verdades ocultas" e a deslegitimação da ciência e da mídia tradicional são estratégias que criam um ambiente onde a desinformação prospera. Um exemplo seria a discussão sobre a legalização das drogas ou do aborto, questões que devem ser debatidas na sociedade, seja a favor ou contra. É fundamental que haja uma discussão filosófica e respeitosa sobre esses assuntos, pois nenhum governante conseguirá aprovar uma lei de tal magnitude moral sem um debate amplo e um consenso social.

Bolsonaro dissemina narrativas de medo que são promovidas sem contestação do seu próprio eleitorado, reforçando a ideia de que apenas o líder populista possui a verdade. No entanto, ao invés de apenas "líder populista", seria mais preciso dizer "líder divino", pois a idolatria atribuída a Bolsonaro o coloca em um pedestal sagrado, transformando suas palavras na verdade absoluta. O medo no bolsonarismo leva à intolerância, à violência e à marginalização de grupos considerados "outros". Assim, o medo torna-se uma força divisível na sociedade, funcionando como um catalisador para a polarização. O mecanismo do medo tornou-se uma ferramenta excepcional nas mãos de Bolsonaro, que o utilizou para promover uma divisão na sociedade. Essa divisão é comparável à divisão do Mar Vermelho por Moisés, mas, enquanto o poder de Moisés era divino, o de Bolsonaro é caracterizado pela manipulação e pelo autoritarismo.

Não se pode deixar de mencionar a obra “Psicologia do Bolsonarismo” de Diogo Bogéa (2021), que também aborda a construção do medo. O autor apresenta uma perspectiva sobre a formação do Estado com base no pensamento de Thomas Hobbes. A necessidade de um poder absoluto e a projeção desse poder em uma figura de autoridade suprema criam um ambiente de medo. As pessoas, temendo a perda de controle ou a insegurança, tendem a se submeter a essa autoridade, acreditando que ela pode garantir a ordem e a estabilidade desejadas. Bogéa compara esse medo da desordem social com o medo promovido pelo bolsonarismo. Os bolsonaristas associam a 'fé' cristã nos profetas bíblicos a Bolsonaro. O candidato anuncia a chegada do mal que trará a desordem e a instabilidade, mas também se posiciona como o garantidor da ordem e da estabilidade social

O autor observa que a retórica bolsonarista frequentemente apresenta a ideia de que existem inimigos poderosos, tanto externos quanto internos, que ameaçam a segurança e a ordem. Essa construção do "inimigo" serve como uma estratégia para desviar a atenção das falhas do governo e reforçar a união em torno da figura do líder. O autor nota que o autoritarismo político necessita de inimigos contra os quais lutar continuamente, criando um estado de alerta e medo na população. Essa abordagem é semelhante à política apocalíptica. A presença de um inimigo comum reforça o sentimento de união e o agrupamento das pessoas, sob a premissa de que a união de forças é essencial para derrotar o inimigo. Essa batalha é apresentada como interminável.

O autoritarismo político precisa de inimigos. De preferência um inimigo contra o qual nunca se possa parar de lutar e, ao mesmo tempo, um inimigo que não possa ser absolutamente vencido e exterminado. Assim como Deus inexplicavelmente não derrota o demônio de uma vez por todas, o absolutamente poderoso líder autoritário deverá permanecer em guerra perpétua contra um inimigo. (BOGÉA, 2021; p.35)

Bolsonaro opera um fenômeno muito complexo. A permanência da sacralização da política e a construção de uma figura ídolo exigem um esforço considerável. Existem muitas camadas manipulativas que estruturam o bolsonarismo. O uso do medo, da religião, do autoritarismo, da santidade, da suposta verdade, da demonização, entre outros, são etapas e processos que visam formar um grupo de pessoas que acreditam fielmente estar cumprindo a vontade de Deus. É válido sentir receio em relação a Bolsonaro, pois o poder que ele exerceu sobre seus eleitores o tornou comparável a figuras históricas como Hitler e Mussolini. Bogéa faz essa comparação pois ver a semelhança dos ditadores na forma de conduzir, manipular e persuadir as pessoas, fazendo-as

acreditar que suas ações eram realmente corretas. Assim o autor observa esses aspectos como central desse fenômeno bolsonarista.

Nos dois primeiros discursos de Bolsonaro em Minas Gerais, a estratégia se mantém consistente, com a contínua demonização de seu opositor ao associá-lo a regimes totalitários. O candidato profeticamente adverte que o inimigo promoverá caos, desestruturação familiar, fome e miséria, fomentando o medo dentro de uma perspectiva apocalíptica. Nesse contexto, o adversário político é transformado em inimigo absoluto, bloqueando qualquer possibilidade de diálogo com a oposição. Assim, nos discursos de Bolsonaro, observamos a manipulação das massas por meio do medo como uma estratégia de controle. Isso cria uma atmosfera na qual seus seguidores são imersos em um universo imaginário, moldado pela figura do ídolo que detém a verdade absoluta.

No discurso realizado em Belo Horizonte - MG, Bolsonaro inicia sua fala com referências a Deus, enfatizando a importância da fé em sua vida e em sua trajetória política. Ele menciona como é bom estar no estado onde "renasceu", fazendo alusão ao atentado que sofreu, o qual ele interpreta como um milagre divino. Neste terceiro comício, é possível identificar uma constância na estrutura de ideias na narrativa de Bolsonaro. O agradecimento a Deus e uma referência direta ou indireta ao atentado são tendências recorrentes no início de sua retórica. Esse padrão tem a finalidade de atender aos bolsonaristas, funcionando como um ato ritualístico. Para seus seguidores, é quase uma exigência que o ídolo pronuncie o nome de Deus primeiro.

O discurso de Bolsonaro em Belo Horizonte - MG também reflete a transformação do palanque político em um espaço sagrado. O candidato aborda o patriotismo e a importância de sonhar com dias melhores para a pátria, utilizando uma linguagem que evoca sentimentos de devoção. Ao fazer isso, ele cria um ambiente onde a política é vista como uma extensão da vida religiosa, apresentando as decisões políticas como moralmente corretas e divinamente inspiradas. O discurso político sofre uma transformação, convertendo-se em uma mensagem religiosa. A sacralização de Bolsonaro permitiu que seus posicionamentos políticos fossem reinterpretados com uma nova essência, sem perder a característica política. A devoção ao patriotismo passa a ser vista não mais como um sentimento de um civil comum, mas como a missão de um defensor de Deus e dos valores cristãos.

Vestir-se de verde e amarelo deixou de ser um mero símbolo de brasilidade. Agora, essas cores representam o patriota que valoriza os princípios cristãos, a família tradicional, e defende a vida, sendo contrário à legalização do aborto, mas também à vida

dos criminosos. Entre 2018 e 2022, o bolsonarismo experimentou um salto significativo em termos de expansão e atuação na sociedade. O crescimento do bolsonarismo representa um risco, uma vez que esse crescimento não ocorreu em um ambiente democrático. Conforme exposto neste capítulo, a estruturação do cosmo imaginário bolsonarista decorre da sacralização de Bolsonaro, que é visto como a personificação da verdade absoluta. Nesse contexto, não há espaço para contestar a ideia do ídolo, pois ele é considerado o enviado e o ungido de Deus.

A democracia nas eleições de 2022 é ameaçada pelo candidato que se apresenta como uma figura divina, utilizando constantemente o autoritarismo para impor sua fala, sem permitir réplicas. Os bolsonaristas, junto com seu líder divino, refletem um imaginário messiânico. Bolsonaro se apresenta como alguém que está lutando contra forças malignas e que tem a missão de salvar a sociedade. Essa narrativa faz com que os eleitores acreditem que sua liderança trará redenção e prosperidade, reforçando a ideia de que ele é um instrumento divino na luta contra o mal. Essa retórica fortalece os laços entre os apoiadores, unindo-os em uma missão coletiva que transcende a política. Em favor do plano divino, não se pode permitir que o mal prevaleça; é necessário extirpá-lo da sociedade para que a nação seja salva e o Brasil não sofra as consequências do mal.

Podemos concluir que a sacralização da política bolsonarista de fato se insere em um plano divino, apresentando seus adeptos como guerreiros que lutam incansavelmente contra as forças do mal. Dentro desse contexto, é relevante observar que, durante um discurso em Belo Horizonte - MG, Jair Bolsonaro abordou o tema do armamento. É amplamente conhecido que Bolsonaro é um defensor do armamentismo. Em sua fala, o candidato destacou a liberação de armas de fogo para o que ele chama de "cidadão de bem". Bolsonaro argumentou que as ditaduras são lideradas por governos que promovem o desarmamento, distinguindo-se, assim, de seu próprio governo. Ele defendeu que armar o cidadão de bem não deve ser motivo de receio, pois essa medida vai além da segurança individual, configurando-se como uma garantia contra a possibilidade de escravização do povo.

Essa retórica representa um problema significativo. Bolsonaro está propondo uma forma de guerra física, sugerindo que a guerra cultural e ideológica já não é mais suficiente e que o objetivo agora é estabelecer uma guerra física. No comício em questão, Bolsonaro promove a evolução dos bolsonaristas para uma nova categoria que denomino de "guerreiros religiosos". Até então, Bolsonaro tinha eleitores, que se tornaram seguidores e, posteriormente, devotos; agora, observo que surge a nova classe dos

"guerreiros religiosos". Esses guerreiros têm a missão de proteger suas famílias da ideologia de gênero, das drogas e do aborto, bem como de proteger a nação do comunismo. Essa proteção será assegurada através do armamento que o "cidadão de bem" adquirirá. Podemos compreender a ideia do armamentismo no contexto da defesa individual, em resposta à percepção de ineficácia do Estado em garantir a segurança pública. No entanto, a sugestão de que a arma individual serve para se proteger de um regime governamental totalitário beira a ideia de guerra civil.

Bolsonaro se apresenta como o homem escolhido e ungido por Deus, assumindo o papel de profeta que sugere que, se não vencer, a destruição recairá sobre a nação. O candidato posiciona seu adversário como enviado pelo diabo, criando um ambiente de guerra sacralizada nas eleições de 2022. Nesse cenário, a democracia é inexistente; não há espaço para o debate político, e a única ideia é eliminar o inimigo. Caso o "candidato de Deus" perca as eleições, o diabo reinará na nação. Os guerreiros bolsonaristas, então, lutam incansavelmente com todos os recursos disponíveis para impedir a governança do mal.

A fala de Bolsonaro pode ser interpretada como uma forma velada de incitar uma guerra civil. Embora não se possa afirmar com certeza que essa retórica foi a base para os eventos de 8 de janeiro de 2023, é importante considerar os acontecimentos que se desenrolaram após as eleições. Com a derrota de Bolsonaro, surgiu entre alguns de seus apoiadores a esperança de uma intervenção militar. No entanto, quando a oposição assumiu o poder, e a intervenção militar não se concretizou. No dia 8 de janeiro, aproximadamente 2.000 pessoas que se autointitulavam "patriotas" invadiram a Praça dos Três Poderes e vandalizaram a Câmara dos Deputados, o Senado, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal. Em resposta, o Exército interveio e os invasores foram presos, sendo acusados de tentativa de golpe de Estado.

Essas pessoas não aceitaram o governo do inimigo político. Elas não conseguiram lidar com a realidade de que o "candidato de Deus", escolhido e ungido segundo o plano divino, simplesmente perdeu as eleições. Como poderia Deus perder as eleições para o diabo? O bolsonarismo sempre enfrentou dificuldades para aceitar a realidade. A negação da realidade é uma maneira de sustentar a fantasia de poder absoluto que projetam em Bolsonaro. Durante a pandemia de COVID-19, os devotos de Bolsonaro, ao ignorarem evidências de corrupção, incompetência ou falhas na gestão, mantiveram a crença de que estavam sob a liderança de um salvador capaz de resolver todos os problemas (BOGÉA, 2021).

Além do negacionismo observado durante a pandemia, o bolsonarismo também se manifesta na negação de narrativas históricas que não se alinham com a visão de mundo do governo. Isso inclui a minimização de eventos como a ditadura militar no Brasil e a deslegitimação de movimentos sociais que buscam reconhecer e corrigir injustiças históricas. A negação da realidade tem implicações profundas para a sociedade, alimentando a polarização, a intolerância e a violência, e criando um clima de medo e desconfiança. Essa negação não é apenas uma estratégia política, mas uma ameaça à própria democracia, pois busca eliminar o pluralismo e a diversidade de opiniões (LYNCH, 2022).

O ato negacionista já fazia parte do cosmos imaginário bolsonarista. Diante da derrota eleitoral, manifestou-se a recusa dessa realidade, expondo à sociedade toda a fúria, agressividade e ódio que permeavam esses que classifiquei como os guerreiros religiosos. O evento de 8 de janeiro de 2023 apenas confirmou que as eleições de 2022 representavam uma chamada para uma guerra sacralizada. A noção de uma "guerra civil velada" no discurso de Jair Bolsonaro é uma construção retórica que visa mobilizar seus apoiadores, demonizar a oposição e justificar a necessidade de defesa armada. Essa estratégia não apenas intensifica a polarização política, mas também transforma a política em uma batalha moral, onde os cidadãos são convocados a se posicionar em um conflito que é apresentado como essencial para a preservação de seus valores e liberdades. Tal abordagem tem implicações profundas para a democracia brasileira, pois pode levar a um aumento da tensão social e da violência política, como evidenciado nos eventos de 8 de janeiro.

Na sequência do discurso em Belo Horizonte, Bolsonaro mantém o padrão de se apresentar como sagrado e demonizar seu adversário. Ele continua a falar sobre os milagres divinos em sua vida, seu renascimento e a missão divina que lhe foi confiada, enquanto retrata seu adversário como alguém que trará o comunismo, por estar associado a ditadores. A retórica de Bolsonaro se torna repetitiva e enfadonha do ponto de vista político, pois não aborda questões de políticas públicas. Ele preserva um ambiente completamente sacralizado, onde a idolatria ao candidato é evidente. Músicas que enaltecem e sacralizam Bolsonaro, bem como as vestimentas padronizadas da maioria dos apoiadores, criam um ambiente que proporciona uma experiência espiritual aos bolsonaristas.

O autor Diego Bogéa (2021) propõe que o bolsonarismo é frequentemente descrito como "terrivelmente cristão" no capítulo 9 de sua obra. Nesse contexto, a moral cristã

desempenha um papel central na construção da identidade do movimento. Essa espiritualidade se manifesta em discursos que enfatizam valores como a família, a moralidade e a luta contra o que é percebido como uma ameaça à "ordem divina". A espiritualidade bolsonarista também se expressa por meio de rituais e simbolismos que evocam uma conexão com o sagrado. Isso pode incluir a utilização de símbolos religiosos em eventos políticos, orações públicas e a invocação de Deus nos discursos. Esses elementos ajudam a criar um senso de comunidade e pertencimento entre os apoiadores, reforçando a ideia de que estão engajados em uma luta justa.

Segundo o autor, essa espiritualidade apresenta uma visão dualista do mundo, na qual há uma clara divisão entre o "bem" e o "mal". Os opositores são frequentemente demonizados, e a luta contra eles é vista como uma batalha espiritual. Essa perspectiva simplifica a complexidade da realidade social e política, permitindo que os seguidores se sintam justificados em suas crenças e ações. Os eventos promovidos por Bolsonaro combinam elementos de fé cristã, messianismo, ritualização e uma visão dualista do mundo. Isso proporciona uma experiência espiritual aos seus seguidores, que serve para legitimar a ideologia do movimento, mobilizar apoio e criar um senso de comunidade entre eles, ao mesmo tempo em que deslegitima a oposição e as críticas.

No dia 23 de setembro de 2022, Jair Bolsonaro realiza um comício na cidade de Divinópolis - MG. Como é habitual em seus discursos, ele inicia sua fala agradecendo a Deus por ter “renascido” neste estado. Em seguida, Bolsonaro destaca um aspecto pessoal de sua rotina: ele menciona que começa o dia com uma oração do Pai Nosso, na qual pede a Deus que o povo não enfrente os males do comunismo. Ele ressalta a importância das eleições que se aproximam em 2 de outubro e pergunta aos presentes sobre suas aspirações para o futuro de seus filhos.

Diferente dos outros discursos, Bolsonaro tenta demonstrar empatia com os cristãos, ao afirmar que ora a Deus, pedindo que o povo não conheça os males do comunismo. Essa retórica é projetada para criar uma conexão emocional com os eleitores que compartilham crenças religiosas, reforçando a ideia de que sua candidatura faz parte de um plano divino. A sacralização também se reflete na construção de um imaginário messiânico, no qual Bolsonaro é visto como um salvador que vem para libertar o povo das ameaças representadas por seus opositores. Essa construção não apenas exalta sua figura, mas também cria um senso de urgência e necessidade de apoio entre seus seguidores. Assim, o dia da eleição é apresentado como crucial, pois é o momento em

que os apoiadores de Deus devem votar em seu escolhido, todos unidos rumo à salvação do Brasil.

Nesse discurso, Jair Bolsonaro convoca seus apoiadores a se vestirem de verde e amarelo. Essa chamada vai além do patriotismo; é uma forma de criar um ambiente de celebração que remete a valores sagrados. A ritualização desse ato ajuda a solidificar a identidade coletiva dos apoiadores, que se veem como parte de uma luta sagrada pela nação. Vestir-se com essas cores torna-se um dever sagrado, um sinal de mobilização em defesa da visão de Brasil proposta pelo candidato. Essa convocação é reforçada por apelos emocionais que associam a luta política à defesa da fé e da família, criando um senso de responsabilidade moral entre seus seguidores. A sacralização da ação política leva a um engajamento mais intenso e a uma disposição para enfrentar adversidades em nome de uma causa que é percebida como divina.

No comício realizado em Divinópolis-MG, a sacralização adotada por Bolsonaro seguiu o mesmo padrão dos discursos em Minas Gerais durante o primeiro turno. O candidato continuou a estratégia de associar sua figura e propostas a valores religiosos e a uma missão divina. Ao buscar conectar-se com seus apoiadores, ele transforma a política em uma arena moral, onde a vitória é vista como uma conquista sagrada. Além disso, Bolsonaro mantém a tática de demonizar seu adversário político, apresentando-o como uma ameaça comunista. Como um profeta messiânico, ele alerta que a destruição comunista virá das mãos de seu rival. Dessa forma, convoca seus seguidores a agirem rapidamente, unindo-se ao candidato que, segundo ele, foi escolhido por Deus para a missão de governar o Brasil.

Diante do que foi discutido, concluo que a sacralização da política bolsonarista manifesta-se como um culto à personalidade em torno de Jair Bolsonaro. Esse fenômeno revela como a construção de sua imagem como um líder quase divino se entrelaça com a dinâmica religiosa e a mobilização política no Brasil contemporâneo. A narrativa que o posiciona como defensor dos valores cristãos e da moralidade não apenas fortaleceu sua base de apoio, mas também criou um ambiente onde qualquer crítica ao presidente é interpretada como um ataque à própria fé. A promoção de Bolsonaro por líderes religiosos transforma a política em uma arena de confronto entre o bem e o mal, deslegitimando a oposição e tratando os críticos como inimigos de Deus.

Essa sacralização reforça a lealdade dos seguidores e levanta questões sobre a proteção da democracia, uma vez que a retórica bolsonarista frequentemente recorre ao autoritarismo e à violência para silenciar dissentimentos. A construção de um ambiente

apocalíptico, onde a eleição de Bolsonaro é apresentada como uma batalha crucial entre o bem e o mal, mobilizou eleitores ao criar um senso de urgência e uma missão quase divina. Além disso, a utilização de medos sociais, como a suposta ameaça da ideologia de gênero e do comunismo, foram táticas eficazes que não apenas reforçaram sua base de apoio, mas também contribuíram para a polarização da sociedade brasileira.

Portanto, a sacralização da política no contexto do bolsonarismo representa um fenômeno complexo que reflete a intersecção entre fé, moralidade e poder. Bolsonaro conseguiu criar uma base de devotos por meio da manipulação e do autoritarismo. Seus discursos frequentemente começam com referências a Deus, passam pelo milagre da facada, abordam valores de família e pátria, e terminam com agradecimentos a Deus. Essa retórica é fundamental para manter a identidade de Bolsonaro como o homem escolhido e ungido por Deus, alterando assim a dinâmica da política brasileira. Mas uma coisa é fato, Bolsonaro mudou a forma da política brasileira, assim encerro com a citação da obra o populismo reacionário de Lynch (2022):

Mesmo que Bolsonaro saia da presidência, a experiência social, cultural e política do populismo reacionário deixará marcas importantes e um legado ativo na sociedade brasileira. A radicalização da parte do eleitorado da direita, a criação de “mundos informacionais paralelos” dos quais ela se alimenta, a negação do sistema político, de valores Pluralistas e apologia da violência farão parte da cultura política brasileira pelos próximos anos, mesmo que Bolsonaro e sua família deixem o proscênio. (LYNCH: 2022, p.190).

3 – A batalha do bem contra o mal

3.1 O "candidato do Bem" e o "candidato do Mal"

A narrativa do "candidato do Bem" e do "candidato do Mal" é recorrente nos discursos de Bolsonaro, conduzindo os eleitores a enxergar as opções eleitorais em termos absolutos de moralidade. Essa perspectiva simplista categoriza os candidatos de forma dicotômica: um deles é apresentado como a personificação de valores positivos, como justiça, honestidade e progresso, enquanto o outro é rotulado como o símbolo de valores negativos, como corrupção, opressão e retrocesso. Essa construção maniqueísta remonta às eleições de 2018, período em que Bolsonaro acusava Lula e o Partido dos Trabalhadores (PT) de serem os responsáveis pela corrupção e pelas dificuldades enfrentadas pelo país. Simultaneamente, líderes religiosos apoiavam Bolsonaro, promovendo-o como um "Homem de Deus", reforçando a ideia de que ele representava os valores do "Bem".

O autor Yago Martins, em sua obra *A Religião Bolsonaro* (2021), analisa o pensamento maniqueísta do “bem contra o mal”. Ele destaca que Jair Bolsonaro foi apresentado por seus apoiadores como o "candidato do Bem", em oposição ao "candidato do Mal", representado por figuras da esquerda, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT). Essa construção retórica não apenas mobilizou eleitores, mas também serviu para justificar ações e discursos que, em contextos diferentes, poderiam ser considerados inaceitáveis. A noção de que a política é uma batalha entre o bem e o mal absolutos cria um ambiente onde práticas como violência, intolerância e desinformação podem ser legitimadas sob o pretexto de "defender o bem".

A suposta defesa do "bem", das "coisas corretas" ou "de Deus" é utilizada por Bolsonaro como justificativa para sustentar um discurso de ódio. Essa retórica polarizada, especialmente direcionada contra grupos minoritários, acaba por se normalizar. Consequentemente, os bolsonaristas que seguem seu líder adotam comportamentos semelhantes, promovendo ataques contra grupos como LGBTQIA+, mulheres, negros, entre outros. Além disso, qualquer pessoa associada à esquerda, ao Partido dos Trabalhadores (PT) ou que discorde da governabilidade de Jair Bolsonaro torna-se alvo de discursos hostis. Durante a campanha presidencial de 2022, é possível identificar elementos que se enquadram como discurso de ódio, especialmente em relação a seus opositores políticos e a grupos marginalizados.

Bolsonaro frequentemente recorre a uma retórica que demoniza seus adversários políticos, associando-os a ideologias consideradas ameaçadoras, como o socialismo, o comunismo e a defesa da legalização das drogas. Essa demonização não apenas fomenta um ambiente de hostilidade, mas também incentiva seus apoiadores a enxergarem os opositores como inimigos a serem combatidos. Ao desumanizar seus rivais, Bolsonaro contribui para a intensificação da polarização e da divisão social, substituindo o diálogo e a compreensão mútua por um antagonismo aberto. Essa estratégia discursiva não apenas reforça preconceitos já existentes, mas também pode gerar consequências concretas, como a incitação à violência e a marginalização de grupos vulneráveis.

No dia 2 de setembro de 2024, o *site* G1⁴ publicou uma matéria relatando um episódio de violência em uma igreja na cidade de Goiana, Pernambuco. Durante uma discussão política, um homem foi baleado na perna por um policial militar dentro da Igreja Cristã do Brasil. O incidente teve início após o pastor da igreja distribuir uma

⁴ <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2022/09/02/assessor-empresarial-e-baleado-por-pm-durante-briga-por-politica-em-igreja-de-goiania-diz-membro.ghtml>. Acesso em: 11 nov. 2024.

circular sobre as eleições, na qual orientava os fiéis a não votarem em candidatos cujo plano de governo favorecesse a "desconstrução das famílias". A distribuição do documento gerou um acalorado debate entre os presentes, envolvendo posições contrárias e favoráveis ao governo de Jair Bolsonaro. Durante a discussão, a tensão escalou até que o policial militar à paisana disparou contra outro membro da igreja, resultando na tragédia. O caso exemplifica como a polarização política e o uso de retóricas inflamadas podem gerar conflitos até mesmo em espaços tradicionalmente associados à paz e ao diálogo.

O policial militar envolvido no incidente alegou legítima defesa, mas o irmão da vítima contesta essa versão, levantando dúvidas sobre a justificativa apresentada. Esse episódio reforça aspectos já discutidos nos capítulos anteriormente, que evidencia como os discursos de Bolsonaro promovem hostilidade, ódio, autoritarismo e intolerância. No contexto da igreja, os líderes consideraram apropriado distribuir uma cartilha que orientava os fiéis a não votarem em partidos contrários aos valores defendidos pela instituição religiosa. Essa ação reflete uma dinâmica em que religião e política se entrelaçam, influenciada pelos discursos de Bolsonaro. Ele frequentemente se posiciona como defensor dos valores cristãos, argumentando que seus opositores querem destruir a igreja, a família e os valores tradicionais. Bolsonaro se apresenta como um enviado de Deus, em uma suposta missão divina para preservar os valores cristãos na nação. Por outro lado, seu opositor é retratado como um enviado do diabo, reforçando uma narrativa maniqueísta que polariza ainda mais a sociedade.

Todo cristão com conhecimento bíblico sabe que o diabo é descrito como o "pai da mentira", conforme registrado no Evangelho de João, capítulo 8, versículo 44. Quando Bolsonaro, mesmo de forma indireta, sugere que seu opositor é um enviado do diabo, ele evoca nos pensamentos de seus seguidores a imagem e as características associadas a essa figura bíblica. Consequentemente, o adversário político passa a ser identificado não apenas como um rival, mas como alguém intrinsecamente ligado à mentira e ao engano. Se o diabo é o "pai da mentira", o raciocínio que emerge é que o opositor político não fala a verdade. Assim, surge a pergunta: por que ouvi-lo? Essa dinâmica ilustra um processo perigoso para a democracia. Quando o opositor é deslegitimado a ponto de não ser digno de atenção ou de escuta, os fundamentos do debate democrático começam a se fragilizar. Em um contexto eleitoral, não se pode ter um processo verdadeiramente democrático quando um dos candidatos é condicionado a ser ignorado.

Bolsonaro não ordenou explicitamente que seus seguidores rejeitassem ouvir seu adversário, mas, de maneira ardilosa, moldou o pensamento de seus apoiadores para que desconsiderassem as palavras e propostas do candidato rival. Essa estratégia, ao corroer as bases do diálogo e da pluralidade, enfraquece a própria essência de uma eleição democrática. Bolsonaro tem sido bem-sucedido em sua estratégia, principalmente porque suas retóricas e simbolismos visam construir uma imagem positiva e messiânica de sua figura. O uso da religião por Bolsonaro não é apenas uma tática discursiva, mas também uma forma de garantir um vínculo afetivo com seus eleitores.

Jair Bolsonaro ao agradecer a Deus por sua vida e por sua missão política, reforça a ideia de que sua candidatura faz parte de um plano divino. Esse gesto cria uma conexão emocional com eleitores que compartilham valores religiosos, solidificando sua posição como líder legítimo na visão desses grupos. Bolsonaro posicionou-se como o defensor da moralidade e dos valores tradicionais, apresentando a esquerda, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT), como a personificação do "mal". Essa narrativa de uma batalha entre o bem e o mal foi central em sua campanha que mobilizou eleitores que temiam o avanço de ideais considerados comunistas ou socialistas. Como observado por Martins (2021), essa retórica não apenas mobiliza, mas também consolida uma base de apoio disposta a defender Bolsonaro como um "escolhido de Deus" contra os supostos inimigos da fé e dos valores nacionais.

A associação religiosa presente nas retóricas de Bolsonaro é construída de maneira sutil e estratégica. Em seu discurso na cidade de Juiz de Fora, ele declarou ter jurado dar sua vida pela pátria, tanto como militar quanto como cidadão. Essa afirmação, embora apresentada como um compromisso patriótico, também reforça a narrativa de seu messianismo político – um líder que promete a salvação ou a transformação radical da sociedade, muitas vezes com uma linguagem religiosa. O contexto dessa declaração é ainda mais revelador: ela ocorre após Bolsonaro agradecer a Deus por tê-lo salvado da morte, atribuindo sua sobrevivência à vontade divina de que ele se tornasse presidente. Esse gesto conecta sua trajetória pessoal a uma suposta missão divina, fortalecendo sua imagem de líder escolhido por Deus para defender a nação. Na sequência, Michelle Bolsonaro assumiu o microfone e afirmou que a campanha eleitoral de 2022 era um "milagre de Deus". Além disso, Michelle insinuou a existência de pessoas falsas que "pregam o amor e a pacificação", mas cujas intenções, segundo ela, foram de atentar contra a vida de seu esposo. Essa declaração reforça o maniqueísmo da campanha. (SELL; CALDAS, 2020)

É possível observar que o ambiente criado no primeiro discurso de Bolsonaro não é de natureza política, mas religiosa. Bolsonaro inicia sua fala apresentando sua experiência divina de livramento da morte, associando sua sobrevivência à uma missão divina de governar o país. Michele Bolsonaro segue a mesma linha discursiva e faz sua declaração sem referência a políticas públicas, mas reforça a ideia de um milagre divino e uma missão espiritual de seu esposo. Ela enfatiza que as pessoas devem ter sabedoria e discernimento para não entregar o país, que, segundo ela, Deus ama, nas "mãos dos nossos inimigos". Em sequência, Michele Bolsonaro encerra seu momento de fala orando o Pai Nosso, conforme descrita no Evangelho de Mateus, capítulo 6, versículos 9 ao 13. Esse encerramento reforça a transformação do ambiente político em um ambiente religioso. O ambiente religioso faz com o que o fiel eleve seus pensamentos a referências religiosas. Então essa transformação tem o por intuito alinhar a política à moralidade religiosa e elabora uma forte identificação entre a figura política e a uma liderança espiritual.

Ao afirmar que Deus o livrou da morte e lhe permitiu assumir a presidência como parte de um plano divino, Bolsonaro estabelece uma conexão entre sua figura política e uma narrativa religiosa que reforça sua missão. Essa afirmativa de que daria sua vida pela nação ganha uma dimensão bíblica, especialmente quando se observa a passagem do Evangelho de João, capítulo 10, versículos 7 a 11, onde Jesus se apresenta como a "porta das ovelhas". Ele afirma que aqueles que passarem por essa porta encontrarão a salvação. Jesus também menciona que o "ladrão" vem para matar, roubar e destruir, enquanto Ele, como o "bom Pastor", veio para dar vida em abundância, e o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas, ou seja, por aqueles que o seguem. Bolsonaro, ao utilizar esse tipo de retórica, é razoável propor uma associação implícita entre sua liderança e a figura de Cristo, fazendo-se passar por um "pastor" divinamente escolhido, disposto a dar a sua vida pela nação, colocando-se como redentor da nação - imanente - assim como Cristo é redentor do transcendente. Esse tipo de discurso fortalece a ideia de um messianismo político, no qual Bolsonaro é retratado como o escolhido de Deus, incumbido de proteger e salvar a nação, da mesma maneira que Jesus protege e salva o seu rebanho.

Jesus, como o bom pastor, está disposto a sacrificar-se pelas ovelhas, em contraste com o ladrão, que busca enganar e iludir o rebanho. Jesus oferece salvação, enquanto o ladrão traz destruição. Essa distinção entre o bom pastor e o ladrão pode ser vista como uma metáfora para as forças do bem e do mal, com o pastor representando a salvação e o ladrão a destruição. Agora, podemos traçar um pensamento hipotético, considerando como essa referência religiosa poderia ser utilizada pelos seguidores de Bolsonaro. A

frase "o ladrão veio para matar" poderia ser interpretada, no contexto de uma narrativa conspiratória, como a ideia de que os partidos políticos de esquerda estariam por trás da tentativa de assassinato de Bolsonaro em 2018. Sua crescente popularidade, o rápido aumento de seus apoiadores, poderia ser vista por seus seguidores como uma ameaça para os opositores, levando-os a temer sua ascensão. Nesse raciocínio, a tentativa de assassinato não seria apenas um evento isolado, mas parte de uma trama orquestrada pelo "inimigo" para interromper os planos divinos para Bolsonaro, criando a percepção de que a sua missão política tem um caráter transcendental, divinamente predestinado.

A frase "o ladrão veio para roubar", presente na narrativa bíblica do Evangelho de João, parece ecoar nas retóricas de Bolsonaro durante os quatro discursos realizados em Minas Gerais no primeiro turno das eleições. Ele enfatiza a "roubalheira" atribuída aos governos anteriores, especialmente os de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, marcados por escândalos de corrupção como os revelados pela Operação Lava Jato. Bolsonaro, ao destacar repetidamente esses escândalos, busca se apresentar como alguém "separado", um líder incorruptível, fiel aos valores éticos e até mesmo como um mártir em sua luta contra o sistema político tradicional. Ele posiciona sua administração como o "bem" que veio para restaurar a ordem e a moralidade, em contraste com o "mal" representado pelos governos anteriores. Essa construção narrativa é eficaz para mobilizar seus apoiadores, pois combina elementos de indignação moral contra a corrupção com uma promessa de redenção política. (MARTINS, 2021)

A destruição atribuída ao "ladrão", em referência à metáfora bíblica, ultrapassa a dimensão material de roubar o país e prejudicar a economia ou a qualidade dos serviços públicos. Na visão construída por Bolsonaro, a esquerda é descrita como uma força destrutiva que ameaça os valores, a moral e a segurança do Brasil. Essa construção discursiva é fundamentada em uma série de alegações estratégicas que visam mobilizar medo e indignação entre os eleitores. Uma das principais argumentações dessa narrativa é a suposta perda de valores tradicionais. Bolsonaro e seus aliados (os chamados bolsonaristas) sustentam que a esquerda promove uma agenda que busca desconstruir os princípios da família nuclear e a moralidade cristã. Nesse contexto, são levantadas questões que reforçam o antagonismo, como a educação sexual nas escolas, que é apresentada como uma ameaça à inocência infantil, e a promoção de direitos LGBTQIA+, que, segundo essa retórica, seria incompatível com os valores conservadores.

O ambiente político nos comícios de Jair Bolsonaro foi deliberadamente transformado em um espaço religioso por meio de práticas e estratégias que incorporaram

elementos da fé cristã. Esse fenômeno foi intensificado pelo apoio de líderes religiosos e pela participação ativa de Michelle Bolsonaro, que, em meio ao comício de Juiz de Fora -MG conduziu um momento de oração, na qual fez a recitação do "Pai Nosso". Esses momentos de oração e bênçãos criaram uma atmosfera de sacralidade, onde a política se entrelaçava com a espiritualidade, reforçando a percepção de que a candidatura de Bolsonaro fazia parte de um plano divino. A narrativa do livramento da morte pela facada, frequentemente evocada por Bolsonaro, contribuiu para essa sacralização, conferindo-lhe a imagem de alguém protegido por Deus para cumprir uma missão. Além disso, o uso de citações bíblicas e bordões carregados de conotação religiosa legitimava sua posição política e transformava os comícios em espaços onde fé e política se encontravam e se reforçavam mutuamente.

A construção de uma narrativa de conflito entre o bem e o mal, na qual Bolsonaro se posiciona como o "candidato do bem", desempenhou um papel central na transformação dos comícios em ambientes de forte conotação religiosa. Essa ideia de batalha espiritual foi explicitada, por exemplo, nas palavras de Michele Bolsonaro: "Obrigada a todos, que Deus dê sabedoria e discernimento ao nosso povo brasileiro, para que não entregue o nosso país, a nossa nação tão amada por Deus na mão dos nossos inimigos." No contexto de uma campanha eleitoral, o "inimigo" mencionado só pode ser interpretado como o opositor político. Essa linha de discurso não apenas demonizava os adversários, mas também reforçava a ideia de que a disputa eleitoral era mais do que uma simples escolha política; tratava-se de uma luta espiritual e moral pela preservação dos valores cristãos e nacionais. A percepção de Bolsonaro como um defensor da fé e dos valores tradicionais, lutando contra forças malignas representadas por seus adversários políticos, mobilizou sentimentos de devoção e lealdade, tornando os comícios uma extensão do ambiente de culto religioso.

Diante do comício de Bolsonaro em Juiz de Fora – MG, pode-se sustentar a ideia de que foi declarado o "inimigo de Deus". Nesse contexto, a narrativa bolsonarista configura o ambiente como uma guerra espiritual e moral. A retórica utilizada de Michele Bolsonaro sugere que é necessário lutar para impedir que o Brasil seja entregue "nas mãos do inimigo", representado por forças políticas que querem matar, roubar e destruir a nação, conforme analogia supracitada. O autor Yago Martins (2021) analisa que essa narrativa se apropria de escândalos como os revelados pela Operação Lava Jato para reforçar a ideia de que os governos de esquerda desviaram recursos que poderiam ter sido utilizados para melhorar o bem-estar da população, agravando a pobreza e as

desigualdades no país. Essa estratégia de associação entre a esquerda e a corrupção é central para deslegitimar os adversários políticos e consolidar a imagem de Bolsonaro como um líder honesto, comprometido com a moralidade e os valores cristãos. Isso reforça a ideia de que sua liderança é indispensável para salvar a nação das forças corruptas e destrutivas.

Martins observa que a segurança pública é um tema recorrente na retórica bolsonarista, frequentemente utilizada para criticar a atuação da esquerda. Bolsonaro associa as políticas públicas de governos de esquerda ao aumento da criminalidade e da violência, argumentando que essas iniciativas favorecem a impunidade, o que resulta uma sociedade mais perigosa para os cidadãos. A retórica bolsonarista enfatiza a necessidade de leis mais rígidas e de uma abordagem mais dura contra a criminalidade, apresentando essas propostas como alternativas indispensáveis para aumentar a eficácia da segurança pública. E caso não consiga, outro método é matar o criminoso. Essa premissa está alinhada com ideia e frase bordão de Bolsonaro, que é a ideia do porte de arma e a frase “Vagabundo bom, é vagabundo morto”. Ao explorar essa narrativa, Bolsonaro consolida sua imagem como um defensor da ordem e da proteção dos cidadãos, mobilizando eleitores que se sentem insatisfeitos com os índices de criminalidade e buscando legitimar suas propostas de segurança pública como soluções para os problemas enfrentados pela sociedade.

Um outro ponto apontado pelo autor, é que na retórica de Bolsonaro, a esquerda está alinhada com interesses estrangeiros, especialmente de países considerados inimigos ideológicos, como Cuba e Venezuela. Essa narrativa implica que a esquerda busca implementar um modelo de governo que levaria o Brasil a uma situação semelhante à de regimes autoritários e socialistas, o que gera um temor ou medo entre os eleitores. Bolsonaro e seus apoiadores argumentam que essas políticas econômicas da esquerda levariam à estagnação ou colapso econômico, para assim implantar o regime socialista ou comunista. Ao apresentar essas alegações, Bolsonaro reforça a ideia de que apenas sua administração seria capaz de proteger a liberdade individual, a soberania nacional e a prosperidade econômica do país. Essa narrativa polarizadora mobiliza eleitores preocupados, ao mesmo tempo em que deslegitima os adversários políticos como ameaças ao futuro da nação.

Essa construção discursiva visa criar uma imagem da esquerda como uma força que não apenas ameaça a estabilidade política e econômica do Brasil, mas que também coloca em risco a segurança e os valores fundamentais da sociedade. Assim, essa narrativa

se torna uma parte central da estratégia de mobilização de Bolsonaro, visando consolidar apoio entre os eleitores que compartilham dessas preocupações e temores. O "candidato do mal" é assim construído, com base no temor e nas associações feitas pela retórica bolsonarista. Essa narrativa ultrapassa os limites de uma disputa eleitoral democrática, transformando as eleições de 2022 em uma espécie de "guerra santa", onde a vitória do "bem" sobre o "mal" se torna uma missão espiritual. Martins usa a expressão “batalha espiritual” para se referir a retórica bolsonarista que apresenta a luta política como uma guerra entre forças do bem e do mal, onde a oposição, especialmente a esquerda, é vista como uma ameaça que precisa ser combatida.

Segundo Martins essa perspectiva de bem contra o mal, é reforçada por discursos que evocam a necessidade de uma "salvação" moral e espiritual, em que posiciona Bolsonaro como o "salvador" que pode livrar o país do mal absoluto representado pela esquerda. Assim dentro da retórica bolsonarista tem-se à ideia de que a sociedade brasileira está em um estado de decadência moral e ética, ameaçada por valores considerados nocivos, como o relativismo moral, exemplos seriam os direitos de LGBTQIA+, a legalização do aborto e etc. Assim, a eleição de Bolsonaro e a adesão às suas políticas são retratadas como um caminho necessário para resgatar e restaurar os valores cristãos e conservadores que, segundo essa visão, definem a identidade da nação brasileira, bem como, vai trazer proteção ao que é considerado “família” pelos bolsonaristas.

A sacralização de Bolsonaro encontra sustentação argumentativa no momento em que ele é projetado como o “salvador” da nação. Apresenta-se como o candidato que resgataria o país da depravação pecaminosa. As referências religiosas evocadas em comícios tornam evidente que Bolsonaro se posiciona diante dos eleitores como uma figura messiânica ou até mesmo como um profeta. Assim como os escolhidos por Deus na Bíblia, que oravam pela nação e pelos governantes, Bolsonaro, em seu discurso na cidade de Divinópolis – MG, afirmou que inicia suas manhãs dobrando os joelhos, recitando o Pai Nosso e pedindo a Deus que o povo brasileiro não experimente o que ele define como os males do comunismo. Ao declarar que ora pela nação e pelos governantes, Bolsonaro reivindica para si o cumprimento de um ensinamento descrito pelo apóstolo Paulo em 1ª Timóteo 2:1-2, onde se exorta os cristãos a intercederem em oração por todos os homens, especialmente por aqueles que exercem autoridade. Assim, podemos observar a transformação do comício em um culto religioso, desta forma a política se conecta a

elementos centrais da cosmovisão cristã, tendo a fé dos fieis como instrumento para legitimação política.

Bolsonaro construiu uma narrativa em que seus adversários são representados como agentes do mal, determinados a destruir a sociedade e os princípios valorizados pelos apoiadores bolsonaristas. A retórica frequente de uma constante luta contra forças malignas sustenta a ideia de uma batalha espiritual. A narrativa sugere que o escolhido por Deus enfrenta tribulações e provações na terra, enquanto aqueles associados ao mal encontram facilidades. Essa perspectiva dialoga diretamente com a mensagem encontrada em 1ª João 5:19: “Sabemos que somos de Deus e que o mundo todo está sob o poder do Maligno.” (SAGRADA, 1995). Assim, Bolsonaro parece se apropriar de um imaginário religioso que associa sofrimento terreno à virtude e às provações dos escolhidos, enquanto atribui aos adversários políticos uma associação com as forças malignas que dominam o mundo.

Bolsonaro ergueu uma blindagem contra as críticas direcionadas ao seu governo (2018–2022). A narrativa de que um “Homem de Deus” não encontra facilidades na terra serviu para justificar as adversidades e perseguições atribuídas aos que estão sob o poder do maligno. Dentro do pensamento bolsonarista, a mídia frequentemente era associada a esse poder maligno, uma vez que expunha os equívocos e controvérsias da governabilidade de Bolsonaro. A batalha entre o bem e o mal não apenas simplificava a complexidade do debate político, mas também mobilizava emocionalmente seus apoiadores. Esses eram levados a crer que sua escolha nas urnas representava uma questão de vida ou morte, salvação ou destruição. Tal construção narrativa foi essencial para consolidar um ambiente no qual qualquer crítica a Bolsonaro era interpretada como um ataque direto à fé e aos valores cristãos. Dessa forma, reforçava-se a ideia de que seus adversários políticos seriam, de fato, “candidatos do mal”.

A sacralização da política transformou a disputa eleitoral em uma espécie de guerra santa, na qual a vitória de Bolsonaro era interpretada como uma vitória do bem, do profeta ou do messias. Por outro lado, sua derrota poderia ser compreendida como o início da destruição, a chegada do anticristo à terra e o prelúdio de um cenário apocalíptico. Dentro dessa lógica, se o “candidato do bem” não vencesse, o “candidato do mal” sairia vitorioso. Essa visão levanta um questionamento crucial: se Deus é soberano, Ele poderia perder? E, caso perdesse, o que isso significaria? Tal reflexão nos conduz a duas possíveis interpretações: a primeira é a negação da existência de Deus, enquanto a segunda sugere que Deus não estaria ao lado de Bolsonaro, não o teria escolhido nem

ungido como líder divinamente inspirado para governar a nação. Essa última hipótese implica que Jair Bolsonaro não seria um "separado de Deus" com a missão de guiar a nação brasileira. Assim, o suposto plano divino de governabilidade poderia ser interpretado não como uma manifestação da vontade divina, mas como uma estratégia retórica e manipulativa, destinada a inflamar as emoções e mobilizar o eleitorado em torno de uma figura messiânica.

A prática de agradecer pelo milagre e afirmar um renascimento está presente nos discursos proferidos por Bolsonaro em Minas Gerais durante o primeiro turno. Essa repetição revela uma estratégia constante de reafirmação do milagre, além de evidenciar a transformação do discurso político em um espaço de expressão religiosa. Nesse contexto, Bolsonaro busca alinhar o cosmo imaginário de seus eleitores com o plano divino, sugerindo que é um "eleito de Deus", um escolhido que segue a orientação divina. Com isso, as suas decisões e falas são apresentadas como direcionadas por Deus, à semelhança dos profetas bíblicos, que, guiados pela vontade divina, falavam e tomavam decisões conforme as orientações recebidas. A visão bolsonarista venera o líder, erguendo um pedestal simbólico no qual ele se coloca. Assim, as falas, as referências religiosas e os bordões utilizados por Bolsonaro alimentam e reforçam suas ideias, fortalecendo a construção de sua figura messiânica.

A sacralização da figura de Bolsonaro implicou também na construção de um inimigo. A demonização do outro tornou-se um elemento necessário, uma vez que, em uma narrativa de batalha entre o bem e o mal, é imprescindível definir os dois lados dessa dicotomia. Bolsonaro, ao falar sobre a "guerra santa", posicionou-se como representante do bem e como eleito de Deus. Nessa lógica, seu adversário político passa a ser, por consequência, o inimigo. No entanto, Bolsonaro foi além e delineou os planos maléficos e diabólicos que, segundo ele, seu opositor traria para a nação. Falou sobre a destruição da família, da propriedade, da moralidade e outros valores, afirmando que a vitória das forças do mal resultaria em catástrofes para o país. Essa retórica não apenas mobilizou seus eleitores, mas também reforçou a percepção de que seus adversários representavam uma ameaça existencial, consolidando ainda mais a imagem de candidatos do mal.

Bogéa (2021), tem o entendimento que esse processo de construção da sacralidade ou do candidato do bem, tem início com a construção de um inimigo, o qual é retratado como uma ameaça existencial. Esse inimigo não é apenas apresentado como um simples opositor político, mas sim como uma força do mal que precisa ser combatida. No contexto do bolsonarismo, adversários políticos, veículos de mídia e grupos sociais são

frequentemente rotulados como esquerdistas ou comunistas, sugerindo que representam uma ideologia que compromete os valores e a moralidade da sociedade. A retórica de guerra, nesse sentido, configura-se como uma das ferramentas mais utilizadas nesse processo discursivo. A linguagem associada à figura do inimigo evoca imagens de conflito e urgência, apresentando a luta contra a corrupção, a criminalidade e a ideologia de gênero como uma missão sagrada. Essa estratégia discursiva contribui para a criação de um ambiente altamente polarizado, o que dificulta o diálogo e a compreensão mútua entre os diferentes setores da sociedade.

Dentro do pensamento da sacralidade à demonização do outro. O autor, compreende que o aspecto crucial da demonização é a desqualificação dos opositores. Informações que contradizem a narrativa do mito são frequentemente deslegitimadas, sendo rotuladas como propaganda esquerdista ou *Fake News*. Essa estratégia de desqualificação desempenha um papel central na manutenção da coesão entre os apoiadores, ao reforçar a ideia de que estão alinhados com o "bem", enquanto os adversários são retratados como agentes do "mal". A partir desse ponto, o autor sustenta o atributo de infalibilidade atribuído a Bolsonaro. Essa característica é frequentemente utilizada para justificar a crença em um plano divino, o qual, embora possa ser incompreensível para os seres humanos, é sempre direcionado ao bem. No contexto dos líderes políticos, a atribuição de infalibilidade contribui para a construção de uma imagem de autoridade suprema, onde qualquer falha ou erro é desviado da responsabilidade do líder, sendo atribuído a fatores externos, como circunstâncias adversas ou a ação de inimigos.

No contexto do bolsonarismo, a dinâmica de defesa do líder se manifesta na maneira como seus seguidores desqualificam críticas e evidências que contradizem a narrativa oficial. Questões sociais, econômicas e políticas são frequentemente atribuídas a terceiros — como a oposição, a mídia ou o Partido dos Trabalhadores (PT) — enquanto os êxitos são exclusivamente creditados ao líder. Esse processo não apenas fortalece a imagem de infalibilidade de Bolsonaro, mas também estabelece um ambiente em que a crítica é interpretada como traição, o que intensifica a lealdade incondicional de seus apoiadores. A crença em um líder infalível oferece aos seguidores uma sensação de estabilidade e proteção, semelhantes àquelas atribuídas a uma divindade. Nesse sentido, à luz da análise de Bogéa, justifica-se a recorrente prática de Bolsonaro em iniciar seus discursos com referências ao milagre, ao plano divino e a símbolos religiosos. A manutenção dessa sacralidade tem, igualmente, a função de consolidar no cosmo

imaginário de seus seguidores a ideia de um atributo divino, reforçando a construção de sua imagem como um líder transcendente.

Retomando a questão da demonização, Martins (2021) argumenta que essa forma de caracterização do adversário se fundamenta em apelos à moralidade e à espiritualidade. A ideia de que o candidato ou grupo opositor está alinhado com o mal é frequentemente reforçada por referências religiosas, sugerindo que esses indivíduos ou grupos estão sob a influência do "maligno". Tal retórica não apenas justifica a luta contra esses opositores, mas também mobiliza os eleitores em torno de uma causa que transcende o campo político, conferindo-lhes um sentido de missão e propósito. A construção de um “mito” em torno da figura de Jair Bolsonaro eleva-o a um status quase messiânico, no qual ele é retratado como o "escolhido" que combate as forças do mal. Essa construção mitológica, por sua vez, solidifica a lealdade dos seguidores e contribui para a demonização daqueles que se opõem a ele.

Compreendo que essas estratégias de demonização feita por Bolsonaro foram ou são eficazes porque apelam a emoções profundas, como o medo e a indignação, simplificando a complexidade do cenário político em uma dicotomia entre o bem e o mal. A sustentação de uma narrativa de guerra santa desestrutura a democracia nas eleições de 2022. Ao transformar o ambiente político em um ambiente religioso, Bolsonaro orienta seus eleitores a adotar uma perspectiva de pensamento sagrado. Dessa forma, suas falas, bordões e citações bíblicas remetem continuamente a referências religiosas. Nesse contexto, a demonização se aprimora, pois, por meio do medo do "outro", os seguidores de Bolsonaro geram resistência e hostilidade em relação àqueles que pensam de maneira divergente ao líder. Bolsonaro se promove como o “candidato do bem”, desta forma pode-se talvez entender com uma ótica cristã que o caminho para a iluminação só é possível com ele, enquanto aqueles que não seguem sua liderança seguem o caminhando nas trevas, ou seja, o "candidato do mal".

Para concluir, no Evangelho de João, capítulo 8, versículo 12, encontra-se a seguinte passagem: "Falando novamente ao povo, Jesus disse: 'Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andarás em trevas, mas terá a luz da vida'". A partir dessa declaração, pode-se inferir que a figura do "candidato do mal" só adquire significado a partir da construção do "candidato do bem". Nos discursos de Jair Bolsonaro, sua figura é sustentada como a de um líder divinamente escolhido. No entanto, sua permanência como uma figura eleita por Deus está intrinsecamente ligada à contínua devoção de seus eleitores, que o veem como um ídolo. O cosmo imaginário construído dentro do

bolsonarismo, especialmente através da ideia de uma "guerra santa", alimenta um clima já polarizado que resulta em mais hostilidade e represálias dentro da sociedade. Esse processo, inicialmente simbólico e metafórico, transcende a esfera da imaginação para se concretizar em manifestações reais e físicas, nas quais a intolerância se expressa de forma tão extrema que chega ao ponto de agressões físicas, assim a guerra se faz real em sociedade.

3.2 Violência digital

Como descrito nos demais capítulos, a polarização em sociedade é o fundamento da qual Bolsonaro se apoia a fim de promover suas ideias. Jair Bolsonaro usa as redes digitais para aumentar a polarização política como estratégia de manipulação de narrativas. A autora Patrícia Campos Mello, publicou a obra “A Máquina do Ódio: notas de uma repórter sobre *Fake News* e violência digital” (2020). Mello sustenta que a partir das eleições de 2018 no Brasil, observou-se um aumento significativo nos ataques direcionados à imprensa, que se tornaram mais frequentes e organizados. O WhatsApp, por exemplo, foi utilizado de maneira ilegal, segundo a autora, para o envio em massa de mensagens, o que contribuiu para a disseminação de desinformação e para a construção de uma realidade paralela, onde fatos eram moldáveis e facilmente distorcidos.

A autora informa que foi utilizado *bots* e *trolls*. Esse *modus operandi* se tornou uma prática comum, permitindo que vozes mais radicais ganhassem destaque e influenciassem a opinião pública. Os *bots* são programas automatizados que realizam tarefas específicas na internet. No contexto das redes sociais, eles podem ser usados para gerar e compartilhar conteúdo em grande escala, amplificando mensagens e interagindo com usuários de forma automatizada. Esses *bots* podem ser programados para retuitar, curtir ou comentar em postagens, criando a impressão de que há um grande apoio ou consenso em torno de uma ideia ou narrativa. Eles são frequentemente utilizados em campanhas políticas para influenciar a opinião pública, espalhar desinformação ou promover determinadas agendas.

Os *trolls* por outro lado, são indivíduos (ou grupos de indivíduos) que se dedicam a provocar e incitar reações emocionais em outros usuários da internet. Eles costumam postar comentários provocativos, ofensivos ou enganadores com o objetivo de gerar discórdia, confusão ou raiva. Os *trolls* podem atuar de forma anônima e muitas vezes se escondem atrás de perfis falsos, o que lhes permite atacar pessoas ou grupos sem enfrentar consequências diretas. A prática de *trolling* pode incluir ataques pessoais, assédio e a

disseminação de informações falsas. Portanto os *bots* e *trolls* desempenharam um papel significativo para o crescimento da polarização. Essa estratégia não apenas amplificou discursos de ódio, mas também transformou reportagens em alvos de ataques, levando a uma deslegitimação do trabalho jornalístico. A narrativa de que a imprensa era tendenciosa ou financiada por grupos políticos adversários se espalhou, criando um clima de desconfiança e hostilidade.

Segundo a autora, a teoria que grupos políticos financiavam a imprensa se espalhou de maneira alarmante. Essa ideia foi alimentada por uma série de fatores, incluindo a ascensão das redes sociais como plataformas dominantes de informação e a crescente desconfiança em relação às instituições tradicionais. Com a proliferação de informações não verificadas e a manipulação de narrativas, muitos grupos políticos começaram a explorar essa desconfiança, utilizando-a como uma estratégia para deslegitimar a cobertura jornalística que consideravam desfavorável. A disseminação dessa narrativa foi facilitada por influenciadores digitais e por uma série de veículos de comunicação que operavam com pouca ou nenhuma verificação de fatos.

Esse movimento nas redes sociais frequentemente promoviam a ideia de que a mídia estava a serviço de interesses políticos específicos, criando uma imagem de que os jornalistas eram meros porta-vozes de agendas ocultas. Essa retórica não apenas minou a credibilidade da imprensa, mas também transformou jornalistas em alvos de ataques, levando a um ambiente de hostilidade e agressão. Com o tempo, essa desconfiança se institucionalizou, resultando em uma divisão entre "nós" e "eles", onde a imprensa passou a ser vista como parte do "outro lado". Essa percepção foi reforçada por líderes políticos que, em suas falas e postagens, frequentemente rotulavam a mídia como inimiga do povo ou *Fake News*, uma estratégia que buscava galvanizar suas bases e desviar a atenção de críticas legítimas.

Mello entende que esse movimento nas redes sociais, resultou em um clima de animosidade que não apenas afetou a relação entre a imprensa e o público, mas também teve implicações sérias para a democracia, uma vez que a confiança na mídia é fundamental para o funcionamento de uma sociedade informada e engajada. Porém esse ambiente hostil gerou um ciclo vicioso: à medida que a desconfiança aumentava, os jornalistas se viam forçados a se defender e justificar seu trabalho, o que, por sua vez, alimentava ainda mais a narrativa de que estavam agindo de maneira desonesta ou tendenciosa. Assim, a ideia de que a imprensa era financiada por grupos políticos adversários não apenas se tornou uma crença popular, mas também um mecanismo de

controle social, onde a desinformação e a manipulação de narrativas se tornaram ferramentas poderosas para silenciar vozes críticas e minar a liberdade de expressão.

Essa premissa de Mello ecoa na obra de Marcos Nobre “Ponto-final: A guerra de Bolsonaro contra a democracia” (2020). Nobre discute como a polarização e a despolitização, especialmente em contextos como o Brasil pós-2013, criaram um ambiente propício para a manipulação de narrativas e a deslegitimação de vozes críticas. A ideia de que a imprensa é tendenciosa ou manipulada por interesses políticos se alinha com a crítica do autor sobre a desconfiança nas instituições que pode levar à sua desvalorização e à ascensão de figuras que se posicionam como "antissistema". Isso é presente na retórica de Bolsonaro. Essa dinâmica não só prejudica a qualidade do debate público, mas também ameaça os princípios fundamentais da democracia, ao criar um ambiente onde a verdade é constantemente questionada e a informação é manipulada para servir a interesses particulares.

Mello observa a figura de influenciadores digitais e *sites* de notícias alinhados a determinadas ideologias políticas contribuiu para a criação de um ecossistema de desinformação. Esses veículos, que muitas vezes operam com pouca ou nenhuma verificação de fatos, inundam as redes sociais com versões distorcidas da realidade, atacando a reputação de jornalistas e opositores. A autora menciona o uso do *doxxing*, que é a prática que envolve a exposição de informações pessoais de indivíduos, isso foi utilizado por figuras proeminentes para incitar seus seguidores contra críticos, resultando em ameaças e assédio.

A obra de Mello é de 2020. A Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) publicou uma reportagem em seu *site* com a chamada “Violência contra jornalistas cresce 105,77% em 2020, com Jair Bolsonaro liderando ataques”. Essa matéria fala sobre o relatório da FENAJ sobre a violência contra jornalistas no Brasil em 2020 revela um aumento alarmante de 105,77% nos casos de agressões, tornando o ano o mais violento desde a década de 1990. Durante a pandemia de COVID-19, quando o jornalismo foi considerado uma atividade essencial, foram registrados 428 casos de ataques, incluindo dois assassinatos. A presidente da FENAJ, Maria José Braga, associa esse crescimento à ascensão do bolsonarismo e à postura agressiva do presidente Jair Bolsonaro, que foi responsável por uma parte significativa dos ataques.

O relatório destaca um aumento expressivo em diversas formas de violência, incluindo agressões verbais, censuras e cerceamento da liberdade de imprensa. É válido ressaltar que segundo o relatório e a reportagem, Jair Bolsonaro respondeu por 175

registros de violência contra a categoria jornalística. Foram 145 ataques genéricos e 26 de agressões verbais, um de ameaça direta a jornalistas, uma ameaça à Globo e dois ataques à FENAJ. Contudo o documento serve como um alerta sobre os riscos que jornalistas enfrentam e a necessidade de proteção e respeito à sua função essencial na sociedade. Além disso, observo que esse documento evidencia a falta de democracia por Bolsonaro e os bolsonaristas.

De volta ao pensamento de Mello. Esse ambiente hostil gerou um ciclo vicioso: à medida que a desconfiança aumentava, os jornalistas se viam forçados a se defender e justificar seu trabalho, o que, por sua vez, alimentava ainda mais a narrativa de que estavam agindo de maneira desonesta ou tendenciosa. Assim, a ideia de que a imprensa era financiada por grupos políticos adversários não apenas se tornou uma crença popular, mas também um mecanismo de controle social, onde a desinformação e a manipulação de narrativas se tornaram ferramentas poderosas para silenciar vozes críticas e minar a liberdade de expressão. Essa dinâmica não só prejudica a qualidade do debate público, mas também ameaça os princípios fundamentais da democracia, ao criar um ambiente onde a verdade é constantemente questionada e a informação é manipulada para servir a interesses particulares.

Com base no exposto, observo que a estratégia de Bolsonaro é desarticular a informação com a mídia jornalística. A credibilidade jornalística faz com que canais de notícias se tornem duvidosos, assim as notícias proferidas nas redes sociais bolsonaristas se tornam a “verdade”. E com essa suposta verdade que ocorre a manipulação dos grupos. Ou seja, qualquer coisa que Bolsonaro disser ou alguém de sua confiança dizer é considerado como a absoluta verdade. Desta forma podem amplificar discursos de ódio, desinformação e ataques coordenados contra indivíduos ou instituições. A combinação de suas ações criar um ambiente hostil, intensifica a polarizado nas redes sociais, assim dificulta o diálogo construtivo e a disseminação de informações precisas.

Esse cenário é propício para Bolsonaro manipular seus apoiadores. A descrença na mídia fez com que grupos bolsonaristas não aceitassem os erros de governabilidade da gestão Bolsonaro evidenciados pelos jornalistas. O cosmo imaginário dos bolsonaristas está em estado de guerra, pois o inimigo deve ser derrotado. A violência digital pode ser vista como uma extensão das tendências tribais e violentas da espécie humana, onde a desumanização do "outro" permite a justificação de comportamentos agressivos. O autor Bogéa (2021) na sua obra “A psicologia do Bolsonarismo”, menciona a desumanização

sistemática de grupos que não se enquadram nos padrões morais do bolsonarismo, o que pode ser exacerbado por plataformas digitais que facilitam a disseminação de discursos de ódio e violência.

O autor apresenta o pensamento de que a argumentação racional perde força diante do impacto emocional de imagens e vídeos que circulam nas redes sociais, reforçando ideais e visões de mundo que podem ser violentos ou manipulativos. A violência digital, portanto, não é apenas uma questão de agressão física, mas também de como as narrativas e as imagens podem ser utilizadas para manipular percepções e incitar ações violentas contra grupos considerados "outros". Essa dinâmica é alimentada por uma rede complexa de influências emocionais e sociais, que se reflete na forma como as pessoas se posicionam em relação a questões políticas e sociais.

Bogéa tem uma expectativa e diz que “não será espantoso se nos próximos anos houver uma escalada da violência bolsonarista.” (BOGÉA, 2021; p. 57). A natureza das redes sociais contribui para essa escalada. Os algoritmos que regem essas plataformas tendem a promover conteúdos que geram engajamento, muitas vezes priorizando postagens que provocam reações emocionais intensas, como raiva e medo. Isso resulta na formação de "bolhas" sociais, onde as pessoas são constantemente expostas a opiniões que reforçam suas crenças e, muitas vezes, validam comportamentos violentos. A normalização da agressão nas interações digitais pode levar a uma aceitação mais ampla da violência como uma forma legítima de expressão.

A escalada da violência digital não se limita a ataques diretos; ela também inclui a disseminação de desinformação e teorias da conspiração que incitam desconfiança e medo. Esse ambiente de incerteza e hostilidade pode criar um ciclo vicioso, onde a violência digital alimenta a violência física. Em contextos eleitorais, por exemplo, a retórica polarizadora pode incitar confrontos e tumultos, levando a um aumento da violência nas ruas. Assim a violência digital pode ser vista como um precursor ou um facilitador de violência física, criando um ambiente onde a agressão é não apenas aceitável, mas esperada. Isso contribuiu com retórica de Bolsonaro que estamos em guerra, nesse cenário a pessoa tem a opção de atacar ou se atacado, o que permanece o ambiente hostilizado em sociedade.

Mello também segue esse pensamento de guerra nas redes digitais. O ambiente de guerra promove a normalidade dos confrontos. As plataformas digitais facilitam a disseminação rápida de discursos de ódio, desinformação e ataques pessoais, onde a violência verbal e psicológica se tornam comum. Nesse contexto ocorre a cultura do

cancelamento. Isso refere-se a um fenômeno social em que indivíduos, grupos ou instituições são publicamente criticados, boicotados ou "cancelados" devido a comportamentos, opiniões ou ações consideradas ofensivas ou problemáticas. A cultura do cancelamento pode se manifestar de várias maneiras, incluindo a exposição pública, onde ações ou declarações de alguém são amplamente divulgadas, acompanhadas de críticas severas.

Mello passou pela cultura do cancelamento, o que chamou em sua obra de assassinato de reputação. Isso ocorreu através de uma série de ataques coordenados nas redes sociais, que visavam desacreditar sua imagem e integridade. Esses ataques foram impulsionados por influenciadores e veículos de comunicação alinhados com o bolsonarismo, que disseminaram informações falsas e ofensivas sobre ela. A autora menciona que em um contexto de crescente hostilidade, o presidente da República endossou essas ofensas, o que amplificou a situação e sinalizou a milhões de pessoas que tal comportamento era aceitável.

Uma ação judicial pode ter caráter pedagógico. Bolsonaro já havia mandado uma repórter calar a boca, já dissera a um jornalista que ele tinha “uma cara de homossexual terrível”, fizera um gesto de banana para os repórteres e havia declarado em rede nacional que eu queria “dar o furo” para conseguir informação contra ele. Qual seria o próximo passo? Agredir fisicamente o repórter que lhe perguntar por que o PIB frustrou as expectativas?

O processo judicial é um sinal de que não, nada disso pode ser normal.

E não adiantava mover ação apenas contra Nascimento, que mentiu. Ou contra Allan dos Santos, cujo *site* replicou a mentira de Nascimento e estimulou as pessoas a continuar me assediando com memes, além de me acusar de ter forjado as mensagens apresentadas (que foram autenticadas com ata notarial). Era preciso processar o presidente da República, que, ao repetir e endossar essas ofensas contra uma mulher, sinaliza a milhões de pessoas que isso é aceitável.

Tenho medo das retaliações que podem vir, contra mim e contra minha família. Quase desisti. Mas, se não fizesse nada, estaria tolerando o intolerável. (MELLO: 2020, p. 106-107).

A autora enfrentou assédio online, onde suas informações pessoais foram expostas, e foi alvo de memes e acusações infundadas, como a de ter forjado mensagens que foram autenticadas. Esse tipo de ataque não apenas buscava deslegitimar seu trabalho como jornalista, mas também tinha um caráter de violência de gênero, atingindo-a em um nível pessoal e profissional. Mello expressa medo das retaliações que poderiam vir contra ela e sua família, o que evidencia a gravidade da situação e a necessidade de processar aqueles que a atacaram, incluindo o presidente, para sinalizar que tais ofensas não deveriam ser toleradas. Essa não foi a única violência digital sofrida pela autora, vejamos outro exemplo exposto na obra.

Logo depois dos insultos de Nascimento e Eduardo Bolsonaro, um usuário de nome Marcelo.zarife me mandou a seguinte mensagem no Instagram: “Todo o castigo para você é pouco!!! Uma pena que seus filhos pagarão pelos seus erros, pois serão lembrados diariamente que a mamãezinha deles não passa de uma prostituta de baixo calão”. Em depoimento publicado na Folha, escrevi um recado para ele: “Marcelo, com todo respeito que você não teve por mim, vou discordar. Ao contrário de você, torço muito para que nem eu nem nenhuma outra mãe seja alvo desse tipo de campanha difamatória” (MELLO:2020, p 120)

A obra da autora Mello representa o fenômeno da violência digital. Em sua experiência pessoal, compreendo a ocorrência da violência de gênero e deslegitimação da voz feminina na sociedade, especialmente no contexto do jornalismo e da crítica política. Esses ataques não são apenas direcionados a uma pessoa, mas refletem uma cultura de misoginia e hostilidade que busca silenciar mulheres que se manifestam publicamente, especialmente aquelas que desafiam narrativas dominantes ou que criticam figuras de poder. O bolsonarismo reflete as ações de Jair Bolsonaro. A postura machista e frases de natureza sexual já foram ditas ao longo de sua trajetória política. O *site* de notícias do Globo publicou uma matéria em 2022, lembrando as ofensas realizadas por Bolsonaro as mulheres.

No dia 08/03/2022 o jornal O Globo publicou uma matéria lembrando frases ditas por Jair Bolsonaro e sua família, consideradas um desrespeito contra as mulheres. A matéria citou frases polemicas entre 2014 a 2021. Observo que das frases contidas na matéria a mais violenta é quando Bolsonaro está em uma discussão com a deputada Maria do Rosario do Partido dos Trabalhadores, onde ele diz “eu falei que não ia estuprar você porque você não merece. Fica aqui pra ouvir.” No *site* Brasil de Fato, também contém uma matéria que apresenta as frases que atacaram as mulheres, dentre as frases tem esse episódio da Maria do Rosario que expõe a frase e situação completa, onde Bolsonaro diz “Ela não merece porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece”.

Essa frase de Bolsonaro é de extrema violência, pois nenhuma mulher merece ser estuprada. O crime de estupro não é bem visto em sociedade, nem mesmo entre o crime organizado. Quando se faz pesquisa nos *sites* de notícias ou até mesmo no Google têm inúmeras reportagens, umas falando da população que matou homem acusado pelo crime, outras mencionando a forma que o crime organizado chamado de “tribunal do crime” ou “tribunal do tráfico” sentencia à morte o indivíduo acusado por esse ato criminoso. O *site* de notícias Metrôpoles publicou uma matéria com a chamada “Cenas fortes: população

invade DP, espanca e põe fogo em estuprador”. A matéria retrata a intolerância da população, em específico no interior do Estado do Amazonas. As pessoas invadiram a delegacia para espancar o acusado de estuprar e matar uma criança de 1 ano e meio. Após essa invasão ainda atiraram fogo no homem. Isso mostra o quanto a sociedade repudia tal crime.

A matéria apresentada do *site* Brasil de Fato relata que Bolsonaro foi condenado a indenizar o importe de 10 mil reais a Maria do Rosario por esse episódio. Dentro das frases de Jair Bolsonaro nas reportagens, também tem a fala que Patrícia Mello expos em sua obra. No entanto a matéria apresenta a fala de Bolsonaro mais completa, “Ela [Patrícia] queria um furo. Ela queria dar um furo a qualquer preço contra mim”. Diante esse exposto, chego a concluir que Bolsonaro é um agressor verbal quando se refere as mulheres. Porém não somente as mulheres, mas repórteres homens também. O jornal Estado de Minas publicou a seguinte matéria em seu *site* no dia 24/08/2024 com a chamada “Perfis bolsonaristas falsificam legenda de vídeo com agressão verbal de Bolsonaro”.

A matéria do Estado de Minas explica o que Ex-presidente na época disse ao repórter “Vontade de encher tua boca de porrada”. Esse desequilíbrio emocional do até então Presidente da República ocorreu pelo fato do repórter ter questionado sobre a investigação das “rachadinhas” onde o repórter perguntou “sobre os repasses feitos por Fabrício Queiroz, ex-assessor de seu filho, o senador Flávio Bolsonaro (Republicanos-RJ), à primeira-dama Michelle Bolsonaro.” Após essa ocorrência, perfis bolsonaristas alteraram a legenda do vídeo para parecer que o reporte tinha provocado Bolsonaro com a fala “vamos visitar sua filha na cadeia”. Porém o vídeo deixa claro que a frase era “vamos visitar nossa feirinha na catedral”. Os *sites* blogs Senso Incomum e Terra Brasil, se retrataram após ter divulgado esse vídeo com informações falsas.

Observe como o bolsonarismo atuou. Após Jair Bolsonaro ter demonstrado descontrole, os bolsonaristas criaram um conteúdo para proteção do presidente e ao mesmo tempo atacaram o repórter. Esse fato é mais um elemento que sustenta a ideia do atributo divino da infalibilidade abordado por Diogo Bogéa. O autor versa que o atributo divino da infalibilidade é frequentemente associado à ideia de que Deus é incapaz de errar ou falhar em qualquer aspecto de Sua natureza ou ações. Esse conceito é fundamental do monoteísmo judaico-cristão, onde se acredita que Deus possui um conhecimento perfeito e uma sabedoria infinita. Os elementos que compõem esse atributo incluem, a onisciência, onipotência, bondade divina, imutabilidade e soberania. Esses atributos garantem que

Deus tenha uma compreensão completa da realidade, permitindo que Suas decisões sejam sempre corretas.

Bogéa correlaciona os atributos divinos com Bolsonaro. A onisciência pode ser associada à percepção de que Bolsonaro tem um entendimento profundo das necessidades e problemas do Brasil, mesmo que essa visão seja frequentemente contestada por dados e evidências. Seus apoiadores tendem a acreditar que ele possui uma visão clara e correta da realidade, desconsiderando informações que contradizem essa crença. A onipotência se reflete na expectativa de que Bolsonaro pode resolver os problemas do Brasil de maneira eficaz e decisiva. Seus seguidores frequentemente o veem como alguém capaz de "resolver tudo isso que está aí", o que implica uma confiança em sua capacidade de agir e implementar mudanças significativas. Essa crença pode levar à desvalorização de críticas e falhas em sua administração, pois a ideia de que Bolsonaro pode tudo se torna a visão do cosmos imaginário da sua base de apoio, contribuindo para construção da sua figura religiosa "o escolhido, o enviado".

A bondade divina é um aspecto que se manifesta na forma como seus apoiadores interpretam suas ações e decisões. Mesmo diante de controvérsias, muitos acreditam que suas intenções são sempre voltadas para o bem do país, e que suas políticas, mesmo as mais polêmicas, são justificadas por um suposto desejo de restaurar valores morais e patrióticos. A imutabilidade pode ser vista na lealdade inabalável de seus apoiadores, que muitas vezes permanecem fiéis a ele independentemente das circunstâncias. Essa fidelidade é alimentada pela crença de que suas convicções e promessas não mudam, mesmo quando a realidade parece contradizer suas declarações. Por fim, a soberania de Bolsonaro é frequentemente exaltada por seus seguidores, que o veem como um líder forte que está em controle da situação política e social do Brasil. Essa visão de um líder que tem a capacidade de guiar o país em tempos de crise reforça a ideia de que ele é uma figura central e indispensável na luta contra inimigos percebidos, como a corrupção e os partidos e apoiadores da esquerda.

Concordo com as associações apresentado por Bogéa. Observo que essa dinâmica não apenas fortalece a base de apoio a Bolsonaro, mas também contribui para a polarização e a deslegitimação de críticas e oposições. Atribuir a infalibilidade divina a Bolsonaro revela como seus apoiadores projetam características quase divinas em sua liderança, criando uma narrativa que o coloca como um salvador. A figura sacralizada criada em Bolsonaro, é resultado também dessa descridibilidade jornalística. Bolsonaro colocou em duvidas a qualidade do jornalismo com teorias conspiratórias de partidos que

pagavam para manipularem as informações/notícias. Enquanto isso, os canais bolsonaristas manipulavam informações para proteger Bolsonaro como vimos na notícia exposta.

O ambiente das redes sociais tornou-se uma terra sem lei. As pessoas atacavam umas às outras, manchavam a reputação pelo fato de a pessoa pensar o oposto da outra. Bolsonaro criou o inimigo comum dos bolsonaristas que é à “esquerda”, o comunismo, a ideologia de gênero e etc. Bolsonaro com sua postura, falas, postagens dava margem para o crescimento do bolsonarismo nas redes sociais, e com isso o crescimento da polarização. A chamada “Nós contra eles” veio das falas do próprio Bolsonaro, então é natural esperar por um conflito. As redes sociais se tornaram o ambiente hostilizado onde as pessoas ganham voz para atacar e defender suas ideias.

Outro ponto relevante sobre a violência digital é a violência de gênero que ocorre, pois é uma realidade alarmante, onde mulheres e minorias de gênero enfrentam assédio sexual, ameaças e a divulgação não consensual de imagens íntimas. Além disso, a trollagem⁵, que provoca reações emocionais em outros usuários, e o *hacking*, que envolve o acesso não autorizado a contas pessoais, são práticas que contribuem para um ambiente digital hostil. Assim poderíamos mencionar o ciberterrorismo, que por sua vez, utiliza tecnologias digitais para realizar ataques que visam causar medo e pânico. A violência digital é uma preocupação crescente, pois suas consequências podem ser graves, afetando a saúde mental e emocional das vítimas e promovendo um clima de medo e desconfiança na sociedade.

Não se pode afirmar que o bolsonarismo comete ciberterrorismo. Todavia, a postura dos bolsonarista nas redes sociais é preocupante. O ambiente hostil com xingamentos, assédios, machismo, autoritarismo, cancelamento de pessoas ou empresas, que não podem discordar de Bolsonaro, evidenciam o risco de morte da democracia no Brasil. O direito de falar o que pensa, o direito de discordar de alguém, o respeito ao momento de fala com do outro, faz com que a democracia fique mais forte, e a população cresça como nação. Desestruturar a democracia impedindo que o fale aquele que discorda da minha ideia, e enfraquecer a nação. A diversidade de opiniões e ideias, quando orientada para o alcance do bem comum, é um princípio fundamental da democracia. No

⁵Significado de Trollagem:

Ato ou efeito de colocar mensagens ou comentários provocadores, maldosos ou ofensivos em sítios de discussão pública *on-line*, com intuito desestabilizador.

"trollagem", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, <https://dicionario.priberam.org/trolagem>.

entanto, promover a divisão entre 'nós contra eles' e silenciar aqueles que pensam de maneira diferente constitui uma ameaça aos valores democráticos.

3.3 A Ontologização do Mal no Outro.

Antes de adentrar no tema central, que é a correlação entre Bolsonaro e a forma de ontologizar o mal no outro, é importante compreender o conceito de ontologização. Para essa exposição, recorro ao pensamento de Joaquim de Sousa Teixeira em sua obra *Paul Ricoeur e a problemática do mal* (1977). O autor define ontologizar como o ato de atribuir uma existência ou realidade ontológica a algo, isto é, considerar algo como uma entidade ou ser dotado de uma natureza própria e independente. No campo filosófico, a ontologia é o estudo do ser, da existência e das categorias fundamentais que descrevem a realidade. Em outras palavras, ontologizar pode ser entendido como o processo pelo qual o indivíduo, dentro do seu cosmos imaginário, cria realidades inexistentes ou projeta significados que ultrapassam a dimensão empírica, conferindo-lhes um status de verdade ou realidade ontológica.

Quando algo é "ontologizado", isso significa que passa a ser tratado como se possuísse uma essência ou identidade própria, frequentemente ignorando o contexto ou as relações que o definem. Esse processo leva o indivíduo a não enxergar o outro como seu igual, mas a percebê-lo a partir da criação feita por seu cosmos imaginário. Assim, a ontologização não apenas obscurece a compreensão do fenômeno em questão, mas também pode gerar implicações éticas e sociais profundas. Ao rotular o outro como intrinsecamente mau, por exemplo, cria-se uma justificativa para práticas de exclusão, violência e discriminação, perpetuando ciclos de conflito e divisão. Joaquim de Sousa Teixeira, em sua análise da obra de Paul Ricoeur, enfatiza que Ricoeur defende uma abordagem mais relacional e contextual. Essa perspectiva reconhece a interdependência das ações humanas, bem como a dualidade presente em cada indivíduo, que carrega tanto o potencial para o bem quanto para o mal.

Seguindo o pensamento do autor, a ontologização pode ser vista como um fenômeno resultante de ações humanas e escolhas morais. Contudo, a ontologização do mal, em particular, é frequentemente tratada como a atribuição de uma força ou entidade autônoma. Essa perspectiva sugere que o mal possui uma natureza própria, quase como uma entidade independente que influencia ou corrompe a humanidade. Esse entendimento encontra ressonância em tradições dualistas, como o maniqueísmo, que personificam o mal. No maniqueísmo, o bem e o mal são concebidos como forças opostas

e autônomas, envolvidas em um conflito cósmico. A premissa central é a existência de uma batalha contínua entre o reino da luz (o Bem) e o das sombras (o Mal). Nesse contexto, o homem assume o dever de contribuir para a vitória do Bem, frequentemente por meio de práticas ascéticas e da busca pela pureza espiritual.

A ontologização do mal pode levar à desumanização de indivíduos ou grupos rotulados como "maus". Essa visão simplista ignora a complexidade da condição humana, bem como a capacidade inerente de mudança, arrependimento e crescimento. Ao considerar certas pessoas ou grupos como intrinsecamente malignos, promove-se a ideia de que essas figuras representam uma essência maligna fixa e imutável. Essa desumanização serve como justificativa para a exclusão ou a violência contra os alvos dessa rotulação. Esses indivíduos passam a ser vistos não como seres humanos complexos e multifacetados, mas como ameaças que devem ser neutralizadas. Tal abordagem cria um ambiente hostil e intolerante, onde não há espaço para o diálogo ou para perspectivas contrárias. Nesse contexto, pode ocorrer a formação de grupos que se veem como guardiões do "bem" e que atuam para minimizar, neutralizar ou até mesmo eliminar as forças consideradas malignas.

Outro aspecto interessante que o autor aborda é a ideia de que o mal, concebido como uma força autônoma, pode servir como uma forma de fuga da responsabilidade moral. Quando o mal é percebido como algo externo e independente, torna-se mais fácil para indivíduos ou grupos justificarem ações prejudiciais à sociedade. Nesse contexto, a alegação de que foram "influenciados" por essa força maligna permite que evitem reconhecer sua própria responsabilidade e agência nas escolhas que fazem. Além de projetar o mal no outro, a culpa pela hostilidade, pelo autoritarismo e pelo ódio também é atribuída ao outro, que passa a ser visto como portador de uma essência maligna. Esse mal, por sua vez, é entendido como algo que precisa ser combatido. Assim, a conduta hostil e o ambiente de autoritarismo e violência tornam-se justificados e legitimados sob essa lógica. Essa dinâmica é frequentemente reforçada por narrativas que personificam o mal. Essa personificação não apenas contribui para a ontologização do mal, mas também alimenta ciclos de polarização, o que justifica a exclusão e a violência como "necessidades" em uma batalha moral contra o que se acredita ser a encarnação do mal.

Compreendo, a partir da obra do autor, que nos discursos de Bolsonaro ocorre com frequência a ontologização do mal no outro. A criação de uma realidade inexistente é evidente na retórica de Bolsonaro e replicada no bolsonarismo. Expressões como “O Brasil vai virar uma Venezuela” ou “O Brasil vai virar Cuba”, caso o adversário político

vença, ilustram esse fenômeno. Essas afirmativas não correspondem a uma realidade concreta. Mesmo que se pudesse argumentar que tais declarações fossem fruto de uma premonição, especulação ou alerta, essa não é a impressão que se tem ao ouvir os discursos de Bolsonaro, como exemplificação cito o comício no município de Betim – MG, onde ele é especialmente enfático nesse tema. Nesse caso, o objetivo parece ser criar e fomentar o medo. Dessa forma, uma realidade alternativa é construída, e, a partir dela, o medo se torna um elemento mobilizador. Assim, uma realidade inexistente, propagada com veemência, gera um medo que é real para os ouvintes, transformando essa construção fictícia em uma verdade perceptível e influente no imaginário coletivo

O opositor político é transformado em inimigo ontológico e passa a ser a personificação do mal. É ele quem trará o comunismo, tornando-se, assim, a concretização da ameaça que dá existência ao medo criado. Esse medo é constantemente reforçado por discursos como o de Michelle Bolsonaro, que afirmou: “A nação não pode cair nas mãos dos nossos inimigos” (PODER360;2022). A retórica de Bolsonaro e sua reprodução pelo bolsonarismo apresentam o opositor como o responsável pela destruição iminente: ele trará o comunismo, a ideologia de gênero, a legalização das drogas, a desestruturação da família, a legalização do aborto. Segundo essa narrativa, sob o governo do "inimigo", as pessoas passarão fome, serão obrigadas a comer seus animais domésticos e terão seus animais roubados para consumo. Essa construção fictícia de realidade tem como objetivo principal a criação de um medo mobilizador, que influencia e condiciona o cosmos imaginário das pessoas. Nesse ambiente, elas são levadas a viver em um universo dicotômico, onde precisam decidir se estão do lado do bem ou do mal. Essa polarização emocional fortalece o discurso messiânico e justifica a rejeição absoluta ao "inimigo", transformando-o em um símbolo de tudo o que deve ser combatido.

A campanha eleitoral de Bolsonaro em 2022 propôs aos eleitores uma escolha moralizada: ser um apoiador do bem ou do mal. A sacralização da figura de Bolsonaro deu início a uma espécie de guerra santa, contrapondo o bem e o mal, o sagrado e o profano, o "escolhido de Deus" e o "anticristo". Um dos principais indícios de que Bolsonaro fomentou essa guerra santa é o reflexo observado na sociedade, especialmente no comportamento de líderes religiosos. Muitos deles afirmaram que haveria punição divina para aqueles que votassem “errado”. Um exemplo disso foi registrado em uma reportagem da BBC News Brasil, publicada em 19 de outubro de 2022, com o título: “Eleições 2022: pastores fazem pressão por voto e ameaçam fiéis com punição divina e medidas disciplinares”. Essa prática evidencia líderes religiosos exercendo seu poder e

influência para manipular e coagir seus membros, associando a escolha política à obediência espiritual. Essa relação simbiótica entre religião e política não apenas intensificou a polarização social, mas também reforçou a narrativa de Bolsonaro como o "escolhido de Deus", mobilizando o medo e a culpa como instrumentos de controle eleitoral.

A matéria retrata líderes religiosos afirmando que não se deve votar em "candidatos à presidência que apresentem um programa contrário ao reino de Deus". Além disso, destacam-se declarações mais diretas, como: "Vamos para cima! A vitória do Bolsonaro nesse segundo turno tem que ser grande!" e "Tem que votar certo, senão você não é crente, não." Essas falas evidenciam a grande influência que líderes religiosos exercem sobre seus membros. Líderes cristãos, como pastores, evangelistas e missionários, são frequentemente vistos como homens e mulheres de Deus, cujas decisões são interpretadas como alinhadas à vontade divina. Essa percepção cria uma problemática no contexto eleitoral, pois é natural que um religioso busque não contrariar sua fé ou os ensinamentos de seus líderes. No entanto, no cenário eleitoral de 2022, essa dinâmica assumiu proporções mais intensas. Foi construída a figura de Bolsonaro como "o enviado de Deus", enquanto seu opositor foi demonizado e retratado como "o diabo". Essa dicotomia promoveu um ambiente no qual o eleitor religioso sentiu-se pressionado a se posicionar não apenas como cidadão, mas também como fiel. Nesse contexto, o voto tornou-se uma demonstração de fé e de lealdade tanto a Deus quanto à sua comunidade religiosa, ampliando o peso emocional e moral da escolha eleitoral.

Na continuação da reportagem, é relatado que um pastor declarou que os membros que votassem no candidato Lula não poderiam participar da Ceia do Senhor. Para compreender a gravidade dessa declaração, é necessário entender o significado da Ceia do Senhor no cristianismo. Antes de sua crucificação, Jesus Cristo realizou a última ceia com seus discípulos. Na ocasião, tomou o pão e declarou: "Este é o meu corpo que é entregue por vós; fazei isso em memória de mim." Da mesma forma, tomou o cálice e afirmou: "Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós." Esse momento é narrado nos Evangelhos de Mateus 26:17–30, Marcos 14:12–26 e Lucas 22:7–30. Durante essa ceia, Jesus também revelou que seria traído, o que levou Judas a se retirar e consumir a traição. Após a morte e ressurreição de Jesus, a prática da Ceia do Senhor tornou-se um rito essencial para a igreja primitiva, como forma de relembrar o sacrifício de Cristo até seu retorno. Essa tradição foi amplamente explicada pelo apóstolo Paulo em 1ª Coríntios 11:23–26, onde ele reforça a importância da ceia como um ato de comunhão

e memória do sacrifício de Jesus. Diante disso, a declaração do pastor ganha uma conotação alarmante, pois transforma um ritual sagrado em instrumento de coerção política.

Como cristão da Assembleia de Deus Ministério Belo Horizonte há 15 anos, compreendo que a ritualística da Ceia do Senhor é um sinal de comunhão, amor, fraternidade, comunidade e fé em Cristo Jesus, celebrado até o dia de seu retorno. Tradicionalmente, a Ceia é um ato que reafirma a união do fiel com Deus e com a comunidade cristã. A ausência na ceia pode indicar que a pessoa esteja em pecado grave, exemplo seria adultério, o que a impediria de participar do ato de comunhão até sua reconciliação com Deus e com a comunidade. Outro ponto de não participar da ceia seria os descrentes, ou seja, alguém que não professa a fé cristã. No entanto, conforme retratado na matéria, o pastor ameaçou não ministrar a Ceia do Senhor aos membros que votassem no candidato Lula. Em outras palavras, o pastor condicionou a participação no ritual a uma escolha política, transformando a Ceia em um instrumento de controle e coerção. Essa ameaça é grave, pois implica não apenas a exclusão do membro da comunhão eclesial, mas também a separação espiritual de Deus. No entendimento mais comum entre os cristãos, estar fora de comunhão com Deus significa estar afastado da salvação. A exclusão de um membro da Ceia é equivalente a excluí-lo do corpo de Cristo, criando-se o medo da perda da sua salvação.

Na continuação da reportagem, após Jair Bolsonaro não obter a vitória no primeiro turno das eleições de 2022, as cobranças no meio cristão começaram a se intensificar. Michele Bolsonaro é citada na matéria pela fala de cobrança aos fiéis: "A gente queria vitória, sim, no primeiro turno. Mas a gente entendeu, irmãos, que se a gente tivesse recebido a vitória no primeiro turno, talvez a igreja não estivesse preparada para isso. A gente precisa se voltar ao Senhor. A igreja precisa se posicionar, a igreja precisa aprender." Essa declaração reforça a ideia de que a igreja e os cristãos em comunhão com Deus deveriam apoiar Bolsonaro e não Lula, que, segundo a retórica utilizada, estaria alinhado às forças malignas. Para tornar ainda mais clara essa polarização entre o "bem" e o "mal", a matéria também trouxe a fala do pastor José Wellington Costa Junior, líder da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), afirmou: "O inferno não tem como entrar em lugar santo. Aqui é lugar santo," referindo-se ao PT e ao candidato Lula. Ele prosseguiu: "É bom que nos conscientizemos disso. Você, pastor, vai ser procurado sorrateiramente [por petistas], dizendo que é só uma visita. É um laço do Diabo!" Essa fala evidencia a tentativa de impedir que o candidato Lula fosse recebido

em qualquer igreja sob a liderança desse Pastor. Essa atitude utiliza de uma linguagem espiritual para demonizar o adversário político. (ELEIÇÕES 2022: PASTORES FAZEM PRESSÃO POR VOTO E AMEAÇAM FIÉIS COM PUNIÇÃO DIVINA E MEDIDAS DISCIPLINARES, 2022)

Esse episódio descrito na reportagem remonta a uma dinâmica já tratada no primeiro capítulo, onde líderes religiosos desempenharam um papel central na promoção da campanha eleitoral de Bolsonaro em 2018. As alianças com a bancada evangélica e os rituais religiosos realizados durante aquele período demonstram uma estratégia clara: conquistar a empatia do eleitorado cristão. No entanto, observa-se que a influência dos líderes religiosos no contexto eleitoral de 2022 foi ainda mais intensa e envolveu um novo elemento significativo. Enquanto em 2018 se evidenciava a construção da figura divina de Bolsonaro, retratado como alguém escolhido por Deus, em 2022 essa narrativa foi reafirmada com um acréscimo importante: a introdução da ideia de punição divina para aqueles que não votassem no "escolhido de Deus". Aqueles que optassem por votar no adversário eram colocados na posição de cúmplices do mal. Essa retórica remete a uma passagem do evangelho de João, capítulo 8, versículo 44, onde Jesus declara que o diabo é "o pai da mentira", assim, aqueles que mentem são seus filhos. Essa associação é particularmente relevante, pois permite inferir que, segundo essa narrativa, o opositor político e seus eleitores seriam não apenas adversários ideológicos, mas representantes ou seguidores do mal.

A ontologização do mal possui uma característica marcante: a desumanização do outro. No caso de Bolsonaro e de seus apoiadores, observa-se que essa desumanização é amplificada pelo uso da religião, que introduz um elemento adicional: a demonização. Enquanto a desumanização retira do outro suas características humanas, reduzindo-o a um estereótipo, a demonização vai além, atribuindo ao indivíduo uma natureza intrinsecamente maligna, como se ele fosse a encarnação do próprio mal. Para corroborar com essa premissa vejamos uma reportagem do comício realizado na cidade de Sorocaba, São Paulo, onde Bolsonaro declarou: “Temos um mal pela frente, um capeta que quer impor o comunismo no nosso Brasil. Uma pessoa que foi liderança mundial em corrupção. Uma pessoa que nada deixou de bom para o nosso país e nunca respeitou a família brasileira.” Essa fala, publicada em uma reportagem no *site* GZH Zero Hora, revela uma estratégia direta e incisiva de demonização do opositor. (BOLSONARO CHAMA LULA DE "CAPETA" EM COMÍCIO NO INTERIOR DE SÃO PAULO, 2022)

O termo "capeta" é uma das inúmeras denominações atribuídas a satanás, diabo, ou outras nomes associadas ao mal no imaginário religioso cristão. Em momentos anteriores, analisamos as associações veladas ou interpretativas que Bolsonaro fez entre seu adversário político e o mal ou o maligno. Contudo, na declaração citada, essa associação torna-se explícita, com Bolsonaro afirmando diretamente que seu opositor é o "capeta". Aqui, o mal não apenas é atribuído ao outro, mas é personificado e identificado de forma inequívoca no adversário político. O candidato Lula deixa de ser apenas um oponente ideológico e passa a ser a própria encarnação do mal. Compreendo que o pensamento bolsonarista acerca dessa retórica é clara: o mal não pode prevalecer, e, mais do que isso, precisa ser eliminado da sociedade. A matéria da GZH Zero Hora traz mais um exemplo dessa retórica, onde Bolsonaro chama o Partido dos Trabalhadores (PT) de "praga" e afirma que irá "varrer" o partido para o "lixo da história". Essa declaração foi feita na cidade de Araguatins (TO), reforçando o discurso de eliminação do adversário. O uso do termo "praga" carrega uma carga simbólica significativa, evocando a ideia de algo destrutivo, nocivo e que precisa ser erradicado para o bem da coletividade.

Ao declarar que o adversário político é uma ameaça existencial que deve ser eliminada, o discurso torna-se uma chamada a guerra santa, isso transforma o cosmo imaginário. A retórica de Bolsonaro transforma as eleições em um campo para a batalha final entre o bem e o mal, onde não há espaço para diálogo, negociação ou coexistência. Tudo o que foi narrativamente construído – o medo do comunismo, a ameaça à família, à fé e aos valores cristãos – se concretiza na figura do adversário como o mal personificado. Nesse contexto, o eleitor não está apenas escolhendo entre dois projetos políticos, mas decidindo entre salvar ou condenar a nação. Ao chamar o adversário de "capeta" e declarar que o PT deve ser "varrido para o lixo da história", Bolsonaro instaura uma lógica de exclusão total, onde o opositor é desumanizado e demonizado a ponto de não haver mais espaço para debates ou divergências. Essa retórica fomenta um ambiente de polarização extrema, onde qualquer oposição ao projeto político do "bem" é vista como cumplicidade com o "mal".

No dia 9 de setembro de 2022, ocorreu um episódio emblemático da escalada de violência política no Brasil. No mesmo dia em que Bolsonaro realizou o comício em Sorocaba, onde chamou seu adversário político de "capeta" e declarou que o Partido dos Trabalhadores (PT) deveria ser "varrido para o lixo da história", foi registrado um assassinato em Confresa, Mato Grosso, envolvendo apoiadores de lados opostos. A matéria publicada no G1 intitulada "Homem que apoiava Bolsonaro mata defensor de

Lula em discussão sobre política em MT” relata que o crime ocorreu na zona rural da cidade, a cerca de 1.160 km da capital, Cuiabá. Os envolvidos eram colegas de trabalho e, durante uma conversa noturna sobre política, a discussão escalou para uma briga física. Um dos homens, ao receber um soco, pegou uma faca e desferiu aproximadamente 15 golpes no outro. A maldade e a frieza do agressor nesse crime é de se assustar pelo fato do agressor após esfaquear as costas da vítima e ela cair no chão, o agressor veio e esfaqueou seu olho e sua testa. Segundo o delegado responsável pelo caso, a brutalidade foi extrema, com a vítima sendo atacada de maneira cruel e desproporcional. O agressor foi preso e acusado de homicídio qualificado por motivo fútil e cruel.

Este evento ilustra de forma trágica as consequências do ambiente de polarização e violência política exacerbada no país. Quando analisado em conjunto com o discurso proferido por Bolsonaro no mesmo dia, torna-se evidente como a retórica política pode influenciar comportamentos e alimentar um clima de hostilidade assassina. No caso em questão, a caracterização do adversário político como o “capeta” e a associação ao mal podem ter reforçado uma percepção de ameaça existencial, legitimando reações extremas em um ambiente já saturado por tensões sociais. Este incidente também evidencia as consequências da ontologização do mal. Quando o opositor deixa de ser visto como um ser humano e passa a ser tratado como a encarnação do mal, os limites éticos e morais para lidar com ele se diluem. Penso que o ato de desferir 15 facadas em alguém não é apenas uma explosão de raiva, mas uma manifestação de um ódio profundamente enraizado e alimentado por estas narrativas polarizadoras. Além disso, o local onde ocorreu o crime, a zona rural de Confresa, destaca como essa polarização não está restrita aos grandes centros urbanos.

O mal passou a ser material. O inimigo é o candidato opositor, bem como seus apoiadores. A ontologização do mal feita por Bolsonaro, foi executada em vias de fato pelos bolsonarista. Ao rotular a oposição como "o mal", Bolsonaro cria um inimigo comum, o que facilita a coesão entre seus seguidores. Ao descrever as propostas da oposição como perigosas ou prejudiciais, Bolsonaro busca impedir qualquer discussão ou debate sobre essas questões, criando um ambiente onde a oposição é vista não apenas como uma alternativa política, mas como uma ameaça à segurança e aos valores da sociedade. Essa estratégia é reforçada pelo apelo à moralidade e à religião, onde Bolsonaro se posiciona como defensor dos valores cristãos, sugerindo que aqueles que se opõem a ele estão indo contra a vontade de Deus.

Nos discursos do primeiro turno em Minas Gerais, pode-se observar a construção da ontologização do mal, através do medo. Bolsonaro em sua retórica proporciona o medo a fim de desumanizar e demonizar seu adversário. Na cidade de Juiz de Fora -MG, Bolsonaro ressalta que o país era roubado pela esquerda. Nesse discurso a fala de Michele Bolsonaro tem mais peso. A ex-primeira-dama fala que não devemos entregar a o país “nas mãos dos nossos inimigos”, uma referência aos opositores políticos. No discurso em Betim-MG, tem a fala "ser presidente não é fácil a não ser, quando, você está do lado do mal", ou seja, Bolsonaro é do bem, e por isso as críticas veio como perseguição ao seu governo. Nesse mesmo discurso ele também traz "não podemos esquecer e quem fez campanha pra Chaves e Maduro no passado, foi o Lula". A premissa é insinuar que seu adversário está alinhado com regimes considerados opressivos e maléficos, e que fara isso com o Brasil caso ganhe as eleições.

Nos discursos realizados durante o primeiro turno das eleições em Minas Gerais, é possível observar a ontologização do mal através da retórica fundamentada no medo. Bolsonaro utiliza esse artifício para desumanizar e demonizar seu adversário político. Em Juiz de Fora - MG, por exemplo, ele destacou que o país teria sido saqueado pela esquerda, reforçando a ideia de que o adversário representa uma ameaça à moralidade e à ordem nacional. Nesse contexto, a fala de Michele Bolsonaro ganha destaque, uma vez que a ex-primeira-dama afirma que o país não deve ser entregue "nas mãos dos nossos inimigos", estabelecendo uma clara dicotomia entre o "nós" (representantes do bem) e "eles" (os inimigos, associados ao mal). Essa construção retórica não apenas desumaniza os opositores, mas também os posiciona como figuras ameaçadoras e moralmente condenáveis. No discurso em Betim - MG, Bolsonaro afirma: "Ser presidente não é fácil, a não ser quando você está do lado do mal", sugerindo que sua própria gestão foi alvo de críticas não por suas falhas, mas devido a uma suposta luta contra forças malignas. Ainda nesse evento, Bolsonaro declara: "Não podemos esquecer quem fez campanha para Chávez e Maduro no passado; foi o Lula". Essa afirmação é para associação seu adversário político e regimes autoritários e opressivos, insinuando que um eventual governo de Lula conduziria o Brasil por um caminho similar.

No discurso realizado em Belo Horizonte – MG, Bolsonaro voltou a abordar a suposta aliança de Lula com países de regimes totalitários. Durante sua fala, o candidato à reeleição expressou o pressentimento de que seu adversário adotaria práticas associadas, em sua visão, a regimes autoritários. Ele mencionou como exemplo "um país que prende padres", sugerindo que tal conduta estaria alinhada às ideias defendidas por Lula. Essa

premonição, evidentemente, tinha o intuito de provocar medo em relação ao opositor político, desqualificando suas propostas e desestimulando a adesão às suas ideias. Em Divinópolis – MG, Bolsonaro estruturou seu discurso apresentando uma série de pontos que, segundo ele, poderiam comprometer os valores familiares e a estabilidade social. Em um momento de fala realizou uma sequência de perguntas retóricas ao público, como: “Vocês querem alguém na Presidência que diz que vai liberar as drogas para seus filhos? Vocês querem à frente da Presidência quem diz ser favorável à ideologia de gênero? Vocês querem alguém que não respeite a propriedade privada? Vocês querem à frente da Presidência um ladrão da República?” Essas perguntas visam não apenas reafirmar sua posição contrária ao adversário, mas também construir uma narrativa em que Lula é apresentado como uma ameaça direta à sociedade brasileira.

Compreendo que Bolsonaro inicia o processo de ontologização do mal em 2018, ao desabilitar as ideias da oposição por meio da construção de narrativas baseadas no medo. Inicialmente, o medo é direcionado às ideias opositoras, mas, posteriormente, desloca-se para a pessoa que as representa. A desumanização torna-se um elemento fundamental nesse processo, pois facilita a desarticulação tanto das propostas quanto das figuras políticas associadas a elas. Nesse contexto, a demonização assume um papel estratégico, transformando o adversário político em um objeto de temor, não apenas pelas suas ideias, mas também pela sua própria existência. A criação de uma figura maligna dentro das pessoas rotuladas como opositoras estabelece um comportamento de represália contra elas. Não há mais espaço para diálogo, uma vez que, segundo essa lógica, aqueles que se consideram iluminados por Deus não podem se associar, dialogar ou coexistir com indivíduos considerados "das trevas", ou, em termos religiosos, vinculados ao diabo. Esse cenário remete claramente à ideia de uma guerra santa, trazida para o campo político.

Até o momento em que apurei os discursos realizados por Jair Bolsonaro até o primeiro turno das eleições de 2022, observei que ele não mencionou explicitamente a prática de devocionais religiosos, exceto no discurso de Divinópolis – MG. Nesse discurso, Bolsonaro afirmou: "Eu acordo toda manhã, tenho uma rotina, eu dobro meus joelhos e oro o Pai Nosso, e peço para o nosso Deus que o nosso povo brasileiro não sinta, um dia, as dores do comunismo". Essa declaração reforça a construção de sua figura como um enviado de Deus, o que permite compreendê-la sob uma perspectiva religiosa. A menção à oração pela nação remete a uma prática cristã, pois é uma orientação dada pelo apóstolo Paulo na carta de 1 Timóteo 2:1-2: "Antes de tudo, recomendo que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens; pelos reis e por

todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranquila e pacífica, com toda a piedade e dignidade." Essa orientação de Paulo acredito que é baseada na figura dos profetas no Velho Testamento, que eram levantados por Deus para interceder e liderar o povo em momentos de crise ou perigo.

Os profetas, no contexto bíblico, eram mensageiros que traziam alertas e orientações à nação, transmitindo a vontade divina com o objetivo de corrigir práticas erradas e conduzir o povo à obediência a Deus. Quando a desobediência persistia, Deus aplicava sanções ao povo, utilizando essas punições como forma de disciplina e redenção. No discurso de Jair Bolsonaro, é possível perceber uma aproximação simbólica com essa figura profética, pois ele apresenta alertas à nação, denunciando o que considera ameaças, como a ideologia de gênero, a legalização das drogas e a implantação do comunismo. Ao se posicionar como um "escolhido de Deus", Bolsonaro insere-se em uma narrativa onde a nação brasileira estará sujeita à punição divina caso sua liderança não seja reconhecida. Essa sanção, segundo a retórica bolsonarista, é representada pela implantação do comunismo, descrito como um sistema opressor que trará sofrimento e miséria à população. Essa visão encontra paralelos na história bíblica, em que o povo de Deus foi levado cativo à Babilônia como consequência de sua desobediência. De forma similar, Bolsonaro alerta que, se ele não for eleito, o Brasil estará à mercê da destruição da família e do comunismo.

Compreendo que a eficácia da ontologização do mal promovida por Jair Bolsonaro reside na manutenção contínua do medo. Desde a campanha eleitoral de 2018, Bolsonaro introduz temas como a ideologia de gênero, drogas, aborto, comunismo e a corrupção atribuída aos governos anteriores, especialmente aos partidos de esquerda. Sua estratégia consiste em reiterar constantemente essas pautas, quase como um exercício mental coletivo, buscando fixá-las no imaginário popular. Esse método permite que o "cosmo imaginário" dos eleitores se molde em torno dessas narrativas, mantendo-se restrito a esses tópicos e alimentando a permanência do medo. A legitimação desse medo não se limita à repetição dos temas, mas está intrinsecamente ligada à desumanização do outro e à sua demonização. Ao desumanizar os adversários, suas ideias são desacreditadas; ao demonizá-los, eles se tornam ameaças existenciais, associadas ao mal absoluto. Nesse processo, a religião desempenha um papel crucial, pois atua como fonte de legitimidade divina para os discursos e ações de Bolsonaro. A associação de sua figura à vontade de Deus não apenas reforça a autoridade de suas palavras, mas também cria

uma dicotomia moral: apoiá-lo é estar do lado do bem e da ordem divina, enquanto rejeitá-lo equivale a alinhar-se ao mal e à desordem.

Quando Deus legitima uma ação, não há espaço para questionamento. A criatura não se volta contra seu Criador; o homem não se opõe a Deus. Bolsonaro apropriou-se dessa lógica ao apresentar-se como um escolhido divino, afirmando que Deus estava ao seu lado e, conseqüentemente, qualquer oposição a ele seria também uma oposição a Deus. Essa narrativa foi absorvida pelos bolsonaristas de forma integral, em corpo e alma, transformando o "mal" em uma ameaça concreta e tangível. Desde o início de sua campanha eleitoral de 2022, Bolsonaro utilizou uma retórica que moldava a política como uma batalha entre o bem e o mal. Essa construção imaginária elevou a disputa eleitoral para um plano sagrado, em que os apoiadores de Bolsonaro eram convocados a assumir o papel de defensores da "verdade" e da moralidade contra forças que, segundo ele, representavam o mal absoluto. A sacralização dessa luta atribuiu a Bolsonaro a imagem de um salvador, enquanto seus seguidores se viam como "guerreiros" em uma missão divina para proteger o Brasil de um destino trágico. Assim, a ideia de que a derrota de Bolsonaro representaria a vitória do "mal" reforçou essa mentalidade combativa.

A retórica religiosa utilizada por Bolsonaro e seus apoiadores transformou a política em uma arena de confronto moral, na qual a lealdade ao presidente era interpretada como uma forma de resistência à corrupção e à decadência dos valores morais. Essa mobilização de cunho religioso não apenas consolidou sua base de apoio, mas também criou um senso de urgência e missão entre os eleitores. Era como se houvesse uma corrida contra o tempo para impedir um suposto apocalipse, uma luta para proteger a geração atual e futura dos males que, segundo essa narrativa, ameaçariam a nação. Dentro dessa perspectiva, é possível compreender como os bolsonaristas passaram a enxergar a encarnação do maligno dentro de pessoas ou grupos que se opunham à Bolsonaro. Essa visão intensifica a polarização e eleva o conflito a um patamar de risco para a sociedade e para a democracia, como vimos as agressões entre eleitores. Assim, pode-se afirmar que a construção do inimigo feita por Bolsonaro atingiu seu ápice. A desumanização e a demonização da oposição desempenharam um papel crucial nesse processo, contribuindo para a formação de um grupo coeso e mobilizado. O bolsonarismo não apenas defende as ideias associadas a Jair Bolsonaro, mas também combate ativamente qualquer crítica dirigida a ele ou ao seu governo.

Contudo a ontologização do mal, como identificada no discurso de Bolsonaro e replicada por seus apoiadores, não é apenas uma ferramenta retórica, mas uma estratégia

política que ameaça a convivência democrática. Combatê-la exige esforço coletivo para promover valores democráticos, o respeito mútuo e a solidariedade, fortalecendo instituições que protejam a sociedade da polarização extrema e da manipulação emocional. Os exemplos mencionados — desde os discursos inflamados de Bolsonaro até atos de violência perpetrados por seus apoiadores — evidenciam como a ontologização do mal transcende o campo discursivo, legitimando hostilidades e atos extremos. Essa dinâmica reflete uma construção social perigosa: o mal é externalizado e encarnado no outro, deslegitimando a necessidade de diálogo ou compreensão mútua.

Contudo, a ontologização do mal, como identificada no discurso de Bolsonaro e replicada por seus apoiadores, não se limita a ser uma ferramenta retórica; trata-se de uma estratégia política que ameaça diretamente a convivência democrática. Combatê-la exige um esforço coletivo voltado à promoção de valores democráticos, do respeito mútuo e da solidariedade, além do fortalecimento das instituições que possam proteger a sociedade da polarização extrema e da manipulação emocional. Os exemplos mencionados — desde os discursos inflamados de Bolsonaro até os atos de violência cometidos por seus apoiadores — demonstram que a ontologização do mal ultrapassa o campo do discurso e legitima hostilidades e ações extremas. Essa dinâmica reflete uma construção social perigosa, em que o mal é externalizado e atribuído ao outro, deslegitimando a necessidade de diálogo ou de compreensão mútua.

No caso de Bolsonaro, o uso do simbolismo religioso intensifica o processo de ontologização do mal. Ele se apresenta como um líder escolhido por Deus, promovendo uma narrativa de guerra santa que opõe o bem ao mal. Seus discursos frequentemente apelam ao medo, reforçando visões de caos iminente caso o opositor vença as eleições. Essa estratégia não apenas polariza a sociedade, mas também desumaniza o adversário político e seus eleitores, transformando a esfera política em um campo de batalha caracterizando assim uma verdadeira guerra santa. A narrativa construída por Bolsonaro e por seus apoiadores cria um ciclo vicioso: o medo alimenta a polarização, que, por sua vez, legitima a exclusão e, em casos extremos, a violência. Esse fenômeno não apenas distorce o debate político, mas também compromete profundamente os valores democráticos, substituindo o pluralismo e a convivência com as diferenças por um antagonismo moral e religioso que divide a sociedade. Essa dinâmica coloca em risco a essência do sistema democrático, que se sustenta no diálogo, na aceitação das divergências e na busca coletiva pelo bem comum. Quando a política se transforma em um embate maniqueísta, marcado por uma oposição irreconciliável entre o "bem divino"

e o "mal absoluto", a possibilidade de convivência e construção coletiva se desfaz, dando lugar à intolerância e à fragmentação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação analisou a interseção entre religião e política no Brasil nas eleições de 2022, com ênfase na sacralização da figura de Jair Bolsonaro e nas implicações desse fenômeno para a democracia e para a sociedade. Ao longo deste estudo, verificou-se como o discurso político-religioso foi mobilizado como estratégia para consolidar uma base de apoio fiel, promovendo uma retórica de polarização e antagonismo entre diferentes segmentos da sociedade. Assim, a construção simbólica de Bolsonaro como líder messiânico revelou-se um elemento fundamental na dinâmica eleitoral de 2022.

A sacralização da figura de Jair Bolsonaro, a qual se manifesta como um fenômeno de culto à personalidade em um contexto político brasileiro contemporâneo. Bolsonaro se apresenta como um homem enviado de Deus, deliberadamente construindo uma narrativa que o posiciona como o “salvador” da nação, encarregado de resgatar o Brasil de um estado de depravação e ameaças ideológicas, como o comunismo, a ideologia de gênero, a legalização do aborto e das drogas. Essa narrativa, intimamente entrelaçada com elementos religiosos, transforma o discurso político em uma arena de confronto moral e espiritual, onde a crítica a Bolsonaro é interpretada como um ataque à fé, à moralidade e Deus.

A construção deste culto à personalidade é sustentada por uma mobilização significativa de grupos religiosos que, ao apoiar Bolsonaro, não apenas validam seu discurso, mas também integram a política a um contexto espiritual, onde decisões e políticas são vistas como parte de um plano divino. Tal sacralização agrava a polarização da sociedade, uma vez que o “nós contra eles” divide a população em apoiadores fervorosos e opositores demonizados. Essa dinâmica cria um ciclo vicioso de desconfiança e hostilidade, que permeia a relação entre o governo e a oposição, bem como entre a política e a mídia, minando o espaço para um debate democrático genuíno. Desta forma cria-se um ambiente de conflito.

A utilização de elementos religiosos na construção da identidade política de Bolsonaro não foi um fenômeno isolado, mas sim parte de um movimento mais amplo que envolveu setores religiosos, especialmente evangélicos. Os líderes religiosos tiveram

papel fundamental na transformação da figura do Candidato Jair Bolsonaro em Candidato de Deus. Desde a campanha eleitoral de 2017 os líderes religiosos não só apoiam Bolsonaro, como cobraram dos seus liderados que apoiassem o candidato. A cobrança feita por alguns líderes, foi realizada de maneira coercitiva, pois, alegaram que se não votassem no em Bolsonaro iria se ver com Deus, ou ficaria fora de comunhão com a igreja e Deus, bem como, outras punições. Isso mostra o poder lesivo que Bolsonaro tem sobre a sociedade.

A dissertação demonstrou como a simbologia cristã, os discursos sobre família e moralidade e a oposição a pautas progressistas foram empregados para consolidar um comportamento político que reforçasse sua imagem de defensor dos "valores tradicionais". A política bolsonarista incorporou uma linguagem e uma estética que evocavam o cristianismo como fundamento de sua missão política. Tal estratégia se manifestou em discursos, eventos públicos e na forte presença de Bolsonaro em espaços religiosos. O uso de versículos bíblicos, orações e testemunhos públicos de fé foi elementos recorrentes na construção de sua narrativa política. Ademais, a formação de parcerias estratégicas com líderes religiosos assegurou o engajamento dos seguidores como componente de sua base de suporte.

No entanto, tal instrumentalização da fé também gerou desafios significativos para a democracia brasileira. A polarização promovida pelo discurso bolsonarista não apenas agravou a divisão entre grupos políticos, mas também criou um ambiente no qual qualquer oposição a Bolsonaro era enquadrada como uma afronta aos valores cristãos e, por consequência, a Deus. Esse fenômeno resultou na dificuldade de se estabelecer um diálogo político fundamentado em argumentos racionais, uma vez que os críticos de Bolsonaro foram frequentemente desumanizados, demonizados e acusados de ameaçar a ordem moral e religiosa da nação. Portanto, os opositores são tratados como inimigos da sociedade e de Deus, cabendo sua eliminação para o bem da sociedade.

Os riscos associados à sacralização da política, que não apenas legitima práticas autoritárias, mas também fragiliza as bases da democracia. A retórica de guerra espiritual proposta por Bolsonaro, articulada com a promoção de uma visão de mundo maniqueísta, assim, propõe que os conflitos políticos são de natureza existencial. Cria-se o santo que deve ser seguido, bem como o profano que deve ser eliminado. Nesse contexto, os líderes espirituais/políticos são vistos como infalíveis, enquanto a oposição é rotulada como inimiga do bem, criando um ambiente onde a dissidência é silenciada sob o manto da proteção de uma causa considerada suprema.

Portanto, a instrumentalização da religião pelo bolsonarismo resultou na disseminação de discursos de medo e perseguição. A retórica de "nós contra eles" foi constantemente reforçada, apresentando adversários políticos como inimigos da fé cristã, do Brasil e da família tradicional. Tal estratégia foi amplamente difundida por meio das redes sociais e plataformas digitais, criando um ecossistema informacional no qual Fake News desempenharam papel fundamental na formação da opinião pública.

A intolerância política e religiosa cresceu devido ao aumento de um discurso que promovia a disputa entre o bem e o mal. Como consequência, observou-se um aumento na violência simbólica e física contra grupos que eram percebidos como opositores ao governo. Esse cenário consolidou uma visão de mundo na qual o uso da força era justificado como meio de defesa dos valores cristãos e da nação. Essa estrutura veio da ontologização do mal, que foi um elemento central na estratégia discursiva bolsonarista.

O fenômeno consiste na atribuição de uma essência maligna a determinados grupos, eliminando qualquer possibilidade de diálogo ou compreensão mútua. O adversário político não era visto apenas como um concorrente democrático, mas sim como um inimigo absoluto, alguém que encarna o mal e que, portanto, precisa ser combatido com todas as forças. Esse tipo de enquadramento reforçou a desumanização da oposição e justificou medidas radicais para sua neutralização, comprometendo seriamente a convivência democrática e incentivando atos de hostilidade política e social.

O estudo conclui que a sacralização da política no bolsonarismo é um processo complexo que mistura fé e moralidade com poder, podendo ameaçar princípios democráticos e incentivar intolerância e autoritarismo. A premissa provoca uma reflexão urgente sobre como a relação de religião e política, quando manipulada, pode desvirtuar a esfera pública e obscurecer a verdade, ao mesmo tempo que mobiliza as massas em torno de uma figura política que se apresenta como messias em tempos de crise. O propósito da pesquisa foi demonstrar como Bolsonaro usa a religião para se promover politicamente, bem como as lesões na sociedade decorrentes dessa utilização.

Dessa forma, o estudo realizado não apenas contribui para o entendimento das interações entre religião e política no Brasil contemporâneo, mas também aponta para a necessidade de um esforço coletivo na construção de um debate político mais racional e menos permeado por discursos de intolerância. Apenas por meio do fortalecimento de uma cultura política baseada no diálogo e no respeito à pluralidade de ideias será possível superar os desafios impostos pela sacralização da política e fortalecer a democracia brasileira.

REFERÊNCIAS

Ao vivo: Bolsonaro faz discurso em Juiz de Fora (MG). PODER360 (org.). 2022. Youtuber. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aTrgkEFgycw>. Acesso em: 19 ago. 2022.

Ao vivo: Bolsonaro faz comício em Betim (MG). Tempo (org.). 2022. Youtuber. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hR0M7CVUMqI>. Acesso em: 25 ago. 2022.

Ao vivo: Bolsonaro faz campanha em BH (MG). Tempo (org.). 2022. Youtuber. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=594z5wN1Dc0&t=2s>. Acesso em: 25 ago. 2022.

ANDERSON, Perry. O Brasil de Bolsonaro. **Novos Estudos**, n. 113, p. 215-254, 2019.

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro President: Conservatism, evangelism and the Brazilian crisis. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 38, n. 1, p. 185-213, 2019.

AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (org.). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BELLAH, Robert. **Civil religion in America**. Disponível em: http://www.robertbellah.com/articles_5.htm

BELLAH, Robert N. "Civil Religion in America." *Daedalus*, vol. 96, no. 1, 1967, pp. 1–21. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/20027022>. Acesso 14 fev. 2024.

BÍBLIA SAGRADA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; PORTUGUÊS, A. Almeida Corrigida Fiel. **São Paulo: Sociedade Bíblica**, 1995.

BOGÉA, Diogo. Psicologia do bolsonarismo: por que tantas pessoas se curvam ao mito. **SP: Oficina de Filosofia**, 2021.

BOGÉA, Diogo. **Psicologia do Bolsonarismo: por que tantas pessoas se curvam ao mito?** Oficina de Filosofia, 2021. 84 p.

BOLSONARO CHAMA LULA DE "CAPETA" EM COMÍCIO NO INTERIOR DE SÃO PAULO. GZH Zero Hora, 13 set. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2022/09/bolsonaro-chama-lula-de-capeta-em-comicio-no-interior-de-sao-paulo-cl80gdt5a003g01gdwp2txoev.html>. Acesso em: 02 jan. 2025.

CAMILLO, Carlos. **Manual da teoria geral do direito**. Almedina Brasil, 2019.

CENAS FORTES: POPULAÇÃO INVADE DP, ESPANCA E PÕE FOGO EM ESTUPRADOR. Metrôpoles, 21 set. 2024. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/distrito-federal/na-mira/cenas-fortes-populacao-invade-dp-espanca-e-poe-fogo-em-estuprador>. Acesso em: 22 out. 2024.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. A campanha eleitoral permanente de Jair Bolsonaro: O deputado, o candidato e o presidente. **Lumina**, v. 13, n. 3, p. 135-151, 2019.

Comício Bolsonaro Divinópolis Minas Gerais. Partido Liberal (org.). 2022. Youtuber. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W3uU_Noj8E Acesso em: 15 fev. 2024.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2024]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 15 mai. 2024.

DE SOUSA TEIXEIRA, Joaquim. **Paul Ricoeur e a problemática do mal.** Didaskalia, v. 7, n. 1, p. 43-129, 1977.

ELEITORAL, Tribunal Superior. **Concluída a totalização de votos do 1º turno das Eleições 2018.** 2018. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Outubro/concluida-totalizacao-de-votos-do-1o-turno-das-eleicoes-2018>. Acesso em: 25 maio 2023.

ELEITORAL, Tribunal Superior. **Eleições 2018: Justiça Eleitoral conclui totalização dos votos do segundo turno.** 2018. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Outubro/eleicoes-2018-justica-eleitoral-conclui-totalizacao-dos-votos-do-segundo-turno>. Acesso em: 25 maio 2023.

ELEIÇÕES 2022: PASTORES FAZEM PRESSÃO POR VOTO E AMEAÇAM FIÉIS COM PUNIÇÃO DIVINA E MEDIDAS DISCIPLINARES. BBC News Brasil, 19 out. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63209750>. Acesso em: 20 dez. 2024.

FEDERAL, Senado. **Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil Fonte: Agência Senado.** 2016. Senado Notícias. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso em: 18 maio 2023

FIEL É BALEADO POR PM DURANTE BRIGA POR POLÍTICA EM IGREJA DE GOIÂNIA, DIZ FAMÍLIA. G1, 02 set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2022/09/02/assessor-empresarial-e-baleado-por-pm-durante-briga-por-politica-em-igreja-de-goiania-diz-membro.ghtml>. Acesso em: 11 nov. 2024

GHERMAN, Michel; KLEIN, Misha. Aquela Noite: o lugar da Israel imaginária na nova direita brasileira. **Revista Antropológicas**, v. 32, n. 2, p. 111-140, 2021.

HOMEM QUE APOIAVA BOLSONARO MATA DEFENSOR DE LULA EM DISCUSSÃO SOBRE POLÍTICA EM MT. G1, 09 set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2022/09/09/discussao-politica-homem-apoiava-bolsonaro-mata-defensor-lula-diz-policia.ghtml>. Acesso em: 02 jan. 2025.

JAIR BOLSONARO: Biografia. Câmara dos Deputados, 01 jan. 2025. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia>. Acesso em: 20 mar. 2025.

LEGISLATIVA, Câmara. **Jair Bolsonaro**: biografia. Biografia. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia>. Acesso em: 13 maio 2023.

LEIMER, P. Caminho de Bolsonaro ao poder seguiu ‘lógica da guerra’, diz antropólogo que estuda militares. **Entrevista concedida a Thiago Domenici. Agência Pública. Recuperado de** <https://apublica.org/2019/04/caminho-de-bolsonaro-ao-poder-seguiu-logica-da-guerra-diz-antropologo-que-estuda-militares>, 2019.

LOIS, Rodrigo Nunes. **Copa-2014: oito anos depois, falta pagar mais de R\$ 1,5 bilhão de financiamento dos estádios. oito anos depois, falta pagar mais de R\$ 1,5 bilhão de financiamento dos estádios.** 2022. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/futebol/materia/copa-2014-oito-anos-depois-falta-pagar-mais-de-r-15-bilho-de-financiamento-dos-estdios.ghml#:~:text=O%20levantamento%20com%20base%20em,limite%20de%20R%24%20400%20milh%C3%B5es>. Acesso em: 16 maio 2023.

LOURENÇO, Lúcio Augusto Pimentel. Teoria Pura do Direito (segundo o pensamento de Hans Kelsen). **JURISMAT**, n. 10, p. 22-22, 2017.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo.** Editora Contracorrente, 2022.

MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. **Introdução crítica à sociologia rural. São Paulo: Hucitec**, p. 77-131, 1986.

MARTINS, Yago. **A religião do bolsonarismo: um ensaio teológico.** Fortaleza: Episteme, 2021.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre Fake News e violência digital.** Companhia das letras, 2020.

NOBRE, Marcos. **Limites da democracia: De junho de 2013 ao governo Bolsonaro.** I. ed. São Paulo: Todavia, 2022.

NOBRE, Marcos. **Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia.** Todavia, 2020.

PERFIS BOLSONARISTAS FALSIFICAM LEGENDA DE VÍDEO COM AGRESSÃO VERBAL DE BOLSONARO: Postagens erroneamente sugerem que repórter teria provocado o presidente com menção a sua filha; sites se retrataram e disseram que o conteúdo da legenda era falso. Estado de Minas, 24 ago. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/08/24/interna_politica,1178963/perfis-bolsonaristas-falsificam-legenda-de-video-com-agressao-verbal.shtml. Acesso em: 22 out. 2024.

PINTO, Jaime Nogueira. **A Direita e as Direitas.** Difel-Difusão Editorial, 1996.

PINTO, Eduardo Costa et al. A guerra de todos contra todos e a Lava Jato: A crise brasileira e a vitória do capitão Jair Bolsonaro. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, 2019.

PROTESTOS PELO PAÍS Têm 1,25 MILHÃO DE PESSOAS, UM MORTO E CONFRONTOS: Nas capitais, minorias enfrentaram a polícia e outros manifestantes. Em Ribeirão Preto (SP), um jovem morreu atropelado durante o protesto. São Paulo, 21 jun. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-um-morto-e-confrontos.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

OPINIÃO: 'O GIGANTE ACORDOU, QUE SEJA PARA MELHOR': Estudantes criticam violência e explicam movimento. São Paulo, 22 jun. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/opinioao-o-gigante-acordou-que-seja-para-melhor.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

RELEMBRE DECLARAÇÕES COM OFENSAS ÀS MULHERES FEITAS PELO PRESIDENTE E A FAMÍLIA BOLSONARO. O Globo, 08 mar. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/relembre-declaracoes-com-ofensas-as-mulheres-feitas-pelo-presidente-a-familia-bolsonaro-25423642>. Acesso em: 21 out. 2024.

Ronaldo Não Se Faz Copa Do Mundo Com Hospitais Mas Sim Com Estádios. Renan Huguinin. 2014. Youtuber. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ZU9r0Scgww>. Acesso em: 16 maio 2023.

RUY, José Carlos. **O gigante acordou em junho de 2013?** 2014. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2014/06/13/o-gigante-acordou-em-junho-de-2013/>. Acesso em: 15 maio 2023.

SELL, Wilhelm; CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. VOCAÇÃO POLÍTICA DA IGREJA EM TEMPOS SOMBRIOS: DENÚNCIA DE DIETRICH BONHOEFFER AO MESSIANISMO POLÍTICO. **Protestantismo em Revista**, v. 46, n. 01, p. 50-63, 2020.

SEXUALIDADE NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA. S/A. S/D e S/L. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2025.

SILVA, Wellington Teodoro; SILVA, Alexandre Sugamoto e. THALES DE AZEVEDO E A RELIGIÃO CIVIL BRASILEIRA. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião - UNICAP**, Recife, PE, Brasil, v. 13, n. 32, p. 125–137, 2022. DOI: 10.25247/paralellus.2022.v13n32.p125-137. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/2114>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SOLANO, Esther et al. (Ed.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil.** Boitempo Editorial, 2018.

TATAGIBA, Luciana. Desdemocratização, ascensão da extrema direita e repertórios de ação coletiva. **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política.** Belo Horizonte: Autêntica, p. 441-452, 2021.

UOL. **Michelle Bolsonaro discursa em Juiz de Fora; Joel: 'Fala como pastora ao citar 'milagre de Deus'.** 2022. Youtuber. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xXFMiN4gRMI>. Acesso em: 19 ago. 2022.

VEJA NOVE VEZES EM QUE BOLSONARO ATACOU OS DIREITOS DAS MULHERES: Histórico de falas misóginas e sexistas começa muito antes de 2018, quando foi eleito presidente da República. Brasil de Fato, 08 mar. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/08/veja-nove-vezes-em-que-bolsonaro-atacou-os-direitos-das-mulheres>. Acesso em: 21 out. 2024.

VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS CRESCE 105,77% EM 2020, COM JAIR BOLSONARO LIDERANDO ATAQUES. FENAJ, 26 jan. 2021. Disponível em: <https://fenaj.org.br/violencia-contrajornalistas-cresce-10577-em-2020-com-jair-bolsonaro-liderando-ataques/>. Acesso em: 17 out. 2024.

XAVIER, Liniker. "ELEIÇÕES 2018 E OS VALORES CRISTÃOS NA ESCOLA DOMINICAL: Convergências E Contradições Pentecostais." *Interações: Cultura E Comunidade* 14.25 (2019): 96-116. Web.